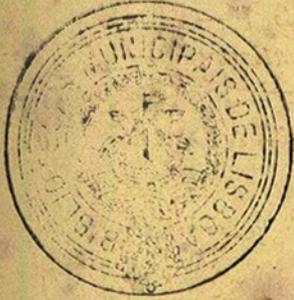


# SERÕES



REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA

## SUMMARIO

SCENAS CAMPESTRES.—EMPLE-  
NO AZUL.—O RETRATO DO IMPE-  
RADOR.—DE LISBOA A MOÇAMBI-  
QUE.—SANTA ADOZINDA.—O SOLAR  
DA SEMPRE NOIVA.—PREDICÇÃO  
HISTORICA.—AS CHAVES DO ESTREI-  
TO.—A FEIRA DE VIANNA DO CASTELLO.  
—A FEITICEIRA.—QUEREIS CEREJAS? —  
MODAS.—VARIEDADES.

VOL. 1

AGOSTO — 1901

NUM. 5

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

# SUMMARIO

	Pag.
<b>O ESTIO.</b> — <i>Quadro de N. LANCRET</i> .....	258
<b>SCENAS CAMPESTRES.</b> — <i>Com 2 gravuras</i> .....	259
<b>EM PLENO AZUL.</b> — DE FRANÇA Á RUSSIA EM BALÃO. — <i>Com 5 gravuras</i> .....	261
<b>O RETRATO DO IMPERADOR.</b> — FESTA DO REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 4. — <i>Com 17 gravuras, copia de photographias</i> .....	266
<b>DE LISBOA A MOÇAMBIQUE.</b> — Por ANTONIO ENNES. — <i>Capitulo V</i> — MOÇAMBIQUE, O CONTINENTE, AS CABACEIRAS, O MOSSURIL. — <i>(Continuação)</i> — <i>Com 3 gravuras, reproducções de photographias, e assignatura autographa</i> .....	273
<b>SANTA ADOZINDA.</b> — <i>Novella rustica por ABEL BOTELHO.</i> — <i>Capitulo V</i> — A SANTA. — <i>Com 3 gravuras, desenhos do auctor, ABEL BOTELHO</i> .....	281
<b>O SOLAR DA SEMPRE NOIVA.</b> — Por GABRIEL PEREIRA. — <i>Com 6 gravuras, reproducções de photographias de ARNALDO FONSECA</i> .....	287
<b>PREDICÇÃO HISTORICA.</b> — MYSTERIOS DA HISTORIA — <i>Com 8 illustrações</i> ....	291
<b>AS CHAVES DO ESTREITO.</b> — GIBRALTAR — <i>Com 6 gravuras, copia de photographias</i> .....	301
<b>SEGREDOS DO AMOR.</b> — <i>Quadro de PRESCOTT DAVIES</i> .....	306
<b>A FEIRA DE VIANNA DO CASTELLO.</b> — FESTA DA SENHORA DA AGONIA. — <i>Com 11 gravuras, copia de photographias</i> .....	307
<b>FEITICEIRA</b> — <i>Valsa por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL</i> .....	314
<b>QUEREIS CEREJAS?</b> — <i>Quadro de JOHN RUSSEL</i> .....	318
<b>MODAS.</b> — <i>Com 2 gravuras</i> .....	319
<b>VARIEDADES.</b> — O BALÃO DIRIGIVEL, MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — PROBLEMAS. — <i>Com 3 gravuras</i> .....	XXXIII

**69 GRAVURAS**

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar serie adiantada de 12 numeros, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes em qualquer outra terra do paiz poderão inscrever-se por:

<b>Series de</b> {	<b>3 numeros</b> .....	<b>600</b>
	<b>6 numeros</b> .....	<b>1\$200</b>
	<b>12 numeros</b> .....	<b>2\$200</b>

*remettendo* á administração dos **SERÕES**, em Lisboa, Calçada do Cabra, 7, a respectiva importancia *directamente* ou por intermedio dos correspondentes da empresa.

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo de cobrança pelo correio.

# LIVRARIA FERIN

FUNDADA EM 1840

Premiada em diversas exposições, inclusivé na Universal de 1900 com MEDALHA D'OURO

Fornecedora da Casa Real

Repartições do Estado, Escolas, Direcções das O. Publicas, etc.

## ULTIMAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

ANTONIO VIANNA

*Apontamentos para a Historia diplomatica Contemporanea* — **A revolução de 1820 e o Congresso de Verona**, 1 vol. 700

FERNANDO MAYA

**A tactica das tres armas**, 1 vol. . . . . 1\$000  
**Da Cavallaria, sua missão estrategica e tactica**, 1 vol. . . . . 1\$500

RIBEIRO ARTHUR — **A legião portugueza ao serviço de Napoleão**

Illustrado com quatro aguarellas do auctor, 3 photogravuras e desenho de Ed. Detail  
1 vol. — 3\$000 réis.

## NO PRÉLO

ANTONIO VIANNA — **TOBIAS**, versão do canto biblico, em verso decasyllabo, com illustrações de COLUMBANO

**Henryk Sienkiewicz** — *Quo Vadis*  
» » *Par le fer et par le feu*  
» » *Bartek le victorieu*  
» » *En vain*  
» » *Sans dogme*  
» » *Hania*  
» » *Suivons-le*  
» » *Chevaliers de la Croix*

**Gautier** — *Année Scientifique.*  
**Hospitalier** — *Formulaire de l'electricien.*  
**Hurst** — *Notre marine de guerre.*  
**V. Hugo** — *Lettre à la fiancée.*  
**Zola** — *Travail.*  
**Heidenstam** — *L'epopée du roi.*  
**Dreyfus** — *Cinq années de ma vie.*  
**Brassey's** — *Naval Annual.*

## ASSIGNATURA DE TODOS OS JORNAES EXTRANGEIROS

Officinas de Typographia e Encadernação

Onde se executam todos os trabalhos, desde o mais simples, até ao mais luxuoso e artistico

Exposição permanente de instrumentos de precisão, das principaes casas

L. P. CASELLA (LONDRES), OTTO FENNEL (CASSEL), SECRETAN (PARIS)

PAPEIS E MAIS ARTIGOS DE DESENHO

Unico agente em Lisboa do

«**AUTOCOPISTE NEGRO**», o melhor até hoje conhecido para copias

70 — Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

# Carlos Corrêa da Silva

Rua Serpa Pinto, 24 — LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

MOTORES A GAZ

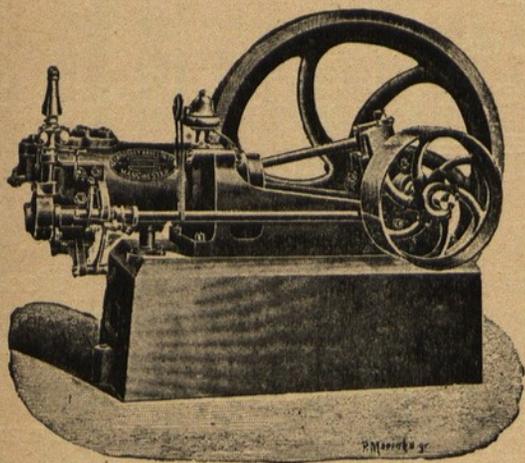
CROSSLEY

MACHINAS A VAPOR

MATERIAES

PARA

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA



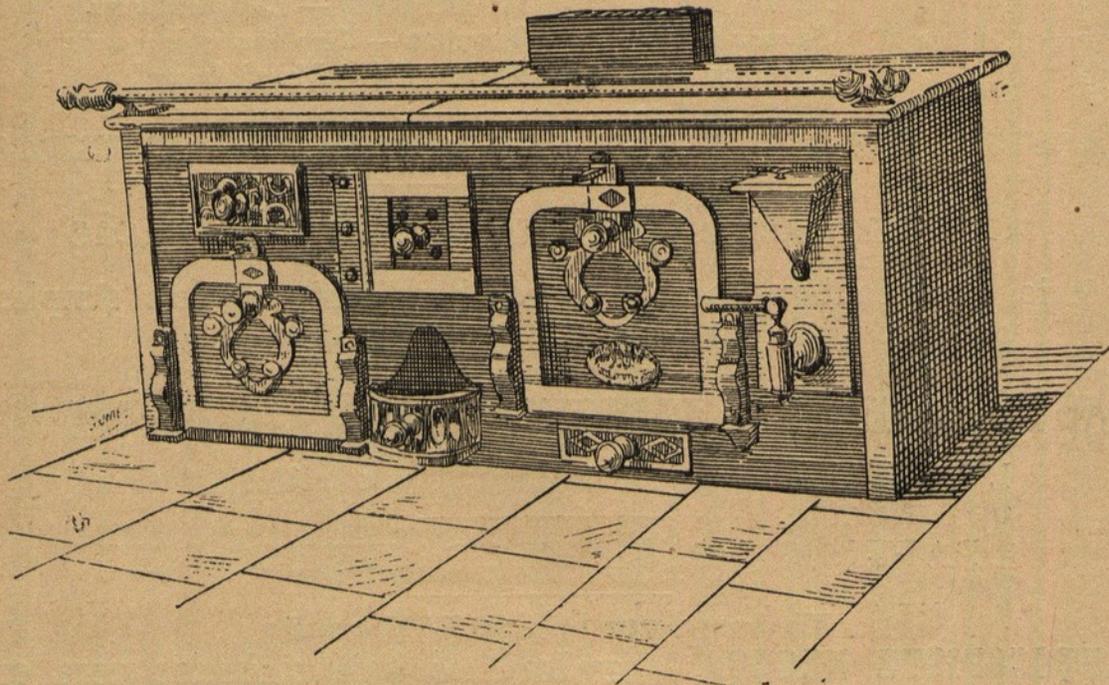
Tintas de imprensa de CH. LORILLEUX & C.<sup>ie</sup>

---

## MANUFACTURAS DE FERRO, COBRE E BRONZE MANUEL PATRONE

*Executam-se todos os trabalhos de serralheria civil e mechanica, montagem de aparelhos para gaz acetylene e outros e de electricidade*

**ESPECIALIDADE EM FOGÕES CIRCULARES E FOGAREIROS ECONOMICOS**



Balanças diversas. Grande fornecimento de accessorios para luz de incandescencia e candieiros para gaz

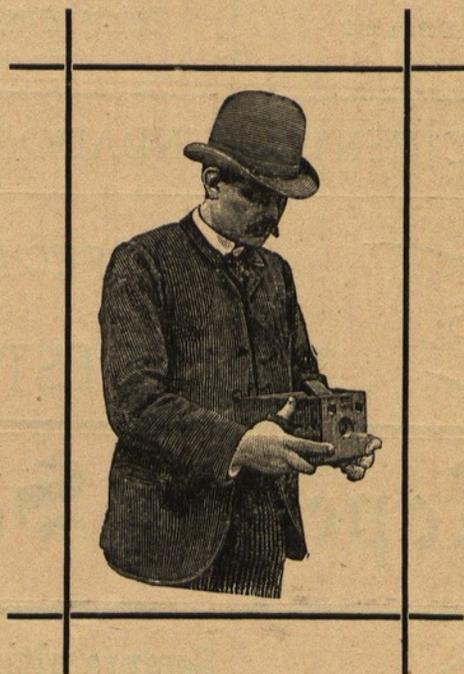
**RUA DE S. PAULO, 109**

# J. J. RIBEIRO & C.<sup>A</sup>

222, Rua Aurea, 226

LISBOA

Instrumentos de optica  
e cirurgia  
topographia, astronomia  
etc.



Instrumentos de optica  
e cirurgia  
topographia, astronomia  
etc.

Grande sortimento de machinas e accessorios para photographia

---

**KODAKS DA COMPANHIA EASTMAN, DESDE 1\$600 A 80\$000 REIS**

---

**CHAPAS E PAPEIS SENSIVEIS DE VARIOS FABRICANTES**

(Ilford, Lumière, Wellington, Mercôr, Jougla, Paget, Imperial, etc.)

---

**OBJECTIVAS DOS MAIS AFAMADOS FABRICANTES**

---

Productos chimicos especiaes para photographia, de fabrico inglez, francez e allemão

---

**GRANDE VARIEDADE EM CARTÕES PARA PHOTOGRAPHIA**

---

Obturadores, prensas, aparelhos de ampliação, tinas; emfim, todo o material  
necessario ás manipulações photographicas

**PINHEIRO & SOBRINHO**

*ALFAYATERIA*

Rua de S. Julião, 83 a 87

GRANDE SORTIDO

DE

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

CONFECCOES PARA HOMENS E CREAÇAS

*Encarregam-se de todos os trabalhos do seu genero  
garantindo a sua perfeição*

Rua de S. Julião, 83 a 87  
LISBOA

**TABACARIA MARQUES**

**RUA DO OURO, 152**

**SEMPRE NOVIDADES!**

Bolsas para tabaco e dinheiro.  
Cigarreiras e Charuteiras, de cabedal e metal.  
Bilheteiras e Carteiras, ultimos modelos.  
Cachimbos d'ambar, espuma e raiz.  
Boquilhas, legitimo ambar amarello e preto.  
Boquilhas hygienicas Marques, com deposito  
para nicotina.

Revistas navaes, militares, theatraes e modas

*Obras litterarias e romanticas*

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM 1874

ESPECIALIDADE

EM

TECIDOS ESTRANGEIROS

**Lopes de Sequeira**

Sempre ultimos modelos

VESTIDOS, CONFECCOES E CHAPEUS

Rua do Ouro, 285 a 293

LISBOA

**PITTA, CAMISEIRO**

ENXOVAES COMPLETOS

Artigos de novidade  
para homem

195, RUA AUGUSTA, 197  
LISBOA

**A PHENIX**

RUA DO PRINCIPE

*Edificio do Avenida Palace*

LISBOA

TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

Variado sortimento de objectos para brindes

PERFUMARIAS

ARTIGOS PARA FUMADORES





O ESTIO — QUADRO DE LANCRET



# Scenas Campestres

EM todo o tempo a imaginação dos artistas procurou symbolisar as estações do anno, como os elementos, as virtudes, os affectos, inspirando-se na simples observação da natureza ou traduzindo d'uma forma sensível e bella a concepção mythica que lhes dava definição, ou ainda alliando estas duas tendencias genericas de expressão esthetica, a allegoria e o realismo, para mais completamente attingir o ideal proprio, variavel segundo as épocas historicas, o predomínio de preoccupações intellectuaes, e a influencia decisiva dos costumes. Para commentar graphicamente, como é d'uso n'estas revistas, o mez publicam-se duas reproducções de quadros de mestres do seculo XVIII, um symbolizando propriamente a estação estival, outro immobilizando, n'uma composição caprichosa, um aspecto campesino ou pastoral.

Quem procurasse estudar exclusivamente a época d'estes quadros pelo exame e pela

critica das obras dos pintores do tempo, desconhecendo tudo quanto a historia registasse em relação áquelle mesmo periodo, teria uma impressão bem viva, marcada, suggestiva d'um convencionalismo exaggerado, d'uma complexa urdidura, de costumes naturalistas e de aspectos artificiaes, e pouco a pouco reconstituiria aquella sociedade galante, na sua maneira caprichosa e na sua exuberancia mundana.

Sobre fundos de paisagem esbatida,meticulosamente escolhida, muito composta, entre arvores em grande *toilette* de verdura cuidadosamente disposta, com decorações classicas de estatuas dispersas pelas alfombras, columnellos partidos, fontes encimadas de idolos, e ao longo indicação de campanarios isolados, de cabanas humildes,



PASTORAL — QUADRO DE BOUCHER

agrupam-se personagens enroupados das mais custosas e garridas sedas, pés descalços para affirmar origem campezina, mas rosados para manter delicadezas, pastorinhas

que retratam marquezas, pastores que lembram pagens, todos dispostos em attitudes que recordam festas de salões, decorados a ouro e branco, e affectam delicadezas de côrte, requebros de pavanas dançadas em honra de soberanos, graciosas mesuras de minuets em festival palaciano, transportado para o campo, para o vasto terreiro dos jardins recortados.

Eis a feição característica das pinturas galantes que de Watteau a Boucher alegam a vista nos salões dourados e nos *boudoirs* perfumados, despertam a voluptuosidade enfraquecida, enquadram as decadencias moraes d'aquella época em França.

Os proprios *ateliers* dos artistas tornaram-se apropriadas ante camaras de luz tamisada e discreta para o esplendor da nudez que vinha *poser* deante as suas telas. Pelo gabinete de Boucher, o pintor predilecto de Madame Pompadour, passaram, em magnificante revista de formas correctas ou graciosas, bellas marquesinhas da época, grandes damas, cortesãs, actrices, figurantes do mundo, cujos modelos elle ia fixando nas suas composições em deliciosas indispções de intimos encantos. Madame Pompadour que praticava, ella propria, as artes do desenho e da gravura deixou-se retratar repetidas vezes por Boucher, o qual por isso tem sido chamado o Raphael d'aquella extranha *madonna*.

Todavia, por artificiosas, convencionaes, amaneiradas que sejam as pinturas d'aquelle tempo, aparentam sempre na nudez ousada ou no symbolismo campestre uma graça tão finamente delicada que transmuda a vida em conto de fadas e illude a severidade critica.

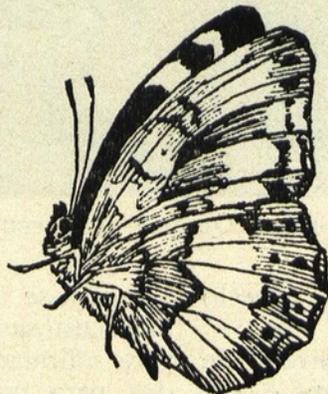
E' curioso o exame successivo das graduações por que vae passando a pintura franceza desde Watteau (1684-1721) ou desde Lancret (1690-1743) até Boucher (1704-1770), comparando-as com o desenrolar dos acontecimentos, com a transformação dos costumes, com o predominio da côrte, com a germinação da nova vida que havia de des-

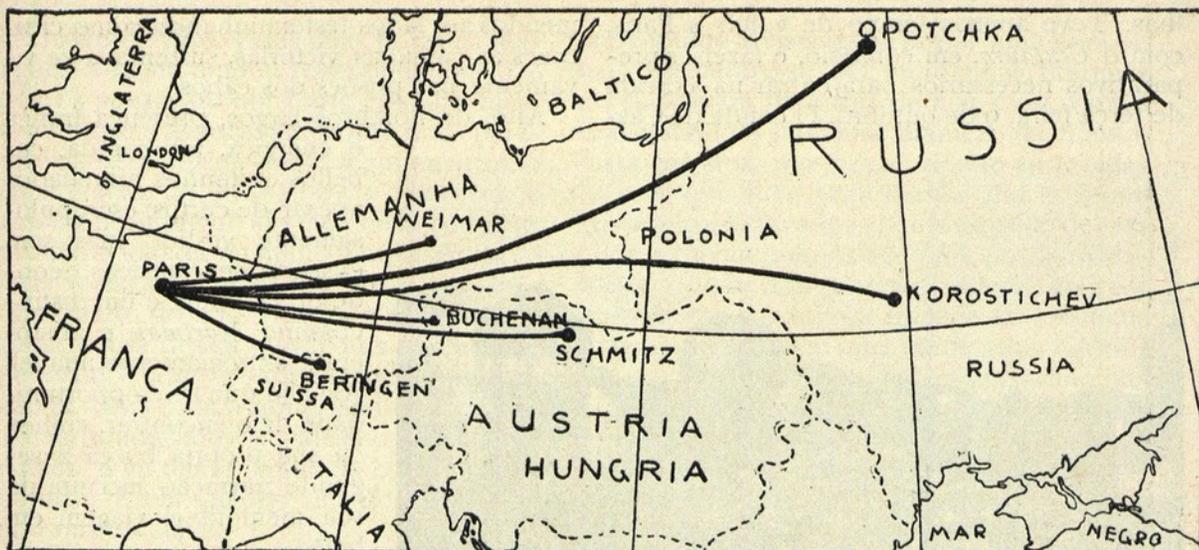
abrochar entre ruinas para o fim do seculo, na tremenda mas luminosa revolução.

Reconhece-se facilmente como a escola franceza obedeceu ás suggestões do tempo, descendo da pompa realenga que lhe impo- sara o estylo academico, guindado, para cahir na affectação graciosas, elegante, variavel como a moda futil que lhe domina o gosto e lhe determina a composição.

Não é este, porém, o nosso intuito; outro bem mais restricto; commentar o Estio n'um symbolismo d'arte, reproduzindo o quadro de Lancret que entre os trigaes, a abundancia no lar, o pão do trabalho, colloca a alegria da vida, representada na dança despreocupada dos trabalhadores, no enleio terno e enamorado d'aquelle par que sentado sobre o molho de espigas ceifadas, projecta a constituição da familia, e sobre o qual cahem os olhares expressivamente risonhos e commentadores dos que vão dançando e cantando, em roda, de mãos dadas, como quem já fez a colheita do prazer, e aproveita agora o momento de goso repousado e feliz.

Lancret apresentou no salão de 1738 quatro quadros representando as *estações* e destinados á decoração do *château* de la Muette. Suppõe-se que esses quadros são os que hoje se expõem nas salas do museu de Louvre, em Paris, quadros de pequenas dimensões, nos quaes as figuras apenas attingem no maximo 0,<sup>m</sup>25 de altura. Nicolau Lancret tinha menos fantasia poetica do que Wateau; porem maior amor pela verdade pintando com maior rigor de observação, preocupado um tanto com a realidade, não esquecido de todo da natureza para lhe fixar a côr e para surpre- hender a attitude dos modelos, embora só- mente conseguisse reproduzir typos de convenção. Foi um pintor fecundo, fertil em recursos para variar os symbolismos obrigados da occasião, a que tinha de sacrificar, minucioso na execução, buscando reproduzir a physionomia do seu tempo, e dar na composição a maior somma de intensidade emotiva.





Mappa dos caminhos dos seis balões competidores na corrida do GRAND PRIX. O Centauro desce em Korostichev; o São Luis em Opotchka; o Aero-Club em Schmitz; o Lorraine em Weimar; o Touring Club em Buchenan e o Nimbo em Beringen.

## EM PLENO AZUL

De França á Russia em balão

Uma irresistível curiosidade leva-nos constantemente á investigação de todos os mysterios que nos rodêam, impelle-nos á exploração de todos os campos onde a nossa actividade, incansavel e avida de sensações novas, possa livremente exercer-se: — percorrer os mares desconhecidos, atravessar os continentes, subir ás mais altas montanhas, descer ás mais profundas cavernas, experimentar os mais oppostos climas, explorar as regiões mais diversas. Por ultimo, no constante intuito de dominar e de vencer, partir em balão á conquista do azul, arrostar contra a impetuosa violencia das suas correntes, sujeital-as ou utilisal-as, tem sido recentemente o esforço intenso da sciencia e da coragem que nenhum malogro, nem desastre, como o de Andrée na sua expedição ao polo do norte, desanimam ou abatem. Ao contrario, provocam estimulos onde os meios de fortuna podiam apenas determinar gosos faceis; o SPORT aereo assume a direcção da cruzada, dedica-se á propaganda, e exemplifica com o proprio esforço, na apparente realisação d'um praser, a utilidade do emprehendimento, cheio de fecundos resultados.

N'ESTES dois ultimos annos, o sport aeronauta tem recebido um forte e fecundo impulso e estimulo que veio a corôar-se agora pela concludente experiencia do balão-dirigivel de Santos Dumont. Este resultado deve-se principalmente ao Aero-Club de Paris. Esta associação conta 400 membros, e é talvez o mais democratico club existente. Na lista dos socios, ao lado dos mais distinctos nomes que a França póde apresentar em todos os ramos da sciencia, figuram duzias de homens de simples trabalho, e destacam-se outros cuja nobreza se azula nos mais velhos pergaminhos.

Desde a fundação do Aero-Club as ascensões tem sido quasi continuas em Paris, e o

maximo de actividade aerostatica foi attingido em outubro passado na corrida para o grand prix, na qual dois dos seus mais distinctos socios, o conde Henry de la Vault e o conde de Castillon de Saint Victor, viajaram no balão Centauro, de Paris a Korostichev, na pequena Russia, um vôo de 1.800 kilometros em 35 horas e tres quartos.



O CONDE HENRY DE LA VAULT

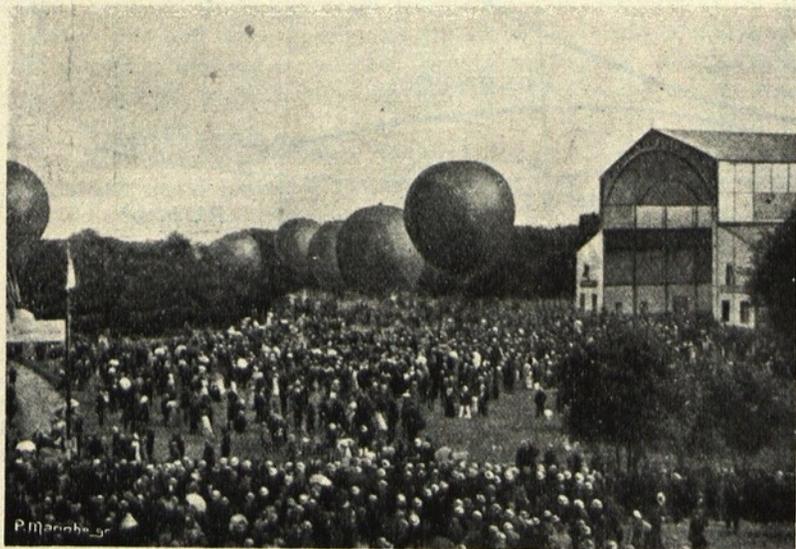
A viagem mais longa do conde de Vault em balão antes d'aquella, em que ganhou o grand prix, fôra a de 30 de setembro, quando largou de Vincennes no mesmo balão, o Centauro, e vinte e uma horas depois chegava á

Polonia russa. N'essa occasião só bateu o seu principal concorrente o São Luis por dez mi-

lhas. Teve apenas tempo de voltar a Paris, com o *Centauro*, em comboio, e fazer os preparativos necessários para entrar na corrida de terça feira, 9 de outubro. O conde de Cas-

mendos aos lados testemunhando como cica-trizes as passadas victorias, sustentava-se vivamente nas prisões dos cabos.

Alto, de hombros largos, presença franca e energica, tez corada, cabellos castanhos annellados apesar de curtos, escrupulosamente vestido mas sem exaggeros excentricos, o conde de la Vault é um distinctissimo *sportman* e aristocrata extremamente affavel. Alguem que teve oportunidade de o encontrar, colheu da sua propria bocca a seguinte narração succinta da sua memoravel viagem em balão.



O publico espera que os balões inscriptos partam do parque de Vincennes

tillon, seu amigo e elle, tinham convencionado mutuamente que aquelle que marcasse o menor numero de pontos durante a *season* aerostatica, haviá de ceder a sua probabilidade de ganhar a taça, e ajudar o outro a alcançar a victoria final. Foi o que succedeu com o capitão do *Centauro*, que teve o conde de Castillon como *alter ego*.

Houve ao todo seis inscrições para a corrida, variando as dimensões dos balões, desde o *Lorraine* de 1.200 metros cubicos, até ao *São Luis* de 3.000 metros cubicos; o *Centauro* media a capacidade de 1.630 metros, exactamente a mesma do balão do *Aero-Club*.

Pelas quatro horas e meia da tarde todos os balões estavam promptos para a partida. Foi absolutamente impossivel conseguir encher de todo o *Centauro* com hydrogenio puro, e os aeronautas tiveram de completar a differença com o gaz ordinario de illuminação. Por esse motivo só poderam levantar um pezo total em lastro, incluindo provisões, de 800 kilogrammas. Um metro cubico de hydrogenio puro tem a força ascencional de 2  $\frac{1}{4}$  lbs., emquanto que um metro cubico de gaz ordinario, tal como é fornecido para a illuminação usual, não alcança mais de 1  $\frac{1}{2}$  lbs., sendo estas duas forças sujeitas a ligeiras variantes conforme as circumstancias.

O primeiro balão a largar, punctualmente ás cinco horas, foi o do *Aero-Club* com o sr. Jacques Faure; o grande *São Luis* foi o segundo, e vinte minutos depois das cinco coube a vez ao *Centauro*, o qual, com re-

escnra, com alguns pontos luminosos, vagamente definidos, ao longe, para lado do oeste. O *Centauro* subira a 1500 metros acima do nivel do mar, quando appareceu a lua com tão radiante brilho que podiamos fazer leituras nos instrumentos sem o auxilio da luz electrica. A cada instante, estrellas cadentes atravessavam rapidas, fugazmente luminosas, a amplidão do firmamento, parecendo que o seu vôo no ether nos presagiava exito feliz.

A's oito horas tomamos a nossa primeira refeição *à la turque*, ou antes *à la sauvage*, pois nem tinhamos talheres, nem meza. Em compensação podiamos-nos considerar, ao menos na posição, superiores ao resto da humanidade, mas os sons confusos que vinham até nós de baixo, murmurio de vozes, somma de ruidos extranhos, recordavam-nos que eramos uns simples ociosos, distrahindo-se e em breve teriamos de descer e voltar outra vez á vida real, cá da terra.

Rheims, com a sua cathedral descobrindo-se entre os raios lunares, passava em baixo como o scenario d'um theatro colossal, e logo em seguida atravessavamos o Swippe deslizando como um phantasma a sombra do *Centauro* sobre as crystallinas aguas das lagoas, onde a lua parecia remirar-se complacientemente como se fosse em espelhos collocados ali de proposito para satisfação da sua vaidade feminina. Um pouco mais para o norte, appareceu-nos a fatal planicie de Sedan. Minutos depois atravessavamos as fronteiras da Belgica.

O thermometro cahiu doze graus centigra-

dos abaixo de zero. Pelas duas horas da madrugada a scena mudou repentinamente. De todos os pontos do horizonte pesadas massas de nuvens avançavam sobre nós, parecendo querer esmagar-nos e, seguramente em menos tempo, do que se leva a descrever, o *Centauro* ficou envolvido em densa cerração. Felizmente não durou muito tempo. Ao amanhecer verificamos que tínhamos apenas gasto um quarto do nosso lastro, e a menos que alguma cousa desagradavel nos succedesse, esperavamos poder continuar todo o dia e, se possível fosse, toda a noite tambem.

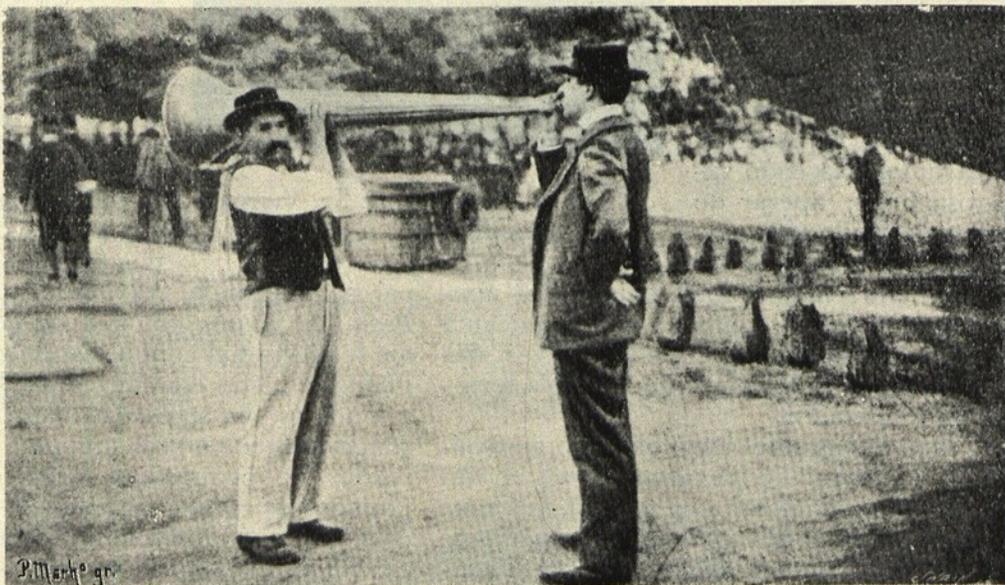
Amigos, educados no mesmo collegio, de Castillon e eu temos illimitada confiança um no outro, e em quanto um dos dois dormia o outro velava.

Às quatro e meia o horizonte illuminou-se brilhantemente de purpura e oiro, e vimos que caminhavamos em direcção certa do oriente; mas, devido á queda de temperatura que precede a apparição do dia claro, e á contracção consequente do gaz, descemos aproximadamente a 500 metros da superficie da terra, A nossa presença foi logo descoberta, porque numerosas vozes simultaneamente nos saudavam, e comquanto respondessemos pelo nosso porta-voz, foi-nos impossivel comprehender uma unica palavra cujos sons nos chegavam aos ouvidos. Comtudo quê nos importava? Estavamos seguros da marcha, e toda a vastidão do continente desdobrava-se ante nós. Logo depois calculámos que estavamos sobre as

montanhas thurigianas na Saxonia. Às 6 e meia, quando o disco do sol appareceu ante os nossos olhos em todo o seu esplendor, descobrimos um balão atrás de nós, comquanto em muito mais elevada

altitude, que suppozemos ser o *São Luis* mas não podêmos, mesmo com o auxilio dos oculos certificarmos-nos d'isto. Pelas oito horas as nuvens, que nos tinham

interceptado a vista da terra por uma hora ou duas dissiparam-se. As montanhas thurigianas já ficavam para trás de nós, e estavamos atravessando a immensa planicie da Silesia. Passavam-nos, por baixo, cidade apoz cidade sem que lhes podessemos dar o nome verdadeiro. Estavamos n'uma altitude de cerca de 2.700 metros, e o *São Luis*, de cuja identidade já estavamos certos, pairava mais alto. Uma nuvem, odiosa inimiga do aeronauta, comquanto fosse uma tenue gaze, cortou-nos os raios do sol; d'ahi condensação consequente do gaz e lá se foram tres saccos do precioso lastro, antes que podessemos readquirir o nosso anterior equilibrio. Depois subimos a 4.000 metros e fomos obrigados a inhalar oxygenio. Outra nuvem intrusa e impertinente, d'esta vez espessa massa accumulada, deitou-nos novamente abaixo para 1.500 metros, pela 1 hora da tarde. O *São Luis* evidentemente soffrera no mesmo caminho as mesmas alternativas atmosphericas. N'uma occasião, vimol-o descer com uma velocidade aterradora, e logo depois subir apressadamente. Esta corrida em pleno azul começava a ter para nós um interesse palpitante. Era uma regata no vasto oceano das nuvens, entusiastica, original. Estivemos uma vez tão perto um do outro que quasi podiamos fallar d'uma para outra barquinha. A's duas horas calculámos que o *São Luis* estaria a altitude de 6.700 metros, muito por cima de nós. Pouco depois, esteve uma vez no nosso nivel e



Annuncia-se ao publico os nomes dos competidores na corrida de balões

por fim desceu muito, parecendo marchar por meio da *guide-rope*, da ancora. Divisámos uma grande cidade, Breslau; e 5 minutos antes das quatro, depois de ter atravessado o Oder, vi-

mos o *São Luis* pela ultima vez. Viajavamos n'uma altura de cerca de 4.000 metros, e a terra foi-nos de novo occultada por um mar de nuvens. Repentinamente, aos nossos pés, o topo do *São Luis* a medo furava as algodoadas ondas, submergindo-se n'ellas em seguida. As nossas direcções deveriam ter divergido desde aquelle momento.

Por causa do excessivo frio e da rarefacção do ar estivemos inhalando oxygenio, alternando esta operação animadora com a ingestão apropriada d'uma colher de *brandy*. A esse tempo atravessámos as fronteiras da Russia, e pareceu-nos que a viagem terminaria em breve, mais aqui ou mais acolá, porque as extremidades do *Centauro* tornaram-se repentinamente tão flacidas que nós achamos de repente em descida. Não duvidámos agora deitar fóra lastro. Usavamos d'uma concha de sopa para medir a areia. Esquisita, quanto pôssa parecer, a concha de sopa é para nós e por excellencia n'estas occasiões a melhor medida. A's 4 h. 25, quando o sol desapareceu no horizonte, podíamos ainda contar com seis saccos de areia, quer dizer, exactamente com trezentos quintaes. Não era muito para passar ainda uma noite, mas afinal resolvemos fazer a experiencia. Estavamos descendo vagorosamente, apesar de irmos deitando fóra uma a uma conchas cheias de areia. Pelas cinco e meia pairavamos apenas a 600 metros acima da terra, e deante de nós planicies sem limite, atravez das quaes um verdadeiro furacão irrompia temeroso e devastador.

Tendo conseguido obter equilibrio, aproveitámos o intervalo, para tomarmos algum alimento apressadamente, mas a fadiga excessiva — tendo passado vinte e quatro horas sempre em guarda — tirou-nos o appetite. O horizonte agora illuminou-se quasi continuamente por intensas faiscas coruscantes de nuvens para nuvens e para a terra, e distinguíamos ao longe o ribombo do trovão. Comquanto estivessemos muito acima da tempestade receiavamos a todo momento ser arrastados no turbilhão electrico, cujo spectaculo nos maravilhava.

Principiava a dormirar vencido pela fadiga quando Castillon me acordou de repente. Sem nenhuma prevenção, o *Centauro*, excentrico como todos os seus congenes, saltara para a sua passada altitude de 4.800 metros. A temperatura estava longe de ser tropical. Mesmo cobertos, como estavamos, com os nossos casacos de pelles, os dentes battiam-nos involuntariamente, tiritavamos com frio. O tubo de oxygenio voltou outra vez a serviço permanente. Recorremos para nos agasalhar ás proprias cobertas de lona do balão. Pouco a pouco o *Centauro* foi retomando o nivel de 600 metros; porém muitas vezes, tivemos

de soffrer a experiencia de subir e descer, e cada um de nós foi aproveitando ensejos para dormir nos intervallos das subitas ascensões.

O silencio da noite era interrompido pelos estridulos de milhares de passaros esvoaçando sobre os pantanos em discordante harmonia com o grasnar das rãs. Estavamos então atravessando os horrorosos e movediços lodos dos pantanos de Pinks, cobrindo centenas de milhas quadradas, onde ninguem pôde passar. Verificámos n'aquelle momento a superioridade do balão como meio de locomoção.

Para éste uma clariidade pardacenta annunciava-nos já o amanhecer d'um outro dia. Pouco a pouco appareceu nos á vista a terra, e afinal

pela segunda vez desde que deixámos Paris, os nossos olhos e os nossos espiritos se alegraram com a dispersão das trévas. Planicies vastas continuavam a desenrolar-se aos nossos pés, sementeas de pobres cabanas; sómente aqui e ali construcções maiores, corôadas de pequeninas torres e zimbórios, pintados de côres brilhantes, se illuminavam com os primeiros raios do sol nascente. Que estavamos realmente na Russia não podia haver duvida.

Ainda conservavamos dois saccos e meio de areia. Em poucos momentos, quando o calor do sol em cheio dilatasse o gaz, deviamos fazer outro salto para as mais altas regiões da atmosphaera, e tinhamos esgotado a nossa provisão de oxygenio. Portanto deci-



O CONDE CASTILLON DE ST. VICTOR  
Na barquinha do «Centauro»

dimos continuar a nossa jornada tão perto da terra quanto possível, abrindo a valvula constantemente para compensar a dilatação produzida pelo calor solar.

A distancia distinguimos uma cidade que nos parecia importante; era a primeira que viamos depois de despontar o dia. A nossa direcção levava-nos para ella, e ao longe havia florestas, cuja extensão não tinha limites. Julgámos portanto prudente dar por finda a nossa viagem, pela suprema razão de que a quantidade de lastro que nos restava era insufficiente para qualquer outra tentativa.

Chegados aos arrabaldes da cidade deitámos a ancora, a *guide-rope* a qual, garrando sobre os telhados cobertos de colmo, fez sahir das casas numerosos habitantes de longas barbas que, com armas levantadas e caras assustadas, vociferavam sem que os podessemos entender. Passámos depressa sobre a povoação e chegámos á orla da floresta. Até que afinal, n'uma pequena clareira, a ancora prendeu firme n'uma das arvores que a fechavam em redor. Castillon abriu a valvula o mais largo possível e a barquinha pousou na terra suavemente. O pobre *Centauro*, cançado cahiu ao seu lado, já quasi vasio. A nossa viagem aerea estava finda. De todos os lados accorreram homens e mulheres a reunirem-se curiosos em volta do nosso balão. Os homens usavam tunicas atadas na cintura com calças e botas altas; o fato das mulheres era muito parecido, apenas com a differença de que as botas eram de côres claras, predominando o amarello e o encarnado.

Depois de muita mimica, convencemos dois moujiks a levar-nos no seu carro para a cidade. De caminho desdobrei o meu mappa, mostrei-o e deligencieei fazer com que me dissessem onde estavamos. Um apontou com um index pouco limpo para Moscow, emquanto que o seu companheiro poz decidido o seu pollegar tambem sujo em Bucharest. Os viajantes devem contentar-se com pouco, teem sentenciado alguns philosophos; portanto resingamo-nos ao ditoso estado de

ignorancia, e por mimica dissemos aos conductores que nos levassem a um hotel.

Julgámos que os nossos desejos iriam ser satisfeitos, mas não ficámos pouco surpresos quando nos achámos na repartição da policia. Os dois simples moujiks transformaram-se em delatores e ficámos seus prisioneiros. O chefe da policia fez-nos comprehender isso, da maneira a mais delicada do mundo, mas nem por isso deixámos de ser prisioneiros.

Comquanto não soubessemos russo nem elle o francez, viemos á comprehensão de que tinhamos commettido a grave offensa de entrar nos dominios do grande czar sem passaporte! E' preciso confessar que não soffremos rigores no captiveiro. Emquanto o excellente carcereiro foi saber o que se havia de fazer de dois estrangeiros sem passaporte cahidos das nuvens, a sua mulher enrolava delicadamente cigarros para nos offerecer.

Finalmente um general russo, que residia na visinhança e que fallava o francez tão bem como nós, o general Plemiannikoff, quiz ser nosso interprete, e explicou-nos que tinhamos de esperar alguns dias pelos passaportes de Kiev, pois, tendo casualmente entrado na Russia sem aquelles documentos, não nos seria facil sahir sem sermos infallivelmente detidos na fronteira que teriamos de atravessar d'esta vez por *terra firme*.

Como supportámos a nossa prisão, é facil de comprehender, visto que, meia duzia de vezes em cada dia, eramos cheios litteralmente de obsequios sob a fórma de banquetes em escala gargantuana. Finalmente, quatro dias depois da nossa prisão, n'uma segunda feira, chegaram os passaportes e na mesma noite partimos em comboio de volta a Paris, onde chegámos depois de ter viajado sem parar durante quatro dias e trez noites, oitenta e quatro horas ao todo.

Para percorrer a mesma distancia em direcção contraria, o *Centauro* levava trinta e cinco horas e trez quartos. Na volta tivemos de soffrer os incommodos de trez alfandegas que bem nos fizeram reflectir na superioridade das viagens em balão».

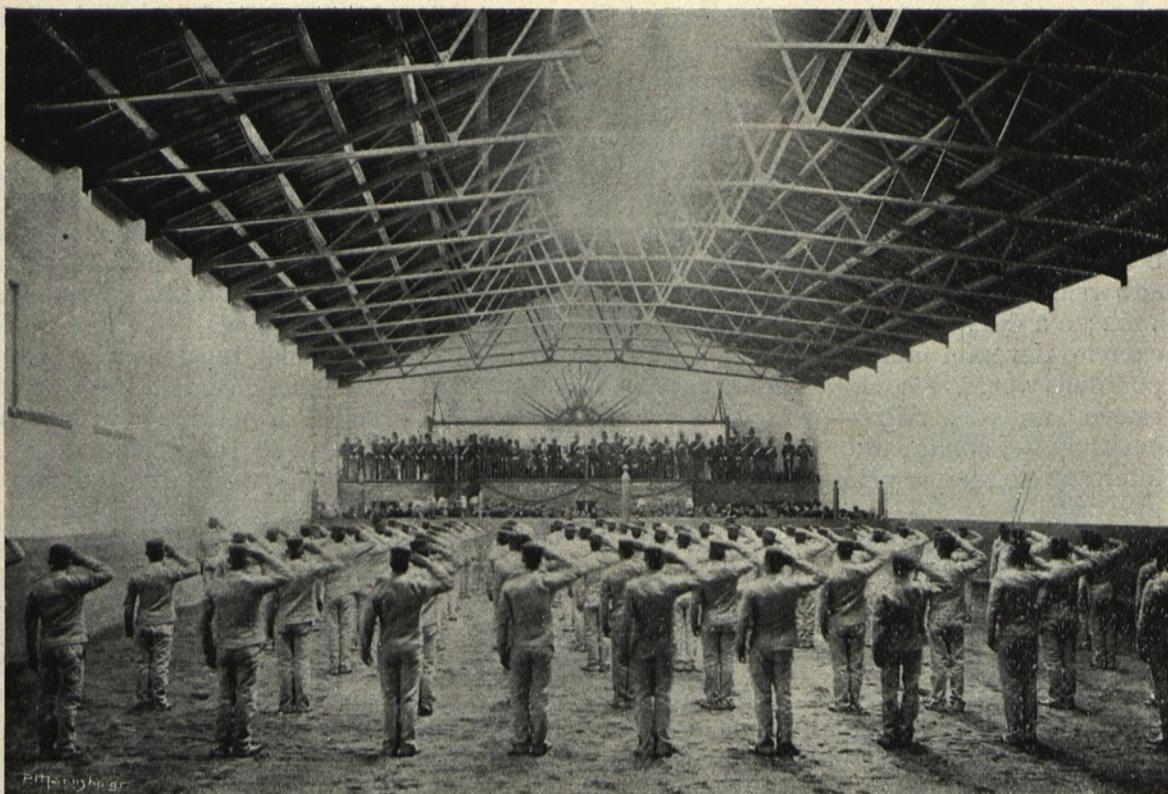


A descida e a queda do «Centauro» em Korostichev



O IMPERADOR DA ALLEMANHA GUILHERME II.

*Retrato offerecido por Sua Magestade ao Regimento de cavallaria n.º 4  
de que é commandante honorario, vestindo a farda de coronel em grande uniforme*



CONTINENCIA FINAL DOS EXERCÍCIOS GYMNÁSTICOS EXECUTADOS PELOS RECRUTAS SOB A DIRECÇÃO DO ALFERES CARVALHO DA SILVA, NA FESTA DE CAVALLARIA 4, EM 28 DE FEVEREIRO

## O Retrato do Imperador

*Entre nações amigas, os soberanos, como chefes supremos dos exercitos, permutam distincções honorificas, que são na deferencia demonstrativa e na delicadeza graduada como que a galanteria militar, semelhante áquella que na vida mundana enlaça primores de cortezia para fixar agrados de eleição. O aprumo correcto, respeitoso, da continencia não exclue, ao contrario estimula, a gentileza elegante e affavel nas relações sociaes. D'uma d'estas distincções e d'estas delicadezas militares faz memoria breve o artigo seguinte.*

Aos 15 de junho de 1888 succedeu, por morte de seu pae, na corôa imperial da Allemanha e na real da Prussia, sob o nome de Guilherme II, o actual imperador. A 24 d'outubro do mesmo anno, el-rei de Portugal, n'aquelle tempo o senhor D. Luiz I, nomeava, como prova de sympathia entre as duas nações, e segundo a tradicional usança, commandante honorario do regimento de cavallaria n.º 4 o novo soberano e acrescentava á simples numeração entre os regimentos d'aquella arma no exercito portuguez o titulo d'aquella honrosa distincção. Pela segunda vez e á distancia d'um seculo, este regimento de cavallaria recebia com diversa graduacão e qualidade commandos allemães. Por decreto de 5 de julho de 1762, o duque

de Mecklembourg Strelitz, principe de Vandalia, Schwerin e Ratzbourg, conde de Rostock e Stuttgart, que viera do exercito britannico ao serviço de Portugal, foi nomeado *sem exemplo* coronel general do regimento de cavallaria da côrte, passando a denominar-se cavallaria de Mecklembourg, o qual é representado pelo actual em linha directa e atravez das evoluções diversas por que foi passando a organisação d'esta arma no exercito portuguez.

«O concurso da Allemanha—escreve, n'um brilhante esboço historico de que nos soccorremos para agrupar informações, o distinctissimo historiador militar Christovam Ayres, tão justamente notado entre os nossos homens de letras, e que ao mesmo tempo e ao

presente tem no exercito os galões de capitão do estado maior de cavallaria — em nos fornecer, nos momentos criticos de perigo para a patria, caudilhos militares, tirados de entre os seus homens mais distinctos, embora com o character cosmopolita dos soldados da época, é antigo e de grata memoria para nós. O nome do marechal hannoveriano conde de Lippe e do duque de Mecklembourg figuram em alto relevo no quadro das nossas luctas de 1762; e a disciplina e a instrucção do nosso exercito deveram muito áquelle general, que por duas vezes, e com grande desinteresse, esteve ao nosso serviço — de 1762 a 1764, e em 1767 —, continuando a occupar-se e em interessar-se sempre pelos nossos negocios de guerra.

«O incremento da nossa artilheria, com os estudos do tempo do marquez de Pombal, que a tornou, ainda por influxo do conde de Lippe, uma arma scientifica entre nós, e o desenvolvimento dos estudos de engenharia, deveram-se desde 1776, a desoito officiaes das duas armas que aqui tivemos do escola de Bukbourg. Se remontarmos mais longe, lembra logo o nome do conde de Schomberg, militar cosmopolita tambem, mas d'origem allemã, que teve uma tão grande acção entre nós, nas nossas guerras de independencia no seculo XVII. Este dá ainda hoje o seu nome a um forte da praça de Campo-Maior, como o conde de Lippe o dá a outro forte na praça de Elvas; e segundo a tradicção que o dava por muito aprimorado no seu trajar, tal era o prestigio que entre nós creou, que até as imagens nas procissões eram vestidas á Schomberg com louras cabelleiras, corpetes bordados e finas rendas.

«Podia mencionar ainda, mesmo nos tempos mais modernos, o conde de Gotz, encarregado do commando dos nossos exercitos em 1802, e os nomes d'outros allemães illustres, como o principe de Waldeck, que entrou a nosso serviço como marechal dos exercitos, sob a direcção suprema do duque de Lafões, em 1797; o barão de Wellerhold, Bernardo Guilherme Weld, official distinctissimo que veiu a Portugal no mesmo anno com o posto de coronel e a patente de ajudante general, e fez a campanha de 1801 e a da independencia até 1810, anno em que falleceu, depois de treze de prestantes serviços, — e tantos outros; mas seria longo.»

Certo é portanto que estas nomeações honorarias internacionaes tem a dupla significação de cortezia occasional e de recordação historica; e se a nomeação d'um soberano para commandante d'um regimento honra sobre maneira este com a distincção recebida, ao mesmo tempo aquelle, envergando

a farda que nobilita pela sua propria posição, sente-se preso ás tradicções gloriosas e honradas da corporação a que vae presidir por deferencia propositada. Sua Magestade o Imperador da Allemanha, herdeiro e representante das glorias indiscutíveis da sua patria, e das suas bellas tradicções cavalleirosas, que por vezes o transmutam n'uma visão extranha (tão nitida se concretisa n'elle toda a historia da velha Germania) n'uma evocação magnifica, como se realmente fora vivo e real, um lendario cavalleiro de São Graal, defensor da justiça e da innocencia, exemplo de nobreza immaculada, sua magestade quiz que o seu regimento portuguez, antes de que por venturoso acaso pudesse passar-lhe revista pessoal, receber-lhe a continencia e retribuir-lh'a no seu estandarte em formatura de gala, o tivesse sempre presente no seu salão de honra e mandou-lhe o retrato, espessamente pintado para este fim, vestindo a sua farda de coronel, grande uniforme, e ostentando ao peito as insignias das ordens militares de Portugal.

Inaugurar este retrato foi motivo para que a briosa corporação de cavallaria n.º 4 pudesse organizar uma caracteristica festa militar a que El-rei, o senhor D. Carlos, como chefe da nação e como marechal general do exercito, pudesse assistir com prazer, assim como o representante diplomatico do imperador allemão pudesse tambem manifestar a cordealidade de relacções entre os dois estados. E assim succedeu.

As festas militares, como as mais simples formaturas, teem todas para mim um encanto muito especial: ou porque a tropa com a sua presença, em repouso ou em evolução, me desperte logo no espirito a idea associada de patria, me traga á memoria os feitos que a historia enaltece com orgulho; ou por que ella defina a nacionalidade n'uma forma concreta, suggestiva, e symbolise a força da raça altivamente independente e livre; ou ainda por que, educado entre militares e por militares, me habituasse a ouvir desde creança, entre a alvorada dos clarins e o *quem vem lá* das sentinellas nos bastiões da praça, da bôcca do avô a narrativa emocionante dos episodios guerreiros a que elle assistira ou tomára parte até Tolosa e Roussillon em lucta de independencia contra o francez invasor e por esses largos annos depois até á final victoria da constituição, e da bôcca do pae que aos desenove annos interrompeu o curso de medicina para ir nos campos de batalha afirmar o seu amor pela liberdade; seja por que motivo, impressionam-me vivamente todos os aspectos da vida militar, infundem-me respeito e deslumbram-me como se fossem fes-

tas de salão, estas mesmas galanterias commemorativas, onde todavia se imprime um cunho de mascula grandeza, por entre o brilho dos galões, a luzente brunidura do corream e o tilintar das espadas.

Comtudo a festa que em 28 de fevereiro d'este anno

delicado affecto ás cousas da sua profissão tem demonstrado nas variadissimas e importantes commissões para que tem sido chamado, embora sempre na fileira, e cujos escriptos sobre a especialidade, são numerosos e dignos de consulta, dispersos na sua maioria pelos jor-



CAPITÃO ALVIM



TENENTE LEIRIA



TENENTE VASCONCELLOS



JOSÉ HONORATO DE MENDONÇA  
*Coronel commandante do regimento  
de cavallaria n.º 4*



ALFERES MENDONÇA



ALFERES CARVALHO DA SILVA

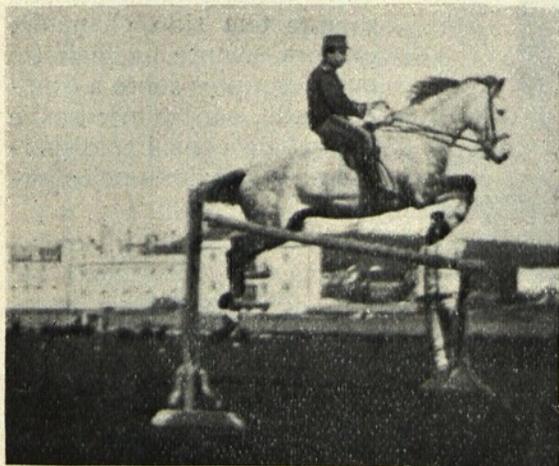
se realisou no quartel de cavallaria 4 foi simples na apparencia, e excellentemente pensada na disposição dos aspectos. A' frente do regimento, como coronel commandante, está hoje um dos mais distinctos officiaes do exercito portuguez, José Honorato de Mendonça, cuja illustração, saber militar e



CAIEIRO VIEIRA  
*Alferes picador*

naes technicos, e todos demonstrando a afadigosa attenção que lhe merecem os assumptos. Sob a acção impulsiva d'um chefe, como este, continuando tradições honrosas, não admira que a corporação toda apresente uma unidade e um aspecto, tão notavel em galhardia d-apresentação, como exeme

plar em primores cavalleirosos, quer nas relações externas, quer na vida disciplinada e activa do quartel. Não é meu intuito biogra-



ALFERES MENDONÇA

*Salto de 1<sup>m</sup>,20 de altura no cavallo Macoutène*

phar o coronel Mendonça n'este artigo, para que de resto me faltava a competencia na apreciação; registo, porém, como confirmação do que deixo escripto a nomcação para commissões durante longos annos, o que de-



ALFERES CARVALHO DA SILVA

*Salto de duas sebes distanciadas de 2 metros, tendo a segunda 1<sup>m</sup>,80 de altura, no cavallo Mossuril.*



ALEERES MENDONÇA

*Salto de 1<sup>m</sup>,50 de altura, no cavallo Macoutène*

monstra o progressivo apreço em que superiormente é tido o seu conselho e a sua experiencia militar: — elaboração de compendios para as escolas regimentaes, hip-

pologia e hygiene militar; reforma da instrução de cavallaria, creação d'uma escola geral de cavallaria e infantaria; commissão consultiva de defeza do reino; commissão superior de guerra; escolha do typo de espingarda para infantaria e de carabina para cavallaria; projecto de regulamento de remonta geral do exercito. Mais ainda. Basta olhar para o retrato do coronel que acompanha este artigo e ver-lhe no peito as agulhetas de ajudante de campo honorario de sua magestade, e o grande officialato de S. Bento de Aviz que pertence aos generaes.

A sala de armas de cavallaria 4 é muito elegantemente decorada. Ornamentando os panneis em que as paredes estão divididas,

ha tropheos de armas antigas e dos velhos estandartes dos esquadrões e, occupando o lugar de honra, a bandeira que em 1896-97 acompanhou a columna de operações contra os namarraes. Mousinho d'Albuquerque, commandante das forças que operaram contra aquelle gentio aguerrido e rebelde, para dar mais uma prova do muito que apreciára os excellentes serviços prestados pela força de cavallaria 4 n'aquella campanha, força constituida por officiaes que pouco antes

tinham sido seus camaradas de regimento e por soldados muitos dos quaes tinha ensinado quando recrutas, terminada a campanha, offereceu ao regimento a bandeira; e, para

tornar mais frisante e duradoura a recordação das acções gloriosas em que a cavallaria tomou parte, mandou ornamentar a mesma bandeira com um laço de larga fita azul e branca, onde em letras de ouro fez inscrever os nomes e as datas dos combates em que entrara a cavallaria.

E' esta a unica reliquia militar que um regimento de tão nobres e antigas tradições conserva no seu museu. A onda de indifferença, que tem alagado este paiz, tudo deixou perder: — lembrança dos fastos gloriosos e reliquias que as recordasse. Da guerra da Peninsula nada



CAPITÃO  
ALVIM

*Trote hespanhol no cavallo Namarral.*

numero dos quaes se contam portuguezes de nobre estirpe e que prestaram levantados serviços em defeza da patria e da liberdade. São 33 os retratos que hoje constituem aquella brilhante galeria historica, reunidos a poder de trabalho e de investigação; que mesmo descendentes de muitos d'aquelles illustres militares nada possuiam que lhes documentasse os feitos nem conservavam em painel a extincta phisionomia. Tornada publica a idéa da galeria historica foi ella louvavelmente aproveitada e hoje varias corporações teem em principio a galeria dos retratos dos chefes que as dirigiram.

Foi sem duvida este corpo de cavallaria



ALFERES MENDONÇA

*Passage no cavallo Ibrahno*



TENENTE VASCONCELLOS

*Passage no cavallo Maguiguana*

resta. Por iniciativa do coronel commandante foi-se creando pouco a pouco uma galeria dos retratos dos coroneis que commandaram o regimento desde a sua organização em 1762, galeria que deverá ser acompanhada da biographia d'aquelles officiaes no

que, commandado então pelo coronel Queiroz, iniciou no nosso exercito o ensino dos recrutas pelos officiaes e graduados das proprias companhias, systema reconhecido tão util que mais tarde se tornou regulamentar. Escola alguma, desde 1886, se considera prompta da instrucção de recruta sem ter aprendido todo o serviço de campanha. Creada a carreira de tiro, as praças de cavallaria 4 ali teem comparecido annualmente e a prova de habeis atiradores foi dada pelos soldados do esquadrão que em 1899 concorreu aos exercicios de fogos reaes na tapada de Mafra, em que a percentagem de balas nos alvos subiu a 17,5 % no fogo vivo a 300 metros. O ensino de gymnastica, de volteio e de equitação, em que o coronel Mendonça insiste sempre, animando os instructores e os instruidos e premiando os mais dedicados, permittiu que em fevereiro se apresentassem trabalhos que mereceram

justo elogio. De alguns d'elles dão indicação as gravuras que acompanham estas paginas. Lembra-nos ainda citar a marcha de re-



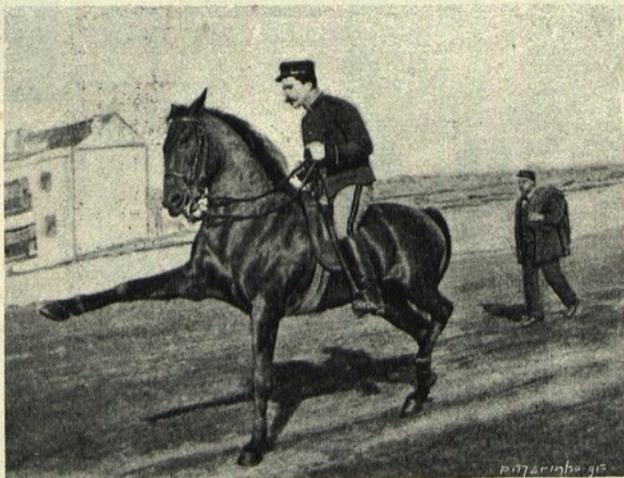
*Cavallo Vatua, montado pelo alferes picador CAEIRO VIEIRA (instantaneo de passo hespanhol)*

sistencia que em 1889 este regimento fez de Lisboa ao Monte da Barca, nas immediações de Coruche, na extensão de 124 kilometros, marcha que inesperadamente se duplicou, porque, estando projectado o regresso por meio de etapas ordinarias, foi superiormente ordenado para Azambuja que o regimento passasse em continencia a sua magestade, no largo d'Ajuda, ás 4 horas da tarde. Esta ordem chegou ás Barracas da Rainha ás 7 horas da manhã, ainda antes de acabada a distribuição do primeiro rancho. Todavia, ás 4 horas da tarde, cavallaria 4 executava a marcha de continencia, a trote, na presença do soberano. E da ida a Coruche a passo e trote em pouco mais de 24 horas, e do regresso de Azambuja a Lisboa com 26<sup>km</sup> de trote em 130' e com 25<sup>km</sup> 800 em 258', sob uma temperatura abrazadora, apenas resultaram em alguns cavallos ligeiras escoriações rapidamente curadas. Não me permite a ignorancia technica discutir meritos relativos d'estes exercicios como preparo para a acção dilatada que em campanha desempenha a cavallaria, nem aqui é lugar para essas discussões; mas facil é concluir que da pericia adquirida dos cavalleiros n'esses lances e no

estudo anterior a impulsionar progressos na organização e na manobra em plena paz, deve fatalmente resultar mais efficaz esforço da intervenção d'aquella nobre arma nos embates da guerra. Afiguram-se-me evidentes os proveitos; indispensaveis todos aquelles exercicios hyppicos que adestram e distinguem o perfeito cavalleiro, difficeis de sua natureza, tanto para quem os executa, como para quem os ensina e dirige. Da perfeição que elles attingem no regimento do imperador d'Allemanha cabe grande quinhão, e justa é a referencia especial, ao alferes picador Caeiro Vieira, de quem se publica o retrato conjunctamente com os do grupo de officiaes que tomaram parte principal na festa commemorativa. Presenceada por El-Rei, por muitos generaes e muitos officiaes portuguezes e estrangeiros, foi tão completa a impressão produzida, que no louvor da ordem ella se reproduz intensa, affirmando o concurso prestado para manter o lustre e o bom nome do regi-

mento, o qual, pela tradição conhecida e pela esperança convicta, adoptou para sua divisa os dois seguintes versos do immortal poeta :

*Não vos hão de faltar, gente famosa,  
Honra, valor e fama gloriosa.*



*Cavallo Vatua, montado pelo alferes picador CAEIRO VIEIRA (instantaneo de trote hespanhol)*

Assim tem succedido e succederá sempre n'este, como em todos os regimentos do brioso exercito portuguez.



# De Lisboa a Moçambique

POR ANTONIO ENNES

## CAPITULO V

### Moçambique — O continente — As Cabaceiras — O Mossuril (Continuação)

A PARTE da costa oriental d'Africa, onde os navegantes procuram a ilha de Moçambique, é recortada pelo mar e os seus recortes formam tres bahias profundas, apenas separadas umas das outras por pontas de terra de configurações várias. Correndo-se do norte para sul, passadas a ponta do Velhaco e a ilha de Quitangonho, encontra-se primeiro uma reintrancia, com a forma geral d'um triangulo *isósceles* em cujo vertice desagua um rio: é a bahia de Conducia, dominada a sudoeste por terras altas vestidas de palmares. A costa meridional d'esta bahia quebra-se, no seu prolongamento para leste no cabo de Conducia, e tomando a direcção sueste vae formar um delgado cabo, o Cabaceira, que é, pela parte do norte, a como humbreira de uma outra bahia dentro da qual está atravessada a ilha de Moçambique com os seus 3 kilometros de comprimento por 200 a 600 metros de largura tendo em frente, para o lado do mar, as ilhas de Gôa ou S. Jorge, e de Sena ou S. Thiago. Esta grande chanfradura tem de profundidade cêrca de 9 milhas, medidas da face interior da ilha de Gôa até ao Apaga-fogo, e perto de 6 de abertura, entre a ponta da Cabaceira e a de Sancul que a limita pelo sul. Finalmente, entre a ponta de Sancul e a de Bajona, distanciadas uma da outra tambem umas nove milhas, escava-se uma outra bahia, a de Mocambo, que se estreita a certa distancia do meridiano d'aquelles cabos e, para além da ponta do Mocambo, abre uma vasta bacia quasi circular, em cujo fundo se vasa um rio.

O desenho das margens interiores da bahia de Moçambique, ou do Mossuril, é muito irregular e caprichoso. A ponta da Cabaceira, delgada, e orlada de bancos de areias, prolonga-se no sentido do sul, deixando entre a sua extremidade meridional e a extremidade nordeste da ilha de Moçambique apenas uma distancia de cêrca de uma milha e tres quartos; mas a linha da costa que a continua para o fundo da bahia, forma quasi um angulo recto com ella, na parte em que está situada a povoação da Cabaceira Pequena, depois curva-se e retrahê-se formando uma enseada, onde se avista a casaria da Cabaceira Grande, que já dista de Moçambique mais de 3 milhas, em seguida corrê approxi-

madamente no rumo de oeste até Mapeta, foge em curvas irregulares para noroeste, e vae formar um esteiro, em cuja orla fica o Mossuril, separado da capital por perto de 7 milhas de mar. D'ahi corta para o sul, abrindo outro esteiro abaixo do Apaga-fogo, atravessa para sueste, deixando entre a sua linha e a da margem fronteira um canal de menos de duas milhas, e por fim quebra-se para seguir uma direcção mais meridional e ir formar a ponta de Sancul, menos de 4 milhas afastada da ponta sudoeste de Moçambique.

A vastidão d'esta bahia é, porém, diminuida, não só para os navios de alto bordo senão tambem para as pequenas embarcações, pelos bancos de areia que se lhe alongam das margens, e pelos que por outra parte bordam as ilhas. Entre a fortaleza e a ponta da Cabaceira, o canal navegavel não terá de largura um terço de milha, e o banco que se estende das Cabaceiras grande e pequena em direcção a Moçambique, cresce mais de duas milhas para fóra da linha da praia nunca alagada. Nem se sabe bem se aquelle deposito de areias deve de ser considerado littoral ou leito do mar, porque é uma e outra cousa, segundo as edades da lua e conforme o horario das marés. Na baixa-mar d'aguas vivas descobre-se todo, e mal se distingue onde elle acaba e começa a terra firme, porque a sua facha mais alta é coberta de florestas de mangue, e os palmares que com ella confinam cresceram n'um areal; e tão extenso é que a capital vista então da terra firme, parece estar varada na sua orla, por se elidir á vista a delgada fita azul que cinge a ilha. Durante horas de cada dia, jornada-se por elle a pé enxuto d'uma para outra Cabaceira, e não é raro vêr o *manhé*, que o atravessa montado n'um jumento, formar grupo na passagem com alguma lancha deixada em secco, ou andarem cães rebuscando entre as rêdes das cambôas, onde pouco antes pinchavam garopas. Sobee, porém, a maré, e transforma-se o quadro. Então, as casas brancas do continente parecem boiar, a quem as vê da ilha, o Sahará faz-se oceano, o mar salpica os troncos dos coqueiros, e as embarcações de vela, depois de navegarem largo espaço vindo os carangueijos vadiarem no

fundo da agua transparente, mettem-se pelos aceiros naturaes do mangal, submerso até ás copas, espantando os corvos e as gralhas, que se empoleiram nias ramarias, espreitando as tainhas prateadas que pulam em volta dos troncos. Na bahia de Moçambique navega-se, pois, nos matos e passeia-se no leito do mar.

As aguas que se espraíam por cima d'estes baixios e que enchem os canaes que elles deixam desobstruidos, nem sempre são pacatas e mansas. Ainda quando as não enfurecem tempestades, agitam-n'as a miude violentas *calemas*, que cobrem o porto de escumadeiras brancas, fazem curvetejar os navios sobre as amarras, arrojam as vagas pelas escadas acima da ponte de Moçambique e as embarcações d'encontro aos seus patins, e chegam a paralyzar a pequena navegação, a não ser a de algumas *casquinhas*, escavadas n'um tronco de arvore, que se aventuram a todos os mares fiadas no amparo d'uma especie de azas, feitas de duas taboas presas por paus, que se alongam para fóra de cada uma das suas bordas. Estas engenhocas indigenas, sobre as quaes se içam velas quadradas de esteira ou de lona, vôm sobre as aguas com o mais rijo vento, mofando das pesadas lanchas, que ficam agarradas aos ferros e abrigadas nas praias. Tambem na bahia se desenvolvem a miude correntes impetuosas, impulsionadas pelas do oceano, ou determinadas pelos fluxos e refluxos das marés, que produzem desnivelamentos de muitos metros, e tão fortes são algumas d'essas correntes que não ha remos nem vélas que as vençam. Tive uma vez de pernoitar na cidade, por não haver escaler que podesse cortar a agua para me levar a bordo d'um paquete, fundeado a poucas amarras da ponte.

As communicações com o continente são igualmente difficultadas pelo espraíamento das aguas. Para se poder desembarcar nas Cabaceiras é preciso esperar maré, e em certas quadras nem a propria prêmamar dispensa de atravessar, em alguns pontos, boa parte do banco, totalmente descoberto, ou tão pouco coberto que a mais leve chata não fluctua, nem a poder de braços se arrasta sobre elle. Para fazer essa travessia a pé enxuto, empregam os moradores e visitantes processos primitivos, molestos e burlescos, mas que animam o littoral com imaginosos e pittorescos quadros.

D'uma manhã me recorde eu em que estava muita gente para embarcar no sitio do Musangulo; mas o que era feito dos barcos? Avistavam-se longe, tão longe que os seus cascos negrejantes e luzidios pareciam carapaças de tartarugas; avistavam-se distanciados por um enorme lençol enrugado de agua

transparente, a que os reflexos azues do céu, a areia amarella do fundo, a miragem verde dos tufos de mangue, as bôlhas brancas de espuma, davam um colorido cambiante. N'esse mar apaúlado vogava, já muito ao largo... um carro de bois, carro sem rodas, de bois sem pernas, que foi atracar a um lanchão amarrado á copa d'uma arvore meio submersa, e para elle baldeou a sua carga de *monhés* ricos, de aljubas e turbantes pintalgados. Robustos negros de camisolas alvejantes, arregaçados até ás verilhas, iam e vinham, pé aqui, pé acolá, por entre ondulações concentricas e espadanas d'agua, carregando ás cabritas esguios baneanes, que se lhes agarravam ás carapinhas como cavalleiros medrosos ás crinas dos ginetes. Por mim, metti-me pelo charco dentro estendido na machila, sacudido, quasi arrojado, a cada tropeção, a cada escorregadela dos machileiros, mais e mais mergulhados, que afinal tiveram de levantar a canna acima das cabeças lanzudas para me livrarem d'um banho de arrastar. Mugiam os pobres bois de corcova, levantando os focinhos para não beberem a propria salmoura; tagarellavam os carregadores, voz em grita, com a volubilidade da sua raça; os passageiros mal seguros soltavam gritos de susto, festejados com gargalhadas pelos espectadores, que da praia lhes desejavam trambulhões; depois, os barcos foram desencalhados á força de hombros dos tripulantes esbaforidos, e uma jovial flotilha bateu os remos ou abriu as vélas no rumo de Moçambique, cuja casa-ria matizada, parecia boiar em anil.

Estas entradas de gente e animaes, pelo mar dentro, não são isentas de perigo, nem mesmo sobre os bancos de terra firme. O porto é infestado pelos tubarões, que pullulam em todo o oceano indico, e esta voracissima fera aquatica vae, de rojo pela areia, saltar a praia nas proprias ourelas da terra. Já a *Ethiopia Oriental* conta diversos casos de gente abocada pelos *marra-xos* ou pelas *tintureiras*, e muitos mais, antigos ou recentes, sabem os moçambicanos d'hoje. Ali, n'aquella praia, uma preta que estava a lavar roupa foi surprehendida por um d'esses monstros, que d'uma dentada lhe decepou uma perna; acolá, um catraeiro que andava na faina de desencalhar o barco, sumiu-se de repente, certamente arrastado e tragado pelo tubarão; na outra costa, um rapazote que se adiantou a pescar para a borda d'um barco, ficou sem ventre, arrancado com parte dos intestinos, por um puxão das maxillas do esqualo. Ao largo, homem ao mar é homem devorado; o que escapa com vida e todos os membros d'um mergulho no porto de Moçambique, julga-se favorecido por um milagre. As

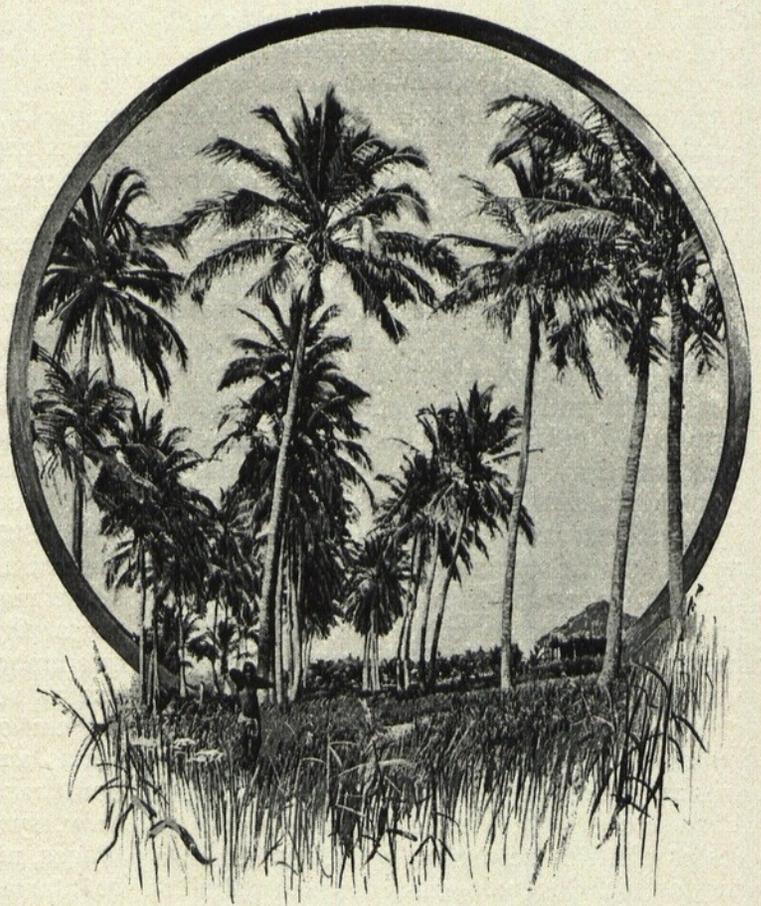
malfeitorias do tubarão constituem mesmo um dos *themas predilectos* das lendas e narrativas verbosas dos indigenas, e se elles não são mais medrosos do mar é porque crêem, no seu ingenuo fanatismo, que o terrivel ogre das aguas só come quem tem de ser comido, e que os predestinados para esse destino jámais o cortam.

Mas, se o não temem tanto quanto elle é temivel, odeiam-n'ó mais do que a quantas feras povôam os matos, e n'algum que apanham vingam-se cruamente da maldade da especie inteira. Enquanto o tubarão dá signal de vida, espancam-n'ó, esfaqueiam-n'ó, moem-n'ó, pisam-n'ó, rasgam-n'ó, inventam torturas para lhe infligir, n'uma grande festança de raivas; depois, amarram-lhe uma corda e andam com elle de rastos, exhibindo-o e vituperando-o, até se resolverem a abril-o, no meio d'um circulo de gentalha, curiosa de vê o que o bruto tem no ventre. O tubarão é o symbolo da voracidade estúpida: tudo serve de isca para os anzóes que lhe armam, tudo engole soffregamente como repasto, e por isso o seu bucho costuma ser um deposito dos mais extravagantes objectos indigeriveis. Os marinheiros portuguezes do seculo XVI já tinham dado por esta particularidade, e Fr. João dos Santos compraz-se em descrevel-a.

Para remediar os factos naturaes que tendem a isolar a ilha de Moçambique do continente, nada fez ainda a administração da provincia, e no que tentou não foi bem aconselhada. No sitio do Mosangulo, a oeste da Cabaceira Grande, tentou construir uma ponte, a que em todas as marés podessem atracar embarcações; mas depois de ter firmado na areia dezeseis pérgões, descobriu, só então, que precisaria firmar muitos mais para lograr o seu intento, e desistiu da agigantada obra deixando de pé os pérgões sem taboleiro, para documento de como se desbaratam cabedaes no ultramar portuguez. As communicacões dentro da bahia continuam, pois, a ser unicamente as que as embarcações de vela, sujeitas ás intemperies, podem estabelecer entre praias, a que ellas só a largos intervallos logram abicar, e se são mais frequentes com o Mossuril é porque esse logar, apesar de ser em todas as margens o que mais dista da ilha,

é favorecido por um esteiro que facilita a navegação e as atracacões.

Olhando-se da bahia para a parte d'esse continente que a margina pelo norte, só dão na vista os seus palmares, porque as habita-



COQUEIROS

ções estão quasi de todo sumidas na espesura do symetrico arvoredo; apenas se distinguem algumas casas brancas junto da ponte fronteira á fortaleza, e, mais a oeste, um edificio de fachada amarella assente na praia ao lado d'um pharolim. Os indigenas agglomeram-se principalmente na Cabaceira Pequena, aldeia de mouros, composta de palhotas e humilissimas construcções de taipa ou de pedra e cal, alinhadas á borda dos caminhos ou grupadas em desordem, e no Mossuril, nas cercanias dos edificios do Estado e no meio de hortas e jardins que fornecem os mercados da cidade. Entre estes pequenos viveiros humanos, até á margem meridional da bahia de Conducia, dilata-se um enorme parque dividido em grandes propriedades rusticas, mas quem se entranha nos seus meandros descobre a espaços, por entre os troncos das palmeiras que parecem estacarias sustentando um toldo de folhagem, edificios isolados, ou, ainda mais vulgarmente, muros alterosos sobre os quaes se debruçam ramarias. Muros e edificios estão ás vezes tão mascarados, por

trepadeiras que os forram e copas que os ensombram, que só se dá por elles quando vedam as passagens. Nos espaços que os isolam apparece aqui e acolá alguma cabana de negro, que se confunde a distancia com um montão de olas seccas varridas do chão. Caminhos de carros, quasi só abertos pelo transitio, e veredas sinuosas de peões tracejam os tapetes de mato, inteiramente verdes quando os refrescam as chuvas, todos manchados de amarello se os queima o sol. Em largas fachas ao longo do littoral o solo é areento e solto, mas ainda assim fecundo; para o interior endurecem-n'o camadas escuras de humus. Andam-se leguas por entre filas de coqueiros, mas de quando em quando interrompem-se as culturas arboreas, e então desafoga-se a flora espontanea, tecendo sebes, intrincando balsas, enramando matas, compoñdo episodios de floresta virgem com uma inextinguivel variedade de arbustos em cujos lançamentos tortuosos se enleiam parasitas, plantas rasteiras que bracejam por entre as estrigas de capim, carnudos cactus enredando nos espinhos meadas de filamentos, arvores caprichosas cujas raizes adventicias escorrem para a terra, emquanto as convolvulaceas lhes marinham pelos troncos, sendo estes emmaranhamentos da vegetação sobrepujados pelas palmeiras bravas, enormes mastros aprumados com topetes feitos de leques. Pára-se complascentemente a observar estes restos d'África selvagem, porque quebram a monotonia dos palmares, dos seus alinhamentos de troncos parallellos, da sua constante reprodução das mesmas formas, do seu nivelamento de alturas. Um grupo de coqueiros esbeltos exorna uma paizagem, ao passo que uma mata de coqueiros em vez de lisonjejar o senso esthetic, convida só a calcular quanto aquillo rende.

O sitio é aprazivel. Refrescam-n'o as monções do sudoeste, e a vegetação oxygenalhe a atmospherá, bem menos depressiva e insalubre do que a da ilha, embora não limpa de miasmas palustres, porque alguns pantanos mixtos se formam junto das praias e muitas chuvas se empoça nas depressões do terreno. No seu solo germinam todas as sementes; tanto é que os intensos calores não queimam as plantas tenras. Pode-se até estudar toda a flora da provincia, a não ser a do interior montanhoso e frio, n'um passeio entre as Cabaceiras e o Mossuril. Depois do coqueiro, a arvore fructifera mais vulgar é o cajueiro, meão na altura, copado de folhas largas e luzidias, que a miude se tingem de amarello e vermelho, e cujas ramadas vergam, no fim do outomno, sob o peso dos fructos, redondos e córados como maçãs, mas bem

diferençados d'ellas pela *castanha*, um pingente que lembra mais um grande feijão recurvado, e que é intoleravelmente adstringente, caustico até, quando crú, mas agradável depois de assado nas brazas. A mangueira cresce espontanea por toda a parte, pede meças em altura ao coqueiro, e sombreia grupos de palhotas com a sua ramaria copada, densa, vestida de grandes folhas parecidas com as da magnolia, luzidias, d'um verde fechado; nos annos propicios chega-se a duvidar de que a magestosa arvore tenha mais folhas do que pômós, pômós carnudos, succulentos, saborosos, embora não tanto como os da India, que fizeram dizer a um estadista gastronomo que a *manga* era uma das provas mais convincentes da existencia de Deus. N'um quintal da Cabaceira Grande pude ver a providencial *arvore de pão*, que com as suas amplas folhas pode, tanto como a figueira, vestir envergonhados Adões, depois de os alimentar com o seu substancioso fructo. Com estas especies tão caracteristicamente intertropicaes fraternisa a laranjeira, crescendo e alargando-se mais do que na Europa, e sociam a nossa figueira, se encontra humidades em que embeba as raizes, e a da India, que matiza as selvas com o encarnado vivo da folhagem que vae seccar. Contrastando com tantas arvores de abundancia apparece, embora raramente, algum *boabad* ou *imbundeiro*, symbolo da esterilidade, de retorcidos braços, nús de verdura, alongados d'um tronco atarracado, tão grosso, tão bojudo que, nos sertões onde se morre de sêde, os negros fazem d'elle cisterna, escavando-o para que se encha de chuva. A' beira dos caminhos, entre os coqueiros, vão medrando quasi sem cultura, com a rama pulvilhada de areia fina arbustos de café, que no fim do verão surpreendem um dia os transeuntes com o forte aroma das suas brancas flores, e nas brenhas enredadas descobrem-se flocos de algodão, a desfiarem-se para fora dos casulos rebentados que restaram talvez das plantações ordenadas ha mais d'um seculo por Sebastião do Lago. Nos quintaes plantam-se hortaliças em canteiros orlados por fiadas de ananazes, e junto ás habitações dos indigenas florescem romeiras em talhões cobertos de mandioca. Não encontrei nem memoria das uvas que Fr. João dos Santos assevera que se colhiam na terra firme de Moçambique, mas já comi morangos sazoados no seu torrão fecundo, que assim como offerece acepipes ao paladar proporciona mimos á vista. Na primavera, o mato é um jardim, que faria esfriar de inveja as nossas estufas mais ufanas das suas collecções exóticas. Só as acacias: que variedade de folhagens, algumas tão delicadas,

recortadas, subtis, que a mais fina tesoura da florista não seria capaz de lhes imitar os debuxos, e que brilhantismo nas tintas da floração que lhes afestôa todos os ramos, convertendo-os em ramilhetes gigantes, d'onde a cada sopro de aragem se desprende uma chuva matizada de petalas! Nas detidas excursões que fiz em volta da Cabaceira Grande lastimei profundamente a minha supina ignorancia em botanica, que só sabia pasmar deante das extranhas formas vegetaes que a cada passo se lhe deparavam. Mesmo ao pé do portão da residencia, sobre um montão de lixo, bracejava uma planta rasteira, cuja flor me pareceu de conformação não vulgar:

compunham-n'as tres campanulas azues, todas muito alongadas e de dimensões semelhantes, saindo a segunda de dentro da primeira, e a terceira de dentro da segunda. Mais longe intriguava-me uma arvore baixa e copada, de

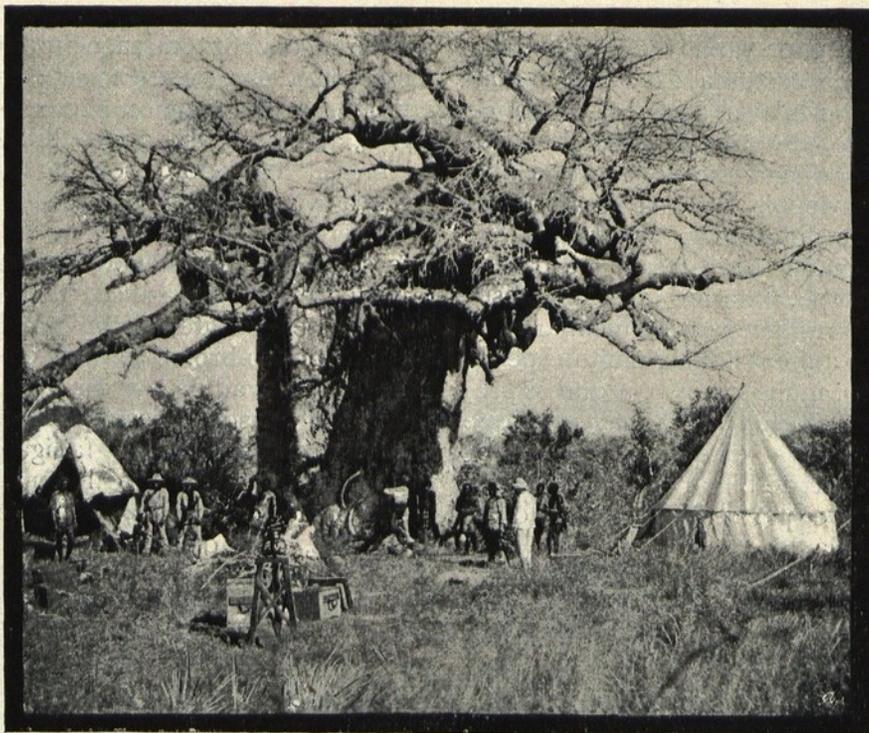
raizes adventicias e grandes flores amarellas e negras, de corolla extravagante como as das orchideas, porque, murchas e cahidas essas corollas, logo os ovarios, grandes como aboboras, se enchiam de formigas, que pareciam nascidas dentro d'elles.

Os estímulos vitaes, que alentam a flora, tambem multiplicam a animalidade.

Na primavera toda aquella vegetação, e os beiraes dos telhados, e as fragoas á beiramar, e os buracos dos muros velhos, e os tectos de colmo das palhotas, e os intersticios das pedras dos poços, são ninhos de aves, dos bandos innummeraveis de aves que povôam todas as zonas aereas desde as nuvens até á flôr d'agua e aos sulcos da terra; aguias e milhanos cujo paio alteroso as gallinhas annunciam, chamando os pintos com pavidos

cacarejos; gralhas de plumagem malhada e negros corvos luzidios que limpam as praias, onde as garças e os maçaricos pescam, molhando os pés na franja das ondas; pombos e perdizes, cujas raças vão sendo exterminadas pela perseguição imprevidente do caçador; palmipedes, que atravessam o mar em cerradas phalanges; e esses passaros, bastos como as folhas das selvas, concertistas estrepitosos das madrugadas, sentinellas gritadoras das noites mudas, trovadores do arvoredado, harmonias soltas no espaço, notas espalhadas no chão, que sabem um repertorio infinito de gorgeios, pipillos, chilreios, assobios, e não raro fazem scismar o forasteiro, que julga

ouvir bater matracas, ressoar um tam-tam, e a ouvir uma campainha a distancia. De todos estes musicos alados o melhor artista é o *cherico*, e ao que traja mais galas, porque a sua plumagem colorida com reflexos metallicos lembra a dos



O BOABAD

colibris, chamam os indigenas *bebe-susa*.

O povoamento afastou as feras para o sertão, e só alguma esfaimada *quizumba*, especie de hyena, vem agora espreitar ás portas das palhotas; por isso podem os fazendeiros soltar nos campos as suas manadas de bois, quasi todos corcovados, e os seus rebanhos de cabras, cujo unico inimigo são as estiagens. Os grandes mammiferos estão escassamente representados n'esta região, até onde a penetrou a civilização. Nos palmares, e até nos matos, das terras firmes de Moçambique, apenas se ouvirá ladrar algum cão, provavelmente de secular ascendencia portugueza, que não morde nem está sujeito a damnar-se — não constam casos de hydrophobia na Africa Oriental, — e ver-se-ha com prazer marinharem pelo tronco dos coqueiros

ageis *ratos de palmeira*, de caudas empennachadas como a do esquilo; ou joviaes *mangussos*. A' noite é que nas cabanas dos negros e nas casas velhas talvez se não possa dormir com a guinchada de corpulentos ratos, e quem passar por edificios arruinados poderá ser esbofeteado pelas azas cartilaginosa de morcegos espavoridos.

Esse *mangusso*, que no mato diverte o viajante com as suas acrobatices, é facilmente domesticavel, e em toda a provincia compartilha com o macaco o encargo de recrear as familias, e servir de bobo ás tripulações dos navios. Parece-se com um esquilo, de pêlo comprido cinzento ou acastanhado, e, como elle, adorna-o uma felpuda cauda, maior que o resto do corpo, que a miude lança sobre o lombo. Aprende varias habilidades, mas de todas as que costuma executar, a mais graciosa ensinou-lh'a a natureza. Quando apanha um ovo, de que é muito guloso, rola-o para perto d'uma parede, contra a qual volta a cauda; depois, firma-se sobre os pés tendo as pernas afastadas, agarra no ovo com as duas mãos, e arremessa-o á parede por baixo do corpo, para lhe quebrar a casca e chupal-o. Na residencia de Quelimane havia um d'estes animaesinhos, muito esperto, muito manhoso, muito curioso, a que os pretos chamavam *guarda d'alfandega* porque tudo esquadrinhava e que uma vez, tomando uma bola de bilhar por um ovo, esfalfou-se a querer partil-la atirando-o ao roda-pé d'uma sala.

Se a ordem dos mamíferos é ali pobrissima, as dos reptis e dos insectos têm representações formidaveis. Não se passa por uma moita que se não ouça lá dentro restolhar bicho, e o bicho talvez seja cobra; mas os ophideos que apparecem nas zonas povoadas e cultivadas são geralmente inoffensivos, e as proprias especies venenosas, que existem na provincia, pouco dão que falar de si. Na nossa India todos os annos se contam por centenaes as victimas das cobras de capello e quejandos monstros; em Moçambique, apesar dos indigenas andarem descalços e pouco vestidos e dormirem á aventura pelos matos, raro se ouve dizer que algum fosse mordido por um reptil, apesar de n'alguns sitios haver pragas d'elles. Quem quizer vêr lagartos, — não confundir com os jacarés, a que tambem se applica essa denominação generica, — não precisará estafar-se: vá ás ruinas da igreja da Cabaceira Grande á hora do sol, sente-se, não faça bulha, e verá bellos saurios verde-negros excursionarem pelas paredes esfuracadas, ás corridinhas, parando a espaços e virando a cabeça para darem fé do que se passa. Mas nunca fizeram mal a ninguem!

Os camaleões, de que se encontram muitas variedades, esses até são interessantes, ainda que os seus olhinhos de forma humana, protegidos por palpebras de extrema mobilidade, fixam na gente uns olhares que bolem com os nervos, e ninguem queira sentir apertarem-se-lhe nas carnes as suas maxillas guarnecidas de serras de finissimos dentes. A morosidade dos seus movimentos, quando não estão excitados, compete com a do celebre animal da America que tomou o nome do ultimo peccado mortal, e não ha Succi que lhe leve as palmas em abstinencia. Tive um que passou quinze dias aferrado, com os dedinhos que pareciam calçados de luvas amarellas, á travessa d'um tremó de mogno polido, confundindo-se com os labores de madeira, cuja côr tomára, e durante todo esse tempo não mudou de logar nem quasi de attitude, e nunca tomou alimento, a não ser, talvez, algum insecto que se lhe fosse metter na bocca. Mudado depois para uma arvore, custava a distinguil-o das folhas.

O verdadeiro flagello são os insectos. Uf! que só de me lembrar d'elles sinto na pelle pruridos e instinctivas contracções de tédio! Uma noite, — noite abafadiça e humida do fim de novembro, — a casa da Cabaceira Grande foi invadida por um turbilhão de insectos tão denso que os seus moradores passaram horas na constante fadiga de escolher nos montões d'elles que cahiam aturdidos em derredor dos candieiros, exemplares de cada variedade, com que enchemos caixas e caixas. As legiões que esvoaçavam em torno da luz chegavam a fazer sombra, como se a rodeassem d'um *abat-jour*; ouvia-se um estalejar incessante de rijas carapaças embatendo nas paredes; ensurdeciam os zumbidos, em muitos tons; batiam-nos na cara azas fibrosas, corpos duros ou felpudos; não se dava um passo sem sentir estouros de esmagamentos; aspiravamos insectos, cuspiamos antenas e pernas d'insectos. Outra vez, tambem de noite, a sala grande da residencia encheu-se d'uma nuvem de formigas d'azas, só formigas d'azas, que toldava a vista, deixou o pavimento litteralmente coberto, preto, de cadaveres d'esses hymenopteros. Debaixo do candieiro, suspenso do tecto, era tão espessa a camada d'elles que atufaria o pé que a pizasse. Em qualquer logar e em qualquer estação, basta accender uma luz ao ar livre para reunir a curto trecho uma collecção entomologica.

Estas grandes invasões occasionaes são, porém, muito menos molestas do que as perseguições permanentes de certos insectos sociaveis, que se comprazem na companhia do homem a ponto de comerem com elle á mesa, de se metterem com elle na cama, de se lhes

alojarem nas casas e nos moveis, como são as baratas e os mosquitos.

As baratas! Malditas, que nem o matal-as dá gosto, porque até no morrer são nojentas! Pretas ou louras, lustrosas d'um repellente lustre viscoso, enormes, correndo a saracotear a casca ou voando com zumbidos importunos, não ha escaninho, nem prêga, nem fenda, nem orificio em que se não insinuem, por onde não penetrem, para tudo roerem, babarem, polluirem com as antenas, com os ovos, com as secreções. Abre-se a roupa do leito e vêem-se corpos negros fugirem sobre a alvura dos lençóis. Accorda-se de noite a ouvir ruidos extranhos, e distinguem-se baratas a treparem pelo mosquiteiro ou a comerem a vela da palmatoria sobre a mesa da cabeceira. Na bacia do lavatorio cahiram baratas, dentro do calçado introduziram-se baratas, veste-se um casaco e sente-se correr pelo braço acima a barata que se alapardára dentro da manga. A' mesa não é raro vêr pelo ar uma barata e, zás! estatelar-se dentro do prato. Chegam a roer as unhas, a morder as pontas dos dedos, a trincar as orelhas de quem dorme. Nos navios ainda são mais flagelladoras do que nas habitações; chegam a tomar posse d'elles desde a quilha até aos

tindo as baratas passarem-lhe por cima do corpo, e a comer tirando primeiro da sôpa ou dos mólhos pernas e antenas de baratas, não vá á Africa, porque morrerá de somno e de fome.

Mil vezes antes aturar os mosquitos!

Na estação fresca e secca chegam a não incomodar, a não ser na visinhança de pantanos e á noite, debaixo dos arvoredos espessos; mas quando o calor aperta e a atmosfera se satura de humidades, então, sim, mesmo em Moçambique, ilha e continente, que aliás não são dos logares mais infestados de mosquitos, a dôr e o prurido das ferroadas obrigam brancos e pretos a constantes contorsões e a uma verdadeira faina de coçaduras. Vão para lá os compendios de civilidade prêgar que é feio coçar-se uma pessoa em sociedade! Não se resiste. Põe-se a pelle a escorrer sangue, e não se fica satisfeito. Chegam a fazer febres, e os pretos sabem historias não sei se verdadeiras, de creaturas humanas, especialmente creanças, mortas por elles ás ferroadas. Mas ainda que não assassinem, atormentam, enfrenesiam, não deixam trabalhar nem pensar, e auxiliam-se nas malversações com subtis manhas de descobrirem os pontos vulneraveis das victimas. Não ha



O MOSSURIL

mastros. No *Rovuma*, em certa época, passagreiro que commettia a imprudencia de se descalçar quando se deitava, na manhã seguinte encontrava as botas litteralmente esfrangalhadas pelas baratas. E' forçoso transigir com ellas, deixar-se vencer por ellas para se viver; quem não pudér acostumar-se a dormir sen-

estratagemas contra elles. As defesas mais proveitosas são fechar as janellas com rêdes de arame de malha finissima, e cobrir as camas com cortinados transparentes sem abertura, entrar para dentro d'elles com um movimento rapido e entalar-lhes as orlas entre os colchões; mas nem essas asseguram inteiramente

a immuidade d'uma alcôva, a tranquillidade d'um somno. Ao ar livre então, nem quasi ha lenitivo para a tortura, a não ser nas fogueiras fumacentas, quando se prefira o risco de ser asphyxiado á certeza de ser picado.

Entre as pragas da terra tambem merece especial menção, não por dolorosa, mas por devastadora, a *muchen*, a formiga branca, que na outra costa d'Africa tambem chamam *salalé*.

D'um dia para outro, esse bichinho, muito parecido na fórma com a nossa conhecida formiga, — pelo menos para quem não é zoologista, — pequeno, d'um branco alourado, — entra n'um campo de muitos hectares, e devora toda a semente que a terra occultava e todas as tenras plantas que já tinham rebentado da terra: é uma limpeza a preceito! Em poucas horas, o terrível insecto introduz-se dentro d'um bahu, d'uma mala, d'uma caixa, e estrefega litteralmente quanta roupa ou quantos papeis lá encontra. Se não tiverem cuidado com elle, em alguns mezes devorará o madeiramento todo d'uma casa, em curtos dias despejará um celleiro, com o seu vagar derribará pontes, ou dará cabo de florestas roendo o lenho das arvores até deixar a casca ôca. A agricultura não tem mais formidável inimigo e as construcções precisam armar-se para lhe resistirem; dentro das casas é forçoso organizar defesas em regra contra as suas investidas, evitando os soalhos, usando malas de ferro, mettendo os pés dos moveis em vasos com agua, trazendo a vassoura sempre á espreita do mais leve vestigio da *muchen*.

E como ella é artista nos seus processos de destruição! Não gosta de atacar ás claras, a descoberto; vae ao assalto por dentro de tunneis, e quando não encontra material onde possa fural-os, constroe-lhes ella propria as abobadas com terra ou areia amassada — creio eu, — com um liquido que segrega. Quer ir roer um tecto, que percebeu que é de madeira. Vae á hobreira d'uma porta, se alguma ha a geito, e fura por ella acima na grossura da taboa, até á verga; ahi, não podendo abrir galeria nas argamassas, faz uma estrada exterior coberta, tortuosa, — porque não se trabalha depressa e bem, — mas que lá vae dar ao ponto desejado, e por essa estrada sobem milhares e milhares de formigas, que a curto trecho esculpem nos madeiramentos do tecto os documentos da sua conquista, sob a fórma de arabescos e arborescencias. Contra os moveis empregam processos de ataque semelhantes. No palacio de S. Paulo, um dos meus secretarios julgou defender, por poucas horas, uma mala de madeira e lona collocando-a sobre uma cadeira; no espaço d'uma noite, a formiga furou verticalmente um dos pés d'essa cadeira, rompeu o

fundo da mala, e devastou todo o seu conteúdo, roupas, livros, papeis.

Nos campos, a vocação da *muchen* por a engenharia eleva a cada passo solidos monumentos: os seus formigueiros. São montões, quasi sempre pyramidaes, da mesma substancia com que ella, nas habitações, cobre as suas galerias exteriores. A's vezes sobem a tamanha altura que se podem tomar por cabanas de pretos, e são sempre tão solidos que a custo entra com elles a picareta, e a bala não lhes abre brecha. Os indigenas aproveitam-n'os a miude para fornos.

Evidentemente, a *muchen* multiplica-se em tanta cópia que nem tem que invejar a fecundidade dos peixes, e d'isso dá testemunho o volume do abdomen da formiga mãe. E' enorme, inteiramente desproporcionado com o resto do corpo, vinte ou trinta vezes maior do que elle. Repellente monstro!

Uma ou outra vez, nas casas de Moçambique, espavora os moradores a presença d'um escorpião ou a descoberta d'uma tarantula, e estas appareições são relativamente mais vulgares na ilha do que na terra firme, porque as favorecem os baneanos, que n'ella habitam em numerosas tribus. Prohibidos pelas suas crenças religiosas de matar, ainda que corram risco de ser mortos pelos seres a quem poupam a vida, esses asiaticos, quando encontram nas pocilgas bicho peçonhento, o mais que fazem é convidal-o delicadamente a arranjar outra hospedagem, pondo-o na rua, onde não lhe aconteça mal, ou á porta d'alguem visinho. Esta caridade e a falta de aceio têm multiplicado na cidade os arachnoides venenosos, e costuma-se recommendar a quem chega de fóra que nunca se calce de manhã sem vêr se dentro do calçado se alojou alguma tarantula, porque parece que ellas gostam d'esse asylo para pernoitar. Todavia, em casas cuidadas é tão raro vêr-se uma d'essas bichezas como apparecer uma vibora nas de Lisboa. Não chegam a constituir um perigo, nem mesmo para os indigenas. Durante a minha estada em Africa tive noticia de casos, contemporaneos ou recentissimos, de negros mortos por leões, tigres, crocodilos, tubarões; mas nunca ouvi falar de victimas de reptis ou quejandas alimarias peçonhentas, e só as vi em frascos, a nadarem em alcool. As cobras que se dignavam visitar-me na minha *macheza* da Beira eram tão inoffensivas como se fossem de caut-chouc.

Na Africa europisada, as verdadeiras feras a temer são, pois, os mosquitos e as baratas. As baratas principalmente. Se os tigres comessem baratas como as baratas destroem os percevejos, em casa onde eu vivesse andaria sempre algum tigre á solta.



## CAPITULO QUINTO

### A Santa

**N**EM com a sobrenatural intervenção do procurado milagre Adozinda conseguiu melhorar. Passado um dia de prova, em que sete vêzes a obrigaram a insinuar-se pelo mysterioso intervallo das duas lapas, a pobre creatura retirou da serra, merencoriamente como tinha vindo, mais combalida ainda, mais extenuada e triste, entre a desconfortada inquietação dos seus.

Não fôra de reconhecida efficacia, pelos modos, para a desolada creança a reclamada intervenção da Divindade. Mas nem por isso a fé depositada pelos Souzas na milagreira Imagem soffreu quebra ou esfriou. Ante a sua ingenuidade credula e simples, eram a coisa mais natural e comprehensivel estes caprichos desamoraveis por parte da população celeste, nem sempre disposta a mostrar o poder da sua intercessão junto ao Divino. Um ponto de contacto que, sem bem se darem conta, elles estabeleciam entre o catholicismo e o divertido mundo pagão. E instinctivamente acertavam, afinal.

O certo foi que Adozinda não sentiu nenhum allivio, na sua penosa digressão therapeutica; e agora, ao seguir pela estrada de Moimenta, não raro as suas magoadas lamentações, os seus dilacerantes ais de agonia raspavam a calida mansidão do ar, sahindo pelas aberturas da liteira que morosamente avançava, n'uma espessa nuvem de pó picada de laminasinhas de mica, lembrando uma gaze bordada a lantejoulas. E, assim, a chegada a Leomil foi uma coisa sensibilizadora e tocante, repassada d'uma emoção quasi luctuosa. Desde o começo da rua Direita, pela villa fóra, até á cancella de entrada do patim, que grupos de mulheritas melancholicas esperavam n'um commovido interesse a chegada da familiar ambulancia. Um vago estimulo de superstição, uma leve tinta de religiosa aura começavam a illuminar e a erguer,

no conceito e no amor d'aquellas ingenuas almas, a candida figura immaculada d'essa virgem, tão prematura e immerecidamente feita martyr, sem se saber porquê.

— E' que o Senhor a quiz p'ra si, coitadinha! — explicava uma velhota, de roca á cinta, sentada no degrau da porta, sobre a rua.

— Ora! quem sabe lá... — objectou do lado uma outra, que estendia roupa n'uma corda, a enxugar.

— Ah, não mas sim! — tornava a primeira. — Nem aquelles olhinhos d'ella, tão claros, tão principaes, tão cheios de quebranto, nunca me enganaram a mim... Achou-a mal empregada o Senhor, n'este mundo, quer leval-a p'ra si.

E d'esta vêz ante o silencio complacente das visinhas, erguendo em ar prophético as pupillas, puxava a velhota com os dedos salivados a estriga, emquanto no extremo da outra mão o fuso, dançando, ia enrolando a grosseira maçaroca.

Quando do extremo da villa, á Santa Barbara, os primeiros garotos dêram signal da aproximação dos almocreves, que vinham na frente a regular o chouto pachorrento das mulas, logo a noticia correu n'um relance; tudo assomava ás portas e se pendurava das janellas, os homens descobriam-se, e até no caminho da fonte as creditas paravam tambem, abrindo grandes olhos curiosos, umas com o caneco deitado graciosamente sobre o antebraço em ansa, equilibrando-o outras, já cheio, n'um meneio airoso sobre o cabelo, com a oscillação da agua amortecida por uma folha de couve. Depois, quando a apparatusa liteira passou, de cortinas franzidas, ladeada por um espontaneo acompanhamento de piedosas figuras, sempre crescente, e dentro a emaciada face e a austera côr de marfim velho da pobre Adozinda, as mesmas mulheres

adeantavam-se a miral-a, de lagrimas nos olhos, lamuriando:

— Olha que sumidinha que ella vêm!

— Santinha!

No patim da casa dos Souzas, os proprios Guedes, inquietos e em pé, sem terem querido entrar, insensíveis á curiosa inquirição do povo, haviam posto de parte suas melindrosas prosapias para aguardarem em pessoa o regresso da doentinha.

Esta porêm, mal que a ajudaram a sahir da liteira e se sentiu novamente em casa, despediu um grande arranco de allivio, e indicando com apressada ancia a porta de entrada, como quem está impaciente por se vêr sósinha, exclamou:

— Ai! acabada seja eu... Levem-me, levem-me d'aqui depressa!

E alheia a todo o mundo, n'um marmoreo desdem, n'uma concentração mystica de todo o seu ser, entrou, em braços da mãe e do padre Manuel, refugiando-se logo no quarto e dobrando-se dentro da cama.

Depois, desde o dia seguinte que, com uma ferocidade intransigente, se recusou a vêr quem quer que fôsse, além da familia, e começou a não querer comer. Por consequencia, a anorexia apressou-lhe ainda mais a consumpção e a ruina do arcaboço delicado. Os seus caracteres degenerativos avançaram n'uma acceleração de morte, n'uma espantosa progressão. A face tornava-se-lhe pronunciadamente cadaverica, o tronco sêcco e chupado parecia ressicado ao fogo, e uma atrophica disposição, persistente e accentuada, reduzia-lhe rapidamente as feições, os membros a minusculas proporções, espremidas n'uma escala inverosimil.

Chegára agora a termos a pobresita que, no dizer alanceado da mãe, não fazia entre os lençoes mais volume «que um grabato sêcco.» E então accentuava-se por uma forma terrivel a morbida disposição da sua estrutura, o seu incompleto desenvolvimento, o seu anormal e violento infantilismo, — o pescoço linear, a expressão mobil dos olhos, os seios sem vôo, ladeiros os quadrís, a epiderme quasi impubere. E, moralmente, todos os excessos de sensibilidade, todas as phobias, todas as pequeninas loucuras mansas que são obrigado syndroma a esta especie de degenerados. Fazia por furtar-se o mais possivel a todos os actos da vida de relação, não supportava ruidos fortes, a janella queria-a sempre com as portadas quasi encostadas, evitava por vêzes exasperadamente as communicações com a vida exterior.

Assim, quanto mais só, mais allucinadamente trabalhava o seu destemperado e pequenino cerebro. Do mais insignificante in-

commodo, da mais ligeira contrariedade ella extrahia motivos enormes de desgosto. Então supplicava, clamava, desfazia-se em pranteados lamentos, até conseguir voltar a fechar-se no seu querido isolamento, mergulhada n'uma solidão, n'uma paz e n'um silencio que lhe permittiam reentregar-se voluptuosamente ao dominio ardente e absoluto d'um vago sentimento contemplativo, indefinido e alto, alheio e superior ás suas abominadas preoccupações dos sentidos.

E era quando, n'essa savorida libertação librando as azas, a sua mentalidade se perdia em illuminadas abstracções, em incoerciveis e soltos devaneios. O proprio desequilibrio, todo espiritual, da sua organização fazia-a vibrar n'um requintado dynamismo nervoso que a tornava como que uma vidente, pois sabido está que pela fenda degenerativa é que em nós entra do pensamento a luz divina.

Em que pensava ella então? ... Será mais logico perguntar — em quem? Com effeito, de todas as suas anteriores impressões mundanaes, Adozinda conservava, cariciosamente resguardada n'uma prega do coração e n'uma dobra do cerebro, a lembrança perturbadora e dôce da sua paixão. A imagem, o cuidado, a impressão do doutor David não a deixava nunca. Não que ella o amásse ainda. Pelo contrario: a dignidade fundamental do seu character tornava com a alma do leviano e inconsequente galanteador a sua completamente irreductivel. Mas aqui vinha o seu desequilibrio organico, a debilidade ingenita do seu querer, mais avolumada ainda na hyperesthesia ardente que a consumia, achar em meio de tanto despeito e rancor especiosas razões para se occupar d'elle. ELLE! — eis ahí uma palavra que por si mesma é como que d'uma côr de pronuncia distincta... palavra que, tomada no valor que as victimas da paixão lhe attribuem, resume em si toda a razão que ha para vivermos, exprime quasi o ineffavel, o divino, o infinito.

Por isso a miude Adozinda, por essa noite alta, embalada no engôdo languido da illusão, prolongava largos claros de somno, lucidas stases em que inlevado o seu espirito se esquecia a pensar no delegado... E então todo o seu exaspero, todo o seu doloroso furor, toda a sua magua não residia no conhecimento de se saber subitamente ludibriada, nem tampouco na cessação brusca do seu amor, mas na forma violenta e imprevisita como ella se realizára, sem uma explicação, sem uma despedida, um rompimento, entre os dois claramente formulado. Era quando, na obsessiva querença de illudir-se, ella dizia a si mesma que tudo estaria muito bem, e a

sua consciencia aplacada e o seu coração tranquillo, se os dois, embora por um modo sêcco e violento, se houvêsem dito nitidamente adeus. Ficava uma situação definida, o ponto de partida, para cada um, d'uma como que vida nova; mas tendo-se passado as coisas assim por aquella forma, — ella sem lhe ter manifestado toda a sua indignação, elle sem haver tido tempo para ensaiar qualquer odiosa desculpa, — esse rompimento fatal, e ao mesmo tempo incompleto, era para Adozinda uma como porção de si propria que lhe faltava, que se lhe fôra com elle... renunciava-lhe o que quér que fôsse de mortal, de funesto, de irreparavel, que lhe escaldava o sangue e a fazia soffrer!

Então queria forçosamente que o delegado viêsse ali assim, para *vivêrem* os dois a decisiva scena que faltára, e separarem-se depois, odiando-o ella como nunca, mas ficando tranquilla. E logo, ao mesmo tempo, media a impossibilidade de realisação d'este louco aneio; pedia-lh'o o coração, repugnava-lhe á consciencia. Por um lado, desejava-o perdidamente; por outro, attingia bem que não havia meio de reconstituir o doloroso episodio do caramanchão... Consequentes, tinha accessos de verdadeira loucura erotica. Im-

enterrando a face incendiada nas almofadas e dilacerando com as unhas o travesseiro.

E de cada vêz que uma d'estas tempestuosas insomnias a convulsionava, logo visivelmente no dia seguinte o seu depercimento organico se accusava mais fundo e a sua depressão vital era mais assustadora e rapida.

Com aquella forçada permanencia no leito, o corpinho delgado e protuberado de ossos, de Adozinda, começou a mirrar-se, a ecze-mar-se de feridas. Levantavam-n'a então, parte do dia; o pae e um creado, fazendo cadeirinha dos braços, transportavam-n'a a baixo, á sala de jantar; e ahi, como a inercia funcional das túbias ressecadas já nem lhe permitia suster-se nas cadeiras, accommodavam-n'a cautelosamente a um canto, meio amparada á quina, como um *bibelot* partido, com as pernitias enrodilhadas sobre um esteirão. E ella agora n'esta sua nova posição, subtrahida ao pôtro habitual dos seus pensamentos, momentaneamente, distrahia-se; as pupillas apaziguavam-se-lhe, não sentia o coração bater, e algumas vêzes mesmo, com mansa complacencia, esquecia-se dulcidamente a conversar.

Quando tal boato correu pela villa, uma piedosa curiosidade ahi incitou logo o mulhe-



mobilisavam-se-lhe os olhos em spasmos de aterrada supplica, ondas de fogo lhe escalavam o cerebello, ringiam-lhe os dentes com furia; e não aplacava sem voltar-se de bruços, arrepellando-se, vociferando, espumando,

río, que todo á porfia começou demandando a casa dos Souzas, no vivo empenho de «vêr a santinha.» Esta, as mais das vêzes, condescendia com o pedido, dizia que as mandassem entrar. E enquanto se não fatigava, con-

versava com ellas muito, parecia interessar-se pelas coisas que mais particularmente a cada uma diziam respeito; e com um ar prophético, n'este accento aladamente mystico dos contemplativos e dos tristes, dava-lhes conselhos, vaticinava-lhes factos e successos, muitos dos quaes acontecia depois virem a succeder taes como a transcendental creança annunciára.

Tanto bondou paraque a improvisada pythoussa adquirisse fóros de infallivel ante a bronca singelêza popular. Todas queriam agora sinceramente consultal-a; traziam presentes e offeras que os Souzas intransigentemente rejeitavam. — A romaria pela ladeira abaixo, até ao patim, era infallivel todas as tardes. Vinham e ajoelhavam deante d'ella; interpellavam-n'a sobre toda a sorte de assumptos, firmes na sincera convicção do seu encyclopedismo milagreiro. E depois, adorativamente, retiravam ás arrecuas até á porta, sem se voltarem, tendo-lhe antes, prostradas de bruços, beijado o informe e reduzido mó-lho de ossos que, gasalhado carinhosamente por um chale, lhe formavam os pésitos e as pernas comidas de inanição.

Uma queria remedio para as maleitas que lhe impossibilitavam o homem de trabalhar; outra supplicava novas certas do *conversado*, que lhe andava longe, no mar; vinha outra com o filhinho, consumido de febre, ao collo, para que a santinha o curásse, poisando n'elle a mão; outra perguntava se faria bem em casar, reclamavam outras remedio para a vista, para o mal dos castanheiros, para uma nascente que lhes seccára, chagas malignas, tumores, bruxêdos, flatos, almorreimas. A credence nos homens era geral tambem, á excepção do mestre barbeiro, que debruava sempre o maravilhoso relato das curas d'um riso sceptico, porque via em Adozinda uma concorrente terrivel ás suas artes de curandeiro. A fama da extraordinaria vidente espalhou-se por toda a redondeza; começavam a accorrer os fieis d'além Douro, veio o phenomeno encarecido nos jornaes. E entretanto Adozinda continuava sempre, invariavelmente, a attender a todos com o seu complacente e espirital sorriso, nos labios de pergaminho perennalmente aberto. Entregára-se de principio a este consolador exercicio pelo seu pique de inédito, a que não era alheio um vago estimulo de vaidade. Aconselhava á aventura, sem a minima fé nos seus vaticinios, porêm no intimo lisonjeada pelo exito d'estas suas palavras de acaso, pelo seu jogo instinctivo e feliz com a sorte. Porêm depois, progressivamente, a repetida segurança dos horoscopos incutiu-lhe a ella mesma confiança, deu-lhe a grata confirmação do seu valor; e d'ahi o

illumino proprio da sua intensa neuropathia alargára-lhe extrapotencialmente o campo de visão subjectiva; de sorte que, com a victoriosa repetição d'aquelle seu papel de sibylla, acabou por o tomar tambem a sério, por se identificar com elle, a termos que, por fim, da sua propria convicção extrahia mais calorosos argumentos, e crente agora na sua missão providencial, com o seu intimo convencimento mais vivamente assoprava o supersticioso fervor das outras.

Mas com tudo isto mais rapida e fulminantemente se lhe consumiram as forças. Pouco mais de um anno passado sobre a visita á Senhora da Lapa, já a prestigiosa creança, tornada uma mumia viva, não podia deixar o leito. Ahi não fazia mais volume que uma innocente de quatro ou cinco annos; os membros, completamente lineares, parecia despegarem-se-lhe do corpo de gelo; nas cavadas orbitas dos olhos veio a faltar a luz, pouco depois faltou a voz tambem... De sorte que, finalmente, uma tarde agreste de setembro, aos primeiros arrepíos do outomno, Adozinda perdia tambem a vida, n'um esmaiar de dia brumoso e vago em que as visinhas juravam sinceramente tê-la visto, através das paredes da casa, por um grande milagre tornadas transparentes, erguer-se, esguia e branca, sobre o leito e desferir vôo para o céu...

Correu logo por todo Leomil a desoladora noticia. E a sua luctuosa repercussão alastrava lugubrememente, de casa em casa, de bocca em bocca, tal como o tanger d'algun sino de capellinha solitaria, acordando os echos dolentes dos êrmos valles em roda. E de todos os corações as lagrimas rompiam sinceras. Formavam-se grupos de pessôas simples irmanadas na solidariedade unanime da mesma dôr. A' noite, passante das 9 horas, comida a ceia e apagado o lume em cada lar, ahi vinham agora as mulheres, segundo o velho habito beirão, fazer junto da morta a sua velada piedosa. Chegavam, silenciosas e humildes, embrulhadas nas capas e nos chales, formando negras massas informes, e accoravam-se as primeiras, fazendo fila, nos degraus da porta de entrada; ao passo que as outras se estendiam successivamente, n'uma longa e compacta linha de carpideiras, até á cancella, a todo o comprimento do patim. E ahi se installavam pesadamente, procurando posições, acercando-se das conhecidas, na piedosa dispozição de ali passarem ao relento a noite.

As mais intimas da casa, muito subtilmente, adeantavam passo aos degraus do portão, entravam, e ahi no corredor tomavam logo á direita, onde um pequenino gabinete, im-

provisada camara mortuaria, se abria, ao centro do qual, sobre duas grandes arcas, vestidas por uma velha sêda da India, rôxa com florões brancos, repoisava um caixão aberto, com o rosto de cêra de Adozinda enlivedendo entre flôres e rendas. No topo havia uma banquêta com crucifixo, ladeado pelo caracteristico estalidar das velas, cuja cêra punha no ambiente um cheiro de morte. De roda, na penumbra, as serviçaes da casa soluçavam. E junto ao precioso feretro o velho caseiro, de pé, com a sua inflammação chronica das palpebras aggravada pelo continuado pranto, de raminho de oliveira na mão, enxotava sem cessar de roda do prematuro cadaver as môscas.

E assim lentas e silenciosas aquellas funebres horas fôram passando, n'uma immobilidade que dirieis tragica, n'um silencio morno e religioso, apenas perturbado pelo marmotar mechanico das orações e pelo ciciado sibilar das conversas que vinham de fóra, do patim; as quaes, arrastadas primeiro em espaçados bocejos, sem cohesão e sem interesse, fôram depois, ao contrario do que era natural acontecêsse, gradualmente aquecendo; e parecia que um pensamento commum, ardente e unico, andava fazendo ligação de grupo a grupo. Levantavam-se umas e vinham ter com as outras, gesticulando, interpellando-se com intimativa, nos olhos ardendo-lhes um brilho estimulado, com toda a apparencia e signal de quem andava urdindo uma conspirata.

No dia seguinte, logo de manhã, a onda dos devotos voltou a invadir n'uma supersticiosa avidéz a casa. Todos queriam vêr ainda uma vez a morta, beijal-a, tocar-lhe, alcançar d'ella uma recordação, uma reliquia. Houve quem, já préviamente munido de thesoura, lhe cortasse a occultas pedacinhos de cabelo; e a ultima camisa que Adozinda vestira

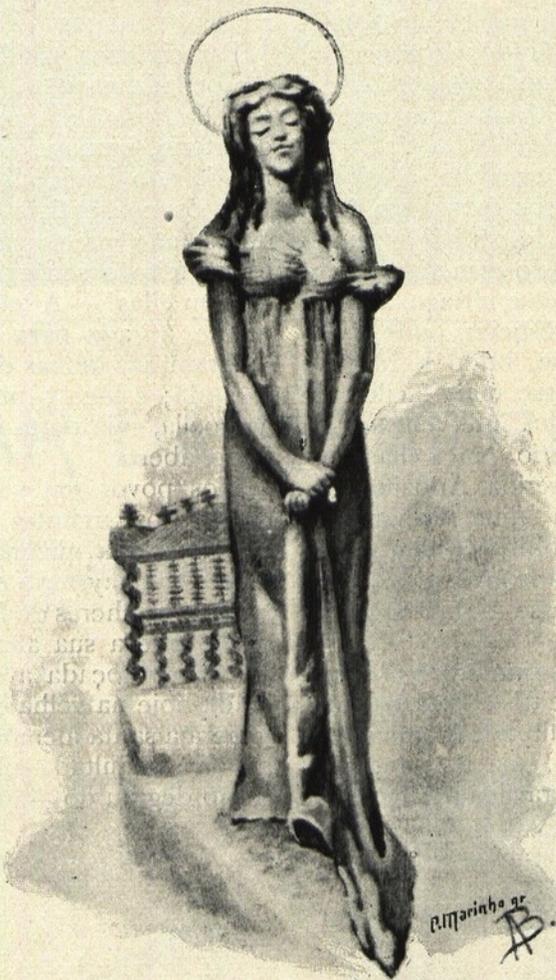
foi retalhada em milhares de farrapinhos, disputados com sofreguidão pelos que vinham.

Depois, ao entardecer, o sahimento foi uma coisa singularmente tocante e magestosa, Toda a população masculina do concelho, póde dizer-se, veio incorporar-se no cortejo. A' frente os cavadores e homens dos campos, n'uma grossa restolhada de tamancos, o brandão accêso a tremer nas mãos callosas; depois os *irmãos* das duas irmandades, do Santissimo e da Misericordia, esta levando

á frente o pendão com a celebre Senhora das Dôres para que fôra modelo a espirital Adozinda. Tornou-se tão numeroso o prestito, que quasi enchia, mesmo antes de pôr-se em marcha, toda a extensão que ia da casa dos Souzas ao extremo da villa. E depois, pausada e solememente, ao compassado chocalhar das campainhas, ao dobre plangente dos sínos, desenhou-se um momento nas duras trévas da noite aquelle sinistro collear de lividos lumes, serpeando por entre os castanheiros até á capella de Santa Barbara, e d'ahi ao cemiterio. Adozinda ia ainda de caixão aberto, sacudida aos hombros de seis intimos da casa, dentro do esquife de varanda com franjados

pannos dançando. Levava o Guedes a chave do caixão. E as mulheres nas janellas, ao vêrem o pendão da Misericordia, rompiam em gritado pranto, reforçavam o côro da multidão que na cauda do feretro se arrastava, psalmodiando o *Bemdito*.

Uma hora depois, tudo estava em repouso, e, cumprida a piedosa homenagem, toda a villa parecia haver regressado á somnolenta inercia habitual. Nada fazia suppôr que o fermento de qualquer acto arrojado e extranho se estava, áquella hora mesmo, chocando na tréva e no silencio de cada habitação. Comtudo, a horas mortas da noite, quasi simultaneamente, a porta d'uma casa se abriu,



e depois outra, e outra, e muitas, e todas; e de todas sahiam mulheres, que cautelosamente, mas sem hesitar, caminhavam logo para o cemiterio, como que obedecendo á senha d'um plano combinado. — Era o resultado da supersticiosa machinação da noite anterior, durante a velada no patim dos Souzas. Qualquer coisa de subversivo e decisivo todas aquellas simples mulheres haviam na ingenuidade da sua crença resolvido, que iam agora, resolutas e promptas, executar. Na maior parte os homens, no seu intimo de accôrdo, não se oppuzeram; outros mesmo instigáram; o administrador do concelho, avisado a tempo, fingiu uma diligencia fóra da terra e, para deixar á vontade as mulheres, tinha partido.

Não admittiam, não queriam ellas por modo nenhum que o corpo da sua santinha fôsse deitado á terra, onde em breve tempo sacrilegamente «os bichos o comeriam.» Era indispensavel furtal-o a esse ultrage, accomodal-o n'um sitio de respeito, onde a decomposição o respeitásse, onde a romaria amavel dos fieis podésse mais facilmente ir demandar a graça da sua intervenção. Na promiscuidade do cemiterio nunca ellas consentiriam que a sua querida Adozinda ficásse. Antes ao lado, na Santa Barbara, ahi sim! E como isto era prohibido, bem se importavam ellas... haviam de fazer a coisa sem que ninguem lhes podésse pegar, sem em Vizeu se saber!

N'esta disposição pois se juntaram, n'aquella madrugada nevoenta e triste, todas as mulheres de Leomil no cemiterio. Algumas traziam archotes accêsos, a cuja luz sanguinolenta tomava os mais extravagantes aspectos

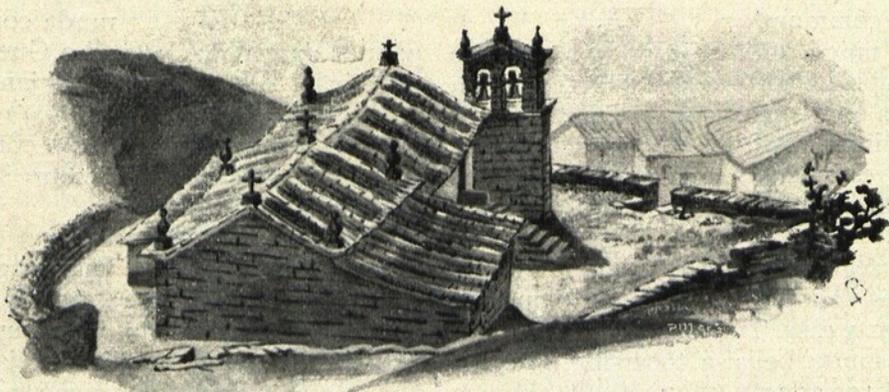
o amontoamento vago e sujo d'aquella multidão, com os olhos illuminados de fé, cestos e ferramentas ao hombro, confusa e ameaçadora movendo-se por entre a hirta immobillidade dos cyprestes.

A um signal dado, quatro archotes se postaram aos quatro angulos da sepultura de Adozinda, atirando verticalmente para o espaço as suas espiras resinosas; e quatro mulheres mais possantes atacaram rijamente com os sachos a terra ainda fresca, acabada de acamar ha poucas horas. As mais faziam roda.

Parecia uma ronda de espectros, na sua atropellada invasão, na sua escabujada faina áquella hora de repouso. Junto do portão do cemiterio, immovel e complacente, o coveiro ria. E não havia ali mais homem nenhum. Não os consentiam as sediciosas exhumadoras, não precisavam d'elles... Estes tinham feito o seu enterro, agora aquelle era só com ellas! — A terra foi removida rapidamente, atirada para longe; breve os sachos bateram nas tabuas do esquite, que foi içado a corda; e logo o novo cortejo seguiu para a capella, cuja porta já estava, como por milagre, aberta.

Nos povos em volta, d'onde o inquieto clarão dos archotes foi visto, julgou-se ser ainda alguma queimada; e assim liberramente, no mysterio e na impunidade, podéram as mulheres de Leomil realizar a trasladação que a sua alma em revolta fantasiára e que alvoroçada a sua fé lhes impunha. E ainda hoje na velha e adusta capellinha lá se venera a santa memoria da incomprehendida creança, sepultada sob uma póida lagea branca no degrau do altar-mór.

ABEL BOTELHO.



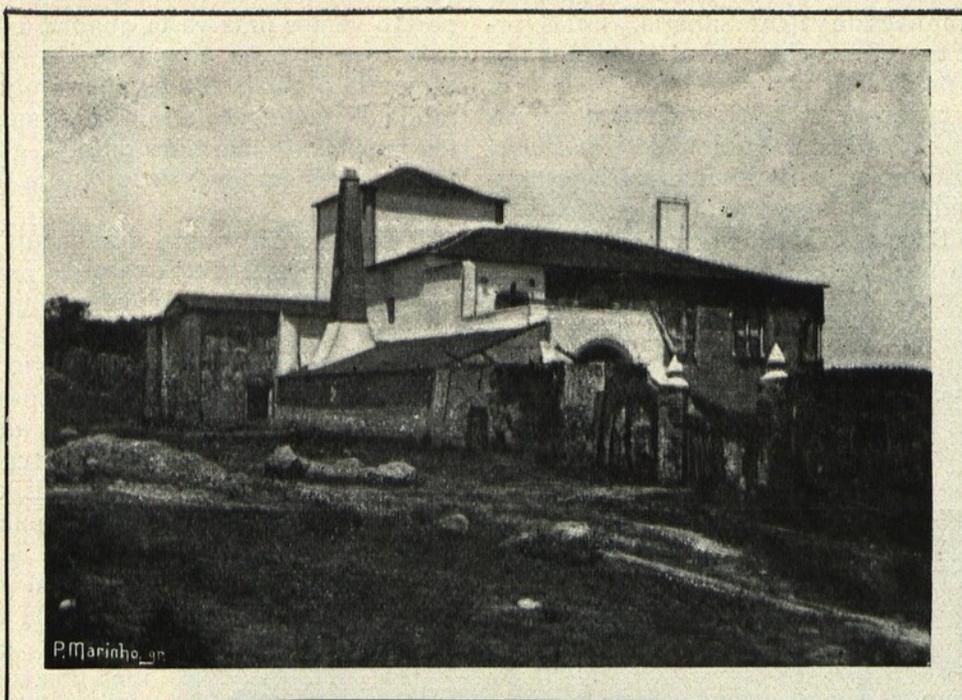


Photo.)

VISTA ACTUAL DA SEMPRE NOIVA

(Arnaldo.

## O SOLAR DA SEMPRE NOIVA

É UM solar muito antigo, que fica entre Evora e Arrayollos; ainda o conheci abandonado, sem telhados, as paredes negras com plantas bravas, as chaminés erguidas cheias de ninhos de corujas; era uma ruina tragica. Agora está rebocado, caiado, com telhados novos, felizmente respeitaram o que era antigo; não se fez completa restauração, mas assim conserva-se o que existia, que era muito. Não é unico este solar por aquellos sitios; entre Arrayollos e Montemor-o-Novo succedem-se antigas propriedades, cabeças de morgado; o dos Mascarenhas, que é a Amoreira da Torre, a casa de Patalim, e a pouca distancia da Sempre Noiva a Oliveira, da casa de Rio Maior, vasta construção bem conservada com a sua torre, palacio, capella e officinas com ar medieval.

Temos no Alemtejo exemplares bastantes para fazer a historia do solar. Ha restos de *villas* romanas, casas rusticas opulentas, na Morgada perto de Machede, na Fonte Coberta, com seus mosaicos e aqueductos. Torres, casas fortes da alta edade média, como a Torre dos Coelheiros (casa Monfalim) e a da

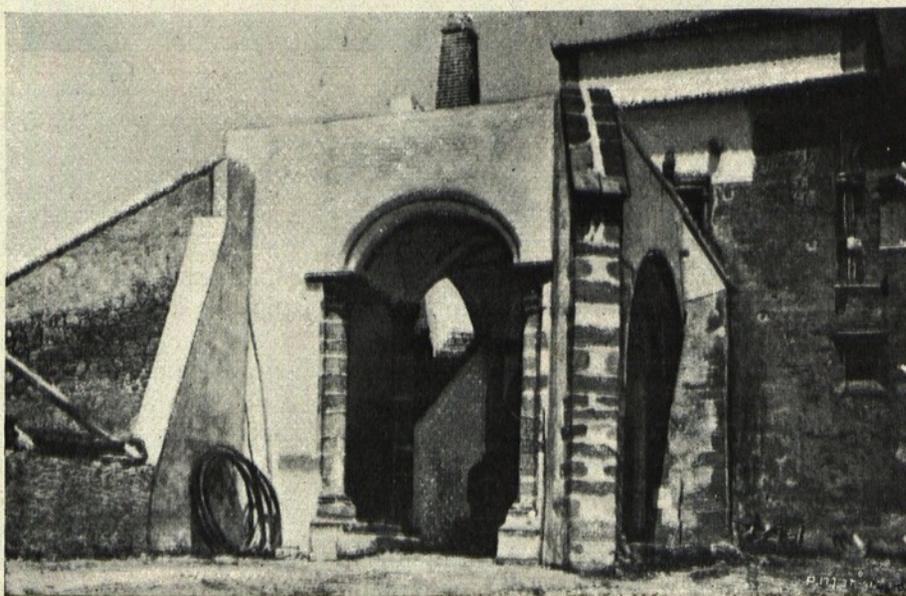


Photo.)

ENTRADA DO SOLAR NO PATEO

(Arnaldo.

Atalaya (Brotas), imponente construção, que ainda hoje conserva a sua linha arrogante,

os seus cunhaes de valente silharia, as suas torrinhas e grandes cachorros ou matacões nos prumos primitivos.

Mais tarde os frades construíram alguns conventos isolados, S. Paulo da Serra d'Ossa é bom exemplar, e os jesuitas tiveram também residencias do campo com assento de lavoura, o Barrocal, Castello Ventoso, construcções tão solidas que estão ainda hoje completas.

No seculo XVIII ainda havia muitas residencias no Alemtejo; ainda o fidalgo ia passar temporadas ao campo. As casas chegaram a nossos dias, mas vazias dos proprietarios, que estão nas capitaes. As calamidades do

portão vêmos uma vasta quadra, á direita temos casas baixas, moradias de serviçaes, á esquerda o palacio; a escadaria nobre, a varanda, o pavimento alto com as suas elegantes janellas de marmore branco, geminadas, as padieiras em arcos de ferradura, á maneira mourisca.

Sobre a escada uma desafogada varanda ou eirado; parte d'esta varanda era coberta, com alpendre sobre columnas, que abrigava a abertura superior da escada na varanda, e a porta de entrada no pavimento nobre. E estamos na primeira sala, espaçosa, de bastante pé direito, com muita luz, alto rodapé de azulejo, o chão ladrilhado; e seguem duas

salas mais, uma central e maior, outra que vae á esquina, onde tem uma grande janella de canto, também geminada, uma fina columna de marmore na prumada do cunhal tão bem posta que conserva a sua linha apesar dos tempos e do abandono.

Ha chaminés de marmore, n'estas salas, pequenos fogões que seguramente só serviam para aquecimento. Outras casas e alcôvas tem este pavimento; a ultima com sua tribuna para a capella.

O azulejo é de xadrez verde e branco.

As altas paredes n'úas certamente



Photo.)

(Arnaldo.)

FACHADA PARA O PATEO INTERIOR — JANELLAS DO ANDAR NOBRE

tempo das invasões francezas, as luctas de 1832-34, as guerrilhas, que ainda em 1846-47, foram a devastação dos campos, explicam em parte a aversão ao viver no campo.

Os conventos ermaram-se também. As occupações, os habitos mudaram, de modo que hoje a tendencia geral de quem tem alguma cousa é a vida na cidade, na grande cidade ainda melhor, na capital, optimo, e não se pára aqui, Paris, o paraíso.

Hoje a vida dos campos em Portugal, está peor que no fim do seculo XVIII.

Na Inglaterra, em França, as primeiras familias conservam a vida do solar, pelo menos durante alguns mezes no anno, aqui ha grandes senhores que não conhecem nem estimam a casa de seus avós.

Entremos na Sempre Noiva; passado o

eram vestidas de tapeçarias. No pavimento terreo estão a cosinha, os depositos, casas de serviçaes domesticos, e estrebaria.

A construcção do pavimento terreo é muito anterior á do andar nobre.

A capella, encostada á torre, tem porta para o campo, gente de fóra poderia ir ouvir a sua missa sem entrar no pateo. A parte mais velha é a torre; edificaram depois as grandes casas do pavimento terreo, de robustas paredes e espessas abobadas.

Mais tarde a capella, que é ogival. Dos fins do seculo XV é o pavimento nobre. O edificio conta a sua historia pela justaposição dos seus cunhaes. Houve aqui o acaso de não modificarem construcções antigas para as transformarem, ou as adaptarem; foram juntando umas a outras, conservando todas

a sua integridade. Os telhados primitivos eram muito altos, e empinados; isto via-se bem antes do concerto recente, porque nas chaminés erguidas restavam vestígios da passagem dos telhados.

Exteriormente largas faixas ou frisos de esgrafitos variados decoravam as paredes. Pareciam rendas velhas. Este género de decoração exterior dos edificios ainda se pratica hoje em Évora; de esgrafitos dos seculos XVI e XVII existem bons exemplares. Tem resistido ao tempo porque a cal eborense é de rijeza extrema.

As construcções artisticas da Sempre Noiva devem ser do tempo do bispo de Évora, D. Affonso de Portugal, que entrou na egreja depois de viuvo.

Era homem culto, grande amador de artes e antiguidades, e possuidor de avultada for-

sua quinta da Sempre Noiva, e parece que ahi reuniu antiguidades que por aquelles si-

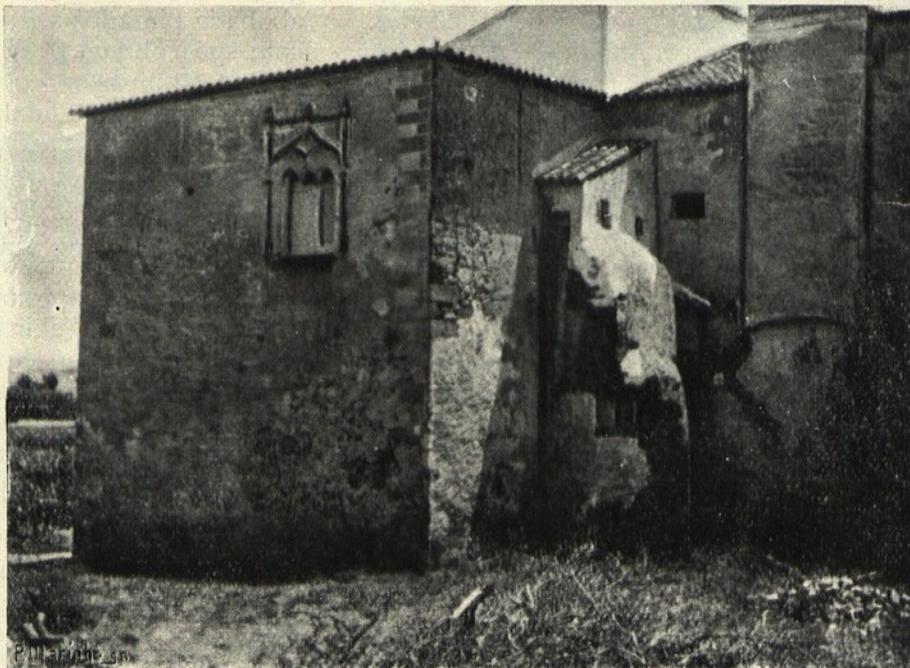


Photo.)

FACHADA PARA O CAMPO

(Arnaldo

tios se descobriam; tem apparecido recentemente grandes fragmentos de estatuas romanas e outras velharias. Sua filha D. Beatriz de Portugal instituindo morgado a seu sobrinho, o conde D. Francisco, mettu no vinculo a quinta que herdára de seu pae.

Existe a instituição data- da de 1531.

O dr. Augusto Philippe Simões publicou no *Instituto de Coimbra*, vol. de 1872-1873, parte de um interessante e erudito romance historico, sob o título *Sempre Noiva*, que elle applicou a Beatriz de Portugal.

Não continuou o romance porque no decurso do seu trabalho conheceu que a designação locativa era muito anterior á época da novella.

Sempre Noiva é o nome de uma planta rustica, da familia das polygoneas, chamada pelos latinos *centinodia*. Um philologo de muita auctoridade diz que *sempre noiva* póde ser corrupção



Photo.)

Arnaldo.

NO EIRADO — PORTA DA ENTRADA PARA O PAVIMENTO DOS SALÕES

tuna. Foi elle o tronco da celebre e nobilissima casa dos Vimiosos. Residiu por vezes na

popular d'esse nome latino. Que esta planta tambem conhecida por *sanguinha*, e *sempre*

*verde e sempre viva* abunda por aquelles sitios é verdade. E não repugna que do nome da planta viesse o nome ao solar; alli perto estão as casas da Amoreira e da Oliveira.

A Sempre Noiva, uma das raras construcções civis do passado, é monumento da evolução artistica em Portugal, e exemplar interessante do antigo solar alemtejano.

O sr. A. Haupt, no segundo volume da sua obra *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* (a pag. 145 e seg.) trata detidamente da Sempre Noiva, e levou o seu enthusiasmo a esboçar um projecto de restauração. Encantou-o a pureza da construcção, a sinceridade com que o edificio manifesta o seu desenvolvimento desde a torre medieval até aos salões do seculo XVI.

Outro solar existe ainda, na propria cidade de Evora, que merece vêr-se; é o chamado palacio do pateo de S. Miguel, vendido ha

aiguns annos pelo ultimo marquez de Vallada a um particular da cidade. Além das linhas geraes conserva muito do antigo; salões de abobada pintados a fresco, escada e varanda com sua columnata, e muitas dependencias que mostram bem o que era uma antiga residencia de gente fidalga e opulenta. Tambem existem ahi janellas geminadas com padieiras em arco de ferradura, estylo amouriscado muito em uso no seculo XVI.

Tratando porém de construcções civis não devemos esquecer o paço de Cintra que é uma maravilha, apezar das reconstrucções.

Não conheço publicada planta alguma, e muitos dos seus aspectos estão ineditos; bom seria que se vulgarisasse uma monographia minuciosa illustrada com vistas geraes e trechos de maior character, porque no paço de Cintra ha bellos exemplares de architectura e de arte decorativa.

G. PEREIRA.



Photo.)

AS JANELLAS DUPLAS EM DUAS FRONTARIAS

(Arnaldo.

## PREDICÇÃO HISTÓRICA

*Para aquelles que na observação critica dos acontecimentos procuram confirmação da maxima fatalista do que tem de ser tem muita força, ou para aquelles que, sob uma influencia piedosa, resignadamente se consolam com o preceito de que seja feita a vontade do Senhor, o artigo que segue, e onde se conta o assassinato d'um grande rei francez, mostrar-lhes-ha a traça complicada e entretecida que prepara um destino. Ver-se-ha ao mesmo tempo como para a vista mais aguda, servida pela intelligencia e pela experiencia da vida, passam desapercibidos ou não são justamente apreciados muitos factos, incidentaes, miudos, insignificativos, que mais tarde, volvidos longos annos, se agrupam e se relacionam em evidente demonstração do que houvera de se fazer para se evitar um mal que nos parece agora inilludível, fatal.*

**N**A grande feira annual de Francfort sobre o Meno, em 1608, appareceu á venda um d'estes almanaks populares, baratos, em que pela conjuncção dos planetas se predizia o futuro ou cada qual tirava a sua sina, semelhantes aos que ainda hoje se publicam e são vendidos nas ruas em estirado pregão a estimular a curiosidade dos compradores; e n'elle se prophetisava que o rei de França seria infeliz no seu segundo casamento e que havia de morrer aos cincoenta e nove annos de idade ás mãos de seus proprios amigos.

Os almanaks de Francfort tiveram uma grande venda. Vieram para Paris, onde foram lidos com anciedade, até que o parlamento ordenou que fossem apprehendidos e retirados da circulação.

N'aquelle tempo Henrique iv era o monarcha mais poderoso e temido da Europa. A sua conversão á igreja romana pozera ponto final na longa contenda entre catholicos e huguenotes. A Liga fôra supprimida, e os ultimos rumores de revolta tinham-se extinguido depois da execução do marechal Biron.

O edito de Nantes contentara os huguenotes. Os proprios jesuitas a quem Henrique iv expulsara anteriormente do reino tiveram licença para voltar, e o rei tomara para confessor um padre da Companhia.

Externamente a França estivera em paz por muitos annos. Pelos esforços do rei e de Sully, seu primeiro ministro, possuia um exercito que era temido por todas as outras potencias. A Hespanha, a inimiga de tantos annos, mandara um embaixador a Paris para propôr o

duplo casamento dos filhos de Henrique iv e de Filipe iii.

Henrique casara em segundas nupcias com Maria de Medicis, seis annos passados, e d'este casamento haviam nascido filhas e filhos. Todavia o rei terminantemente lhe recusára a honra a que ella se julgava com direito, tradicional, de ser publicamente corôada como rainha, cerimonia que na opinião d'aquella época tinha a maior importancia. Ao mesmo tempo, magôara-lhe profundamente o coração e o orgulho com as suas conhecidas e successivas aventuras galantes. Portanto era Maria mais do que seu marido quem poderia ser considerada infeliz no casamento.

Apartadas estas dissensões domesticas, não havia nuvens no horizonte politico. No entanto um presentimento mysterioso, insistente, incoercível, ganhava firmemente dia a dia terreno: que os dias do rei de França estavam contados.

Um outro aviso do que estava para acontecer appareceu em mais ameaçador aspecto do que o da feira da Allemanha. Henrique iv recusara a Fillipe iii as propostas de casamento, muito contra a vontade de sua mulher, a qual casualmente era parenta afastada do embaixador hespanhol. Pouco depois da volta d'este ao seu paiz, appareceu em Madrid um livro escripto por um doutor de theologia, hespanhol, dedicado a Fillipe iii, no qual abertamente se vaticinava a morte do rei de França para o anno de 1610.

No mez de março de 1609, morreu o ultimo duque de Clèves e Juliers. Apresentaram-se

diversos pretendentes á successão dos ducados, mas o imperador da Allemanha invadiu-os, apossou-se d'elles e conferiu-os a seu filho Leopoldo. Isto significava a passagem dos ducados, do protestantismo para o catholicismo. Posto que Henrique iv, fosse catholico, era ainda considerado natural alliado e protector dos principes allemães protestantes. Todavia, durante quasi doze mezes, não se manifestou sobre este caso. No principio do anno de 1610, repentinamente, pegou em armas, annunciando o seu intento de atravessar o Rheno e de restituir os ducados ao ramo protestante. Recrudesceram simultaneamente os prognosticos do seu proximo fim. Sobre o altar da igreja de Montargis, o cura encontrou um papel em que se declarava estar proxima a morte do rei de França. Um tal cavalleiro de Beaune partiu para Paris com o fim de relatar ao rei uma visão que tivera e na qual recebera instrucções para o ir prevenir da sua proxima morte. Mas, entre estes innumerados presagios e predicções, ha trez particularmente notaveis.

ao rei de França, avisando-o de que evitasse ficar em qualquer cidade populosa durante o anno, e especialmente durante os mezes de março, abril, maio, junho e julho. O cardeal declarava que, se Henrique iv quizesse sujeitar-se a esta condição, responderia pela sua vida; se não, presagiava que o rei havia de ser morto por um monge nascido em França, mas expulso da sua ordem e de "temperamento saturnino", melancolico, taciturno. Insistia ainda o cardeal com o rei n'essa carta para que procurasse saber se no reino haveria qualquer pessoa n'estas condições ali residente, e se assim fosse que a tivesse estreitamente vigiada.

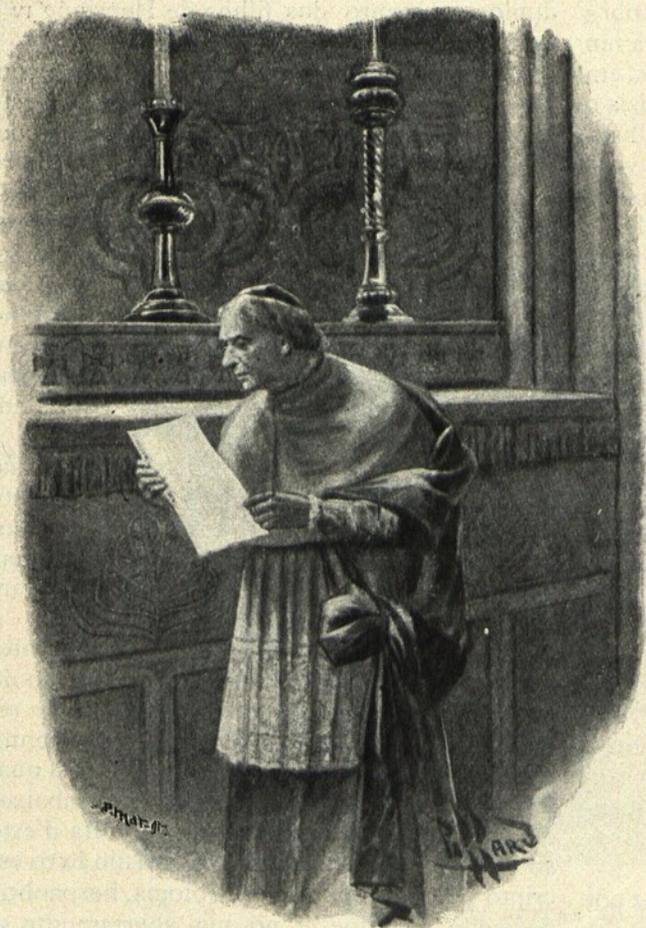
N'esta predicção, o assassino, o tempo e o lugar do assassinato estão designados com a maxima precisão pelo cardeal Barberino.

Ainda mais notavel foi este outro aviso. Sabia-se em geral que os preparativos guerreiros de Henrique iv se destinavam a uma cruzada protestante; comtudo o proprio papa reinante, Paulo v, veio interferir tambem para o salvar. O chefe da igreja catholica romana mandou um correio especial de Roma a prevenir o rei de que se acautelasse e se defendesse porque altas e poderosas damas e alguns dos mais proeminentes nobres da sua cõrte estavam concertados n'uma conspiração contra a sua vida.

Mas ainda outra predicção mais extraordinaria vinha em caminho para o monarcha ameaçado. O sultão da Turquia mandou chamar por esse tempo o embaixador de França em Constantinopla, e pediu-lhe que escrevesse uma carta a seu amo, dizendo-lhe que, elle sultão, desejava que sua magestade mandasse cortar a cabeça aos seis principaes nobres do seu reino, logo que recebesse aquella carta. O embaixador, cumprindo a missão, acrescentou ainda na carta que o sultão pedia a sua magestade que estivesse prevenido contra uma das mais altas damas da sua cõrte, bem como contra tres pessoas que eram da confiança d'ella, para as quaes o sultão pedia a prisão perpetua, porque estavam todas implicadas na conspiração.

Similhante mensagem era mais do que um aviso: era uma denuncia; todavia o unico effeito que produziu em Henrique iv foi apressal-o nos preparativos para a campanha. Tal-

vez julgasse que estava mais seguro no meio dos seus soldados do que dentro dos muros de Paris.



*Sobre o altar, o cura encontrou um papel...*

No mez de janeiro de 1610, o cardeal Barberino, depois papa, muito considerado pelo seu saber em sciencias occultas, escreveu

A guerra era vivamente impopular em França. Os ducados não eram considerados dignos de semelhante esforço. O povo queixava-se dos encargos e das contribuições que pesavam sobre elle. Os mais velhos, e melhores amigos do rei tomavam qualquer ensejo para lhe fazer objecções sobre o seu intento. Nos pulpitos proferiam-se sermões ameaçadores, como nos antigos tempos da Liga.

Antes da partida para o Rheno, era necessario definir a questão da regencia, no caso de morte do rei. O futuro Luiz xiii era ainda uma creança. De accordo com o uso, a regencia teria de transmittir-se naturalmente á rainha mãe. Henrique iv mostrou ter outras intenções. Designou um conselho de regencia, no qual a rainha poderia ter simplesmente um voto.

Maria de Medicis resentiu-se amargamente d'esta manifesta prova de desconfiança. Percebeu que o plano do rei era annullar-lhe completamente a sua influencia no governo do Estado. Mas restava-lhe ainda esperança de poder opportunamente induzir o parlamento a pôr de parte aquella determinação do rei e a declaral-a rainha regente. Para que esta intenção podesse ser realidade em qualquer época, a cerimonia da corôação tantas vezes adiada, tornava-se mais necessaria e importante do que nunca; e Maria de Medicis empregou todos os seus esforços para arrancar ao rei o consentimento antes da sua partida.

Mas quanto mais forte era o motivo da rainha para desejar a cerimonia, tanto mais forte seria para o rei a firmeza da recusa. Henrique iv teve o presentimento, e d'elle fallou sem reboço, de que essa corôação ser-lhe-hia fatal. Com esta crença no seu espirito, com os avisos do papa e do sultão, bem vivos ainda na memoria, só admira que elle podésse admitir sequer esta questão. Mas uma extranha e inexplicavel fraqueza se apoderou do seu animo e lhe inhibiu a vontade. Talvez o proprio mêdo que o fez tremer da corôação de sua mulher

durante tanto tempo, o fizesse tambem tremer agora d'uma recusa formal e decisiva.



RETRATO DE MARIA DE MÉDICIS — QUADRO DE RUBENS

Certo é que a corôação de Maria de Medicis foi fixada para 13 de maio. Alguns dias depois o rei teria de deixar Paris para se collocar á frente das suas tropas.

Durante todo este tempo, note-se, os preparativos para a guerra haviam-se limitado á França. Nos territorios da casa de Austria nenhum signal havia de lucta proxima. Os Paizes Baixos, sobre os quaes teria de cahir o primeiro embate da invasão, permaneciam immersos em profunda paz. Nenhumas tropas se mobilisavam, nem em som de guerra se desfraldavam bandeiras.

Houve egrejas de Hespanha em que se fizeram preces a favor de «uma empreza» que estava para se levar a effeito em França.

Uma semana antes da corôação da rainha, um correio secreto partiu de Paris e dirigiu-se para a fronteira allemã, levando despachos que annunciavam a morte do rei de França.

Uma ou duas noites depois Henrique iv dor-

mia ao lado de sua mulher; repentinamente esta, toda tremula, acordou-o gritando, presa de afflictivo pezadêlo. Henrique iv depois de fazer o possível para a socegar, perguntou-lhe qual era a causa d'aquelle susto. Recusando por muito tempo responder, Maria de Medicis confessou afinal que tivera um sonho em que o vira cahir morto aos golpes de um assassino.

No dia designado effectuou-se a corôação com o maior esplendor e sem nenhum acontecimento fatal. Henrique iv não esteve presente, mas passou todo o dia na melhor disposição de espirito, e alegremente saudou sua mulher na volta da cerimonia, chamando-lhe «Madame Regente».

Na manhã do dia seguinte, 14 de maio, Henrique iv assistiu á missa. Na sua volta para o Louvre, o duque de Vendôme, seu filho natural, trouxe-lhe uma carta urgente de La Brosse, o mais celebre astrologo d'aquelle tempo, e na qual pedia e aconselhava o rei a não sahir do palacio durante aquelle dia, porque um grande perigo o ameaçava. Henrique iv riu-se do aviso:

— La Brosse é uma velha raposa que só quer o vosso dinheiro, e tu és um rapaz pouco atilado em lhe dares ouvidos.

Todavia, á medida que passavam as horas e a tarde se approximava, o rei ia ficando cada vez mais taciturno. Uma indefinivel tristeza lhe invadia a alma. Tentando alegrial-o e levantar-lhe a imaginação abatida um dos seus familiares de serviço, desenhou-lhe uma scena da gloriosa grandeza que tinha attingido. O rei

Ás quatro horas da tarde, Henrique iv subitamente annunciou a tenção de sahir, e mandou atrellar a carruagem. No momento de subir para esta, um enviado da parte da propria rainha veio pedir-lhe que não sahisse do palacio.

Mas Henrique iv não fez caso; entrou para o coche, não attendendo a este derradeiro aviso, como a nenhum dos outros, e seguiu ao encontro do seu destino.

A carruagem real era grande, aberta, larga, com logares fronteiros para seis pessoas. O rei sentou-se entre o duque d'Epemon e o sr. de Montbazon. Na estreita rua de La Ferronnerie dois carros de carga fechavam a passagem e a carruagem real teve de parar. Henrique iv tirou da algibeira uma carta e principiou a lêr. N'aquelle momento, o «monge expulso da ordem e de temperamento saturnino» segundo a predicção, nascido no reino, e chamado Ravailiac parou ao pé da carruagem, do lado em que estava sentado o duque d'Epemon, subiu pondo o pé no estribo e curvando-se por sobre o duque apunhalou o rei por tres vezes.

A terceira punhalada foi ainda parada pelo sr. de Montbazon. Mas a segunda tinha attingido o fim. Henrique iv era cadaver.

O duque d'Epemon não foi bastante agil e resolutivo para interferir, enquanto se estavam dando as tres punhaladas por entre elle e seu amo. Attenuou então a sua negligencia, que poderia ser levada á conta de surpresa, saltando fóra do coche e seguiu o assassino, que nenhuma tentativa empregou para fugir.

O corpo do rei morto foi conduzido para o Louvre. Como estava previsto, o parlamento promulgou logo um decreto reconhecendo Maria de Medicis como rainha régente de França com todos os poderes de uma soberana.

Entretanto o presidente De Harlay, como mais elevado magistrado do paiz, abria o inquerito sobre o assassino do rei.

Ravailiac, era natural de Angoulême, provincia da qual era governador o duque



...Ravailiac apunhalou o rei por tres vezes...

meneou a cabeça melancolicamente e replicou com uma profunda tristeza: — «Meu amigo, é forçoso abandonar tudo isso».

d'Epemon. A sua physionomia depunha tanto contra elle, que já fóra anteriormente preso, suspeito pelo seu máu semblante d'um assas-

sinato, do qual era perfeitamente innocente. Fôra absolvido, mas enquanto esteve na prisão meditou sobre o problema favorito da época, a legitimidade do regicida, e possuiu-se da mania de que Deus o tinha designado para matar o rei de França. Elle era um doido, d'aquella perigosa classe de doidos-lucidos que se fazem doces instrumentos de crime nas mãos de instigadores sem escrupulo.

Ao sahir da prisão de Angoulême, Ravailac que então principiava a fallar abertamente da sua missão, foi tomado ao serviço do duque d'Epernon, o qual primeiramente o mandou para Paris — meio mais facil de o pôr a caminho de abandonar o seu criminoso proposito; mas pouco depois Ravailac foi mandado para Napoles com cartas do duque para uns francezes alli residentes, expatriados de França, por causa da passada conspiração da Liga. Na sua estada em Paris Ravailac hospedou-se em casa de uma mulher chamada Des Comans ou D'Escoman, a quem elle confiou o seu secreto intento.

Des Comans fez os mais desesperados esforços para salvar o rei. Foi primeiro ao Louvre, onde pediu uma audiencia á rainha, mandando-lhe dizer que tinha uma comunicação a fazer-lhe que dizia respeito á vida do rei. Maria de Medicis mandou-a embora com promessa de a ouvir em diferentes dias, e finalmente foi para o campo sem a ter recebido.

Desenganada por aquelle lado, a attribulada mulher foi procurar o confessor do rei no collegio dos jesuitas. Alli foi recebida pelo superior da ordem, que a informou de que o padre Cotton tinha acompanhado a côrte para o campo. Sobre a declaração da Des Comans que iria á côrte no campo, o superior prometteu-lhe transmittir, diz-se, elle proprio a sua informação ao confessor.

Des Comans voltou para sua casa, satisfeita com a sua consciencia e confiada n'esta promessa. No seguinte dia, porém, foi presa como doida, e internada n'um asylo, onde estava ainda pelo tempo do assassinato.

Taes foram os factos apurados por Harlay no decurso do seu inquerito. Ravailac recusou denunciar quem quer que fosse. Segundo a sua narrativa, era o unico responsavel e procedera deliberada e espontaneamente. Mas o astuto magistrado não hesitou em descrêr do maniaco n'aquelle ponto. Viu, bem claramente, que Ravailac tinha sido um simples instrumento nas mãos d'alguem.

Já um nome ficava proeminente na historia do crime. O duque d'Epernon, o governador de Angoulême, o homem que tomára Ravail-

lac ao seu serviço, que dirigira os seus movimentos, que lhe fornecera dinheiro, e, finalmente que mostrara tão extranha negligencia de acção enquanto o assassino, de pé no estribo da carruagem, se encostára sobre elle proprio para vibrar aquelles tres golpes successivos.

D'Epernon era um homem cuja ambição excedia a sua capacidade e merecimentos. Tinha occupado um alto cargo ao serviço de Henrique IV, porém o rei privára-o recentemente do commando de uma importante fortaleza. A morte de Henrique IV e a ascensão de Maria de Medicis á regencia transformaram d'Epernon em primeiro ministro effectivo da França.



...foi recebida pelo superior da oraem...

A rainha deu-lhe provas de tanta confiança que até o installou no Louvre, em aposentos proximos dos seus proprios.

Era necessaria extraordinaria coragem para proseguir n'um inquerito, cujo resultado deixava antever um procedimento judicial contra o duque. Todavia Harlay persistia firmemente no seu inquerito. O proprio duque d'Epernon teve a impudencia de ir a casa do magistrado pedir-lhe que fossem castigados os que malevolamente estavam espalhando boatos contra elle.

Como não tirasse proveito d'esta audacia, a rainha regente apresentou-se protegendo o seu ministro, e mandou um despacho a De Harlay, ordenando-lhe que tratasse o duque com a deferencia devida á sua posição.

D'essa fórma, e pelo deliberado abandono

da rainha regente, a investigação foi gradualmente desaparecendo

Nas historias do tempo, a morte de Henrique iv foi attribuida á loucura ou a vingança singular de Ravailac, a despeitos de Hespanha, a interferencia dos jesuitas, em summa a diversissimas causas, conservando sempre um aspecto mysterioso e indefinido.

Mais de um anno antes do desgraçado acontecimento, um soldado francez aventureiro chamado Lagarde, voltando das guerras turcas, trouxe a Henrique iv a noticia de uma conspiração deliberada em Napoles contra a sua vida. Lagarde vira Ravailac em casa de um dos exilados da Liga, e ouvira-lhe dizer que na sua volta á França tencionava assassinar o rei. Accrescentava que um padre jesuita, tio do primeiro ministro de Hespanha, egualmente instára com elle a prestar auxilio n'este projecto tenebroso. Todavia o procedimento de Henrique iv, ao receber estas noticias, foi significativo e mui diverso do que se poderia supôr.

Regulando-se pela comunicação de Lagarde, os seus inimigos estavam em Napoles; porém o rei deixou a esse tempo o palacio e retirou-se por alguns dias para uma pequena casa de campo, como se elles estivessem em Paris. D'alli chamou o seu leal amigo, Sully, e pediu-lhe que lhe preparasse aposentos no Arsenal, porque não se sentia seguro no Louvre.

Sully menciona este pedido e a razão porque o rei o fez :

«Que Concini estava em relações com a Hespanha; que (Henrique ) via claramente que que os projectos d'elles só podiam effectuar-se pela sua morte, e que finalmente tivera definitiva noticia de que ia ser assassinado.»

Quem era este Concini que estava assim tão apto para organizar impunemente conspirações contra o mais poderoso monarcha da Europa, e de o deitar fóra, como aterrado fugitivo, do proprio palacio onde habitava ?

Concini era um italiano de humilde condição, que viera para a côrte franceza na comitiva de Maria de Medicis. Teve a felicidade de casar com Leonor, predilecta camareira da rainha, e por sua mulher estabeleceu uma grande ascendencia sobre o espirito da sua real ama. Os dois tomaram como obrigação acirrar Maria contra o marido, cujo caracter voluvel lhes dava para isso sobejos motivos. Espionavam-lhe todos os passos e traziam aos ouvidos de Maria noticia de todas as numerosas intrigas amorosas com as quaes o galanteador Henrique iv a deshonorava aos olhos do mundo.

Estava no poder do rei, se elle tivesse querido exercer a sua autoridade, demittir Concini e expulsal-o do reino. Mas todas as suas faltas para com a sua segunda mulher ul-

trajada, fizeram-no cobarde. Assim o mundo teve o spectaculo do grande monarcha de quem todos os estados se temiam, temer-se por sua vez de dois italianos aventureiros.

O interesse de Concini na morte de Henrique iv é bastante comprehensivel para satisfação plena das suas ambições. A morte do rei determinaria a ascensão de sua ama ao poder soberano como regente, por consequencia a sua propria elevação á grandeza. Entre o italiano e a victima apenas se poderia interpôr — a consciencia de Maria de Medicis.

Desde o casamento, a orgulhosa princeza italiana, com o vingativo sangue dos Medicis a referver-lhe nas veias, tinha sido tão profundamente ferida no seu amor proprio e tanto que uma mulher difficilmente pôde perdoar. As disputas entre ella e o rei tinham sido muitas e violentas.

Entre elles estabelecera-se aquella situação affectiva que não raro leva ás mais desesperadas resoluções. Na historia dos crimes, regista-se muitas vezes consequencias d'este estado d'alma que difficilmente se conserva nos dominios da complexa psychologia feminina, e breve invade as fronteiras da loucura, se não fixa definitiva morada na sombria região das perversidades abominaveis. A obsecção do ciúme, a revolta do amor proprio, a magua do orgulho cançam o espirito e predispõem-o para as mais repugnantes determinações, como a infecção progressiva do maligno tumor vae corroendo o organismo de que se apodera.

No mez de janeiro de 1609, n'um baile de mascarar dado por Maria de Medicis no Louvre, Henrique iv, viu pela primeira vez, uma rapariga que estava destinada a exercer funesta influencia na sua vida.

Carlota de Montmorency, cujos encantos foram apregoados então como sonho de poeta, tinha apenas quinze annos de idade. Era filha do velho condestavel de Montmorency, que acabára de a prometter em casamento a Bassompierre, o mais espirituoso e mais elegante entre os galanteadores soldados da côrte franceza. O primeiro acto do rei enamorado foi inquirir se a rapariga realmente amava o noivo, e tendo encontrado motivo para suspeitar da espontaneidade da inclinação ou do ajuste, chamou Bassompierre e brutalmente lhe ordenou que desmanchasse o casamento. Ao mesmo tempo, com a crueldade d'um despota oriental, informou o infeliz enamorado do vergonhoso motivo d'esta interferencia.

Bassompierre não teve de escolher, obedeceu, e nem sequer pareceu guardar grande resentimento contra o seu ciumento amo. Encontrou talvez compensação bastante na belleza, no espirito e na ternura d'outra amada do rei, a princeza de Conti, Luiza de Lorraine, a

qual abandonou a côrte pelo elegante marechal com quem se diz ter casado depois secretamente. Mas talvez outros nobres do sequito de Henrique iv tivessem soffrido eguaes offensas com menos paciencia do que Bassompierre. E claro que a conspiração contra a vida do rei estava largamente conhecida, senão combinada pela metade da côrte.

O seguinte acto do rei, levado pela loucura da paixão sensual, foi talvez mais cruel. Ordenou ao seu proprio sobrinho, o moço principe de Condé, o casamento com a bella Carlota. Condé, comquanto fosse principe de sangue, era muito pobre e dependente do tio. Não podia recusar o casamento, comquanto percebesse perfeitamente o plano do rei e o vergonhoso papel que lhe estava destinado.

Effectuou-se a cerimonia, e o rei dispensou aos nubentes honras e riquezas. Mas Condé mal se achou casado com Carlota, mostrou-se resolvido a proteger a todo o custo a honra d'ella e a propria.

Escandalosos e seguidos acontecimentos fizeram com que não só a rainha ultrajada mas, tambem muitos dos mais antigos e firmes amigos de Henrique iv sentissem que elle não podia por muito tempo reinar em França.

Com o fim de desconcertar os máus designios do rei, Maria de Medicis aconselhou a Condé retirar-se com sua mulher da côrte. Immediatamente o rei despojou-o das dignidades concedidas algum tempo antes, e suspendeu-lhe o pagamento da sua pensão.

Condé todavia permaneceu fóra da côrte, guardando a mulher na sua casa de campo. O enamorado Henrique iv sujeitou-se a disfarçar-se e a ir rondar de noite o castello, na esperanza de obter uma entrevista clandestina com a princeza. A scena de um grande rei, um heroe sobre quem os olhos da Europa estavam fixos, aos cincoenta e seis annos de idade, degradando-se por semelhante perseguição a uma rapariga de dezeseis annos, sua sobrinha pelo casamento, tem o quer que seja de espanto-

samente insolito que fornece vasto assumpto á analyse subtil d'um psychologo de paixões, como um Alibert, um Stendhal ou um Bourget.

O mal ainda havia de apresentar peores symptomas. No outono de 1609, o principe de Condé, arreceiando-se do poder do rei, que estava muito proximo, partiu clandestinamente de noite para Bruxellas, levando consigo sua mulher, bastante contrariada.

O archiduque Alberto, governador dos Paizes Baixos, fez-lhes honrosa recepção e prometteu protegel-os.

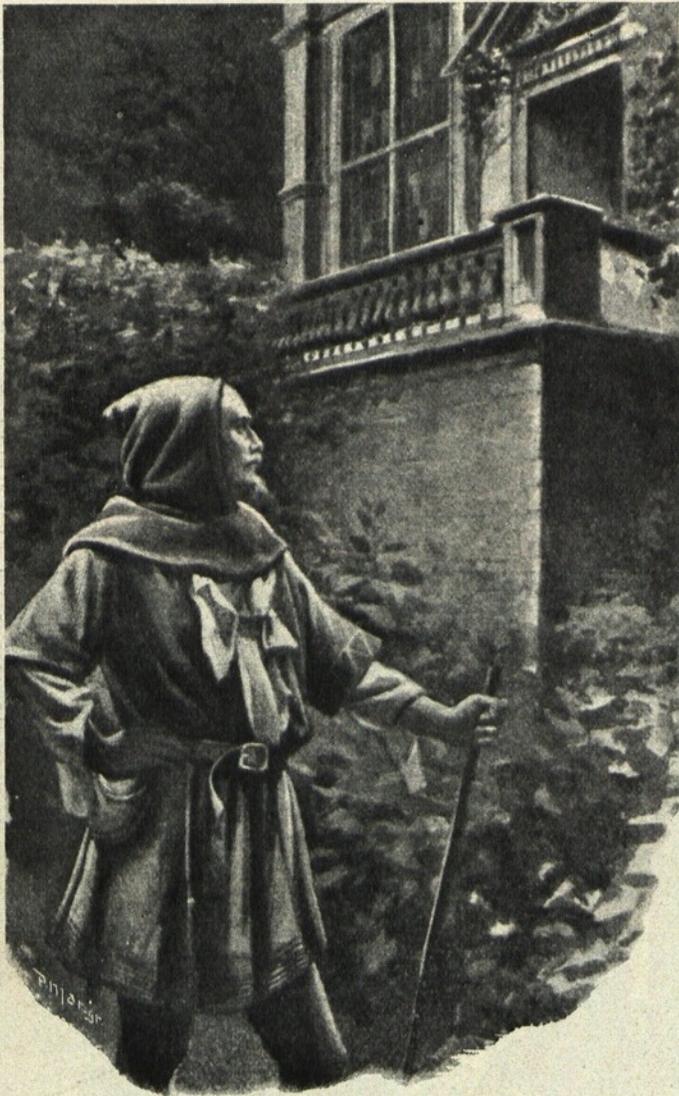
A noticia da fuga dos sobrinhos foi dada a Henrique iv quando estava jogando as cartas á noite no Louvre. Immediatamente reuniu conselho, e por alta noite, n'um estado de desesperada excitação declarou que havia de invadir os Paizes Baixos, se os fugitivos não voltassem para França.



RETRATO DE MARIA DE MÉDICIS — QUADRO DE FRANZ PORBUS

Foi enviado um proprio á côrte do archiduque para tratar d'este assumpto e produzir esta ameaça, se tanto fosse necessario. Então Maria de Medicis que tinha acompanhado

passo a passo todo este escandaloso negocio, escreveu particularmente ao primeiro ministro



...disfarçado, ia rondar de noite o castello...

de Hespanha supplicando-lhe que dêsse força ao archiduque. O ministro hespanhol — aquelle cujo tio fez a proposta a Lagrade — condescendeu, e como resultado da secreta intervenção da rainha, Henrique iv recebeu uma recusa formal do archiduque.

O principe de Condé, por anticipada segurança, tinha fugido para Milão, mas deixára sua mulher entregue á honra do archiduque n'uma especie de captiveiro deliberado. A este tempo, já não era perfeita a harmonia entre os recém-casados. Com effeito, Carlota de Montmorency, sabendo-se objecto de uma tão romantica e violenta paixão da parte do maior monarcha do seu tempo, pensando que a Europa inteira poderia arder em guerra por causa d'ella, sentia um ineffavel prazer intimo que lhe lisongeava a vaidade, e de compadecer o coração, se lhe afrouxava a resistencia.

Uma tentativa que a formosa princeza fez de fugir á guarda zelosa do archiduque e de voltar para França, foi frustrada pela vigilancia de Maria de Medicis, na presença da qual Henrique iv teve a imprudencia de se gabar do que por elle projectava a encantadora expatriada.

Carlota escreveu então ao rei, dirigindo-se-lhe como se fôra seu campeão, novo cavalleiro de San Graal, a pedir-lhe que a viesse libertar pelas armas. Foi em resposta a este appello que Henrique iv estava fazendo todos aquelles preparativos de guerra, interrompidos pelo punhal de Ravaillac.

O negocio dos ducados era um mero pretexto. Foi sómente muito tempo depois da morte do duque de Clèves, como já dissémos, e apenas quando Carlota de Montmorency partiu para Bruxellas, que Henrique iv mostrou intenção de fazer a guerra. A perfidia do pretexto era visivel a toda a côrte. E explica-se por que motivo dos pulpitos cahiam as ameaças, o povo recusava pagar a contribuição de guerra e os amigos de Henrique iv, do antigo huguenote, se uniam em geraes reprovações.

Surdo a estes avisos, como aos vaticinios e presagios, cego pela sua funesta paixão, Henrique iv proseguiu teimoso no seu destino.

Parece evidente que a corôação de Maria de Medicis tinha sido fixada como signal para se dar o golpe.

Na sua confissão, Ravaillac pretende que foi de seu proprio alvedrio que intencionalmente adiára o feito, até depois de se effectuar aquella cerimonia, para que o reino não padecesse.

Era necessario ter rainha regente que supprimissem a investigação do crime.

O presentimento do rei de que a corôação de Maria de Medicis lhe seria fatal teve realidade. Provavelmente foi derivado de qualquer secreto aviso, recebido da mesma fonte amiga, como aquellas notaveis predições já descriptas. Comtudo Henrique iv fingia desprezar os astrologos.

«— Nos ultimos trinta annos — disse elle em conversa familiar na côrte, justamente quinze dias antes da sua morte — todos os astrologos e charlatães do reino teem predicto que eu estou para ser morto, ou morrer naturalmente, portanto quando esse tempo chegar, algumas d'estas prophecias devem provar certas, e hão de ser consideradas como milagrosas, emquanto que as falsas serão esquecidas.»

Com effeito, nenhum monarcha foi tão cons-

tantemente ameaçado pelos assassinos como Henrique IV, durante quasi toda a sua vida. Os astrologos d'aquelles tempos poderiam ser charlatães, mas possuíam na verdade conhecimentos mais positivos para predições do que os movimentos de Jupiter e de Saturno, ou a posição da Ursa Maior com que mascaravam as suas prophcias. N'aquella época, todos, desde os reis até os mais vulgares assassinos, consultavam os astrologos para as suas emprezas, e este uso supersticioso dava-lhes o exacto conhecimento de muitas cousas que succediam em breve, porque activamente se preparavam.

O astrologo que em secreta conferencia, satisfazendo desejos de cliente bom pagador, designára a data favoravel para tal attentado, estava sem duvida em condição de acertar no vaticinio, bem digno da attenção da ameaçada victima.

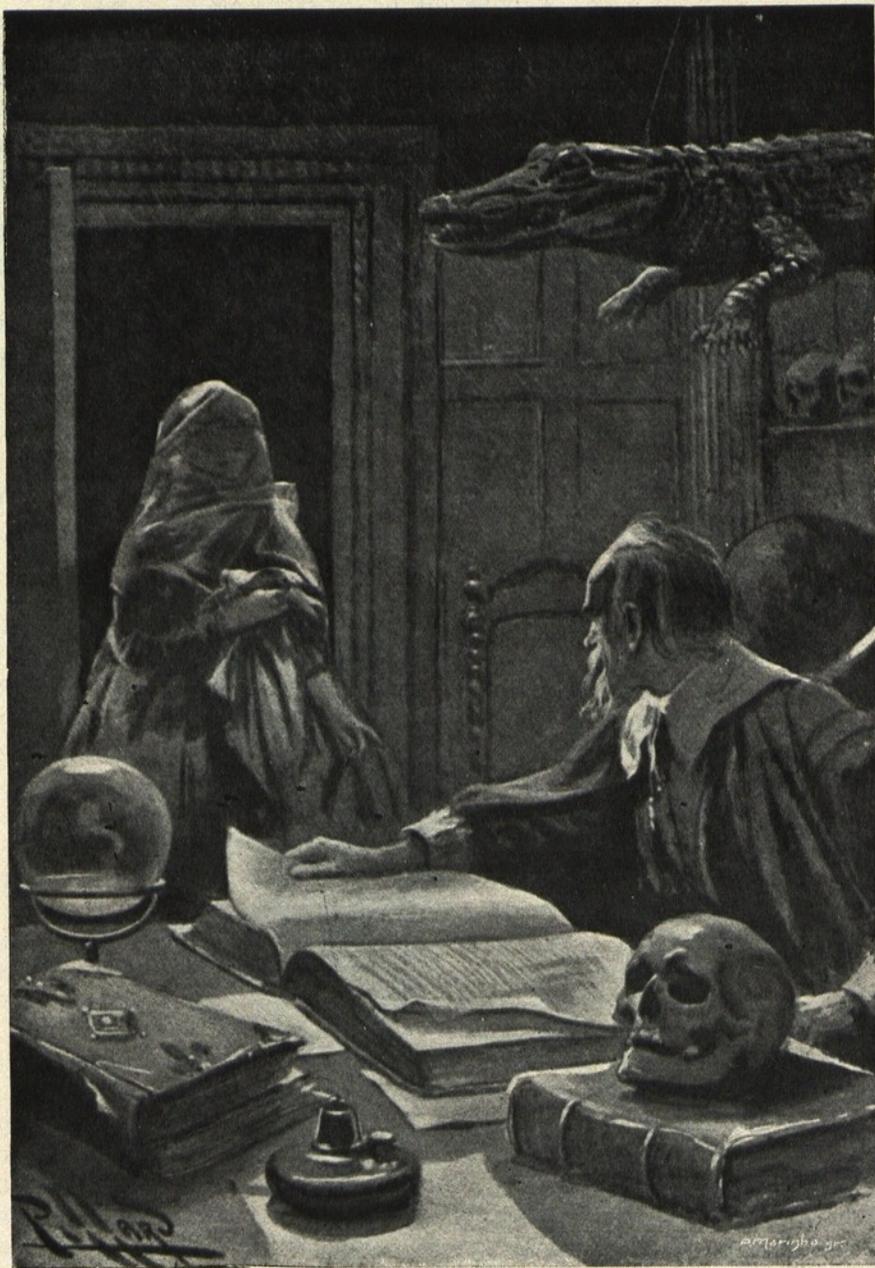
Ao mesmo tempo se o astrologo viesse em seguida denunciar abertamente o intento, trahiria o cliente e perderia a sua propria reputação de mysterioso sabedor de cousas occultas. D'aqui provinham sem duvida aquelles vaticinios indeterminados, e comtudo sufficientemente directos, taes como o «do monge expulso da ordem e de temperamento saturnino», nascido em França, e aquelle outro, contra «a mais alta dama dos dominios do rei», e tres pessoas da sua intimidade.

Todos, ou quasi todos, parecem proceder da mesma origem.

É licito suppôr

que dimanavam do celebre La Brosse o maior astrologo d'aquelle tempo. Em casa

d'elle deveriam reunir-se todos os fios d'este mysterioso drama. Foi elle sem duvida consultado pelos conspiradores sobre todos os seus designios. Talvez fosse o proprio D'Epernon que lhe pedisse para lêr nas estrelas qual o momento mais favoravel para a morte de Henrique IV, ou teria sido antes o desprezível italiano Concini; ainda talvez o astrologo tivesse recebido na sua escura morada guarnecida de animaes empalhados ou seccos, repleta de instrumentos, pejada de grossos infolios, perfumada de magicos encantos, a visita d'uma velada dama em cuja voz



*O astrologo recebera a visita d'uma velada dama...*

reconheceria a da rainha de França. Não é ou- sada a hypothese, porque é certo que ella e

Concini eram ambos verdadeiros crentes da astrologia, das sciencias occultas e da magia.

Desde esse momento o astrologo com uma devoção que chega a ennobrecel-o, começou a trabalhar para salvar, se podésse, o ameaçado rei. Do seu retiro obscuro, n'uma rua escusa de Paris, mandou avisos sobre avisos para chegarem aos ouvidos do rei condemnado, ora fornecendo ao editor do almanak de Francfort aquella referencia de máu agouro ao segundo casamento do rei, ora suggestionando todas aquellas predicções que vieram de todos os lados da Europa. Diligenciou interessar no seu trabalho de defeza do rei o papa, o cardeal Barberino e o sultão da Turquia.

Tem noticia de que o rei vae deixar a França na primavera para commandar o exercito em campanha e por isso mesmo designa para o attentado uma grande cidade n'aquelles mesmos mezes em que elle espera que o rei esteja fóra de França. Conhece a intriga da corôação da rainha, prediz esta data e manda aviso secreto ao rei, de que a cerimonia seria seguida da sua morte. E no ultimo momento, quando todos os seus esforços foram baldados, dirige-se ainda ao proprio filho de Henrique iv, e confia-lhe a ultima mensa-

gem exacta, decisiva, que talvez ainda podésse salvar a vida do rei.

Quem sabe? Quem sabe a dedicada e complexa traça d'estes presagios opportunamente enviados?

O inquerito sobre o auctor do crime foi suprimido; porém, quatro annos depois o duque d'Epéron, que perdera a protecção da rainha, deixou a côrte desgraçado. Alguns annos mais tarde o novo rei Luiz XIII assignalou a sua ascensão ao poder com o assassino Concini, a quem Maria de Medicis tinha elevado ás honras de marquez e de marechal de França. A propria Maria de Medicis, primeiramente presa, e depois expulsa de França por seu filho, vagou os ultimos annos da sua vida no exilio e na pobreza e foi morrer a Colonia, onde vivia o pintor Rubens, que para ella pintára uma série admiravel de quadros, onde lhe immortalizou o nome e onde pretendeu glorificar-lhe a vida.

O procedimento de Luiz XIII para com a mãe depõe desfavoravelmente contra esta e parece confirmar que o filho de Henrique iv alguma cousa de particular conhecia sobre o assassinato de seu pae o grande rei de popular tradição.



FRANÇOIS RAVAILLAC

*Fac-simile d'uma gravura da epocha.*



rochedo orgulhoso estava ainda na feliz posição de não ter historia, salvo a lenda que o identificava com uma das duas columnas de Hercules, porque a sua constituição natural o assimilhou a uma alpendra entre dois continentes, ou a uma humberira de porta entre dois mares. Gibraltar é por isto centro de dois importantes movimentos de fluxo e refluxo de commercio e vida internacional, um passando para e da Africa, outro para e pelo Mediterraneo. Antes do oitavo seculo, estas correntes eram pouco intensas, porque a regueira invasora corria atravez do Hellesponto da Asia, e não atravez do estreito da Africa; e os phenicios, os primeiros grandes dominadores do mar, não tendo rivaes a temer preferiram a uma fortaleza um porto de mar, que encontraram em Carteia, distante cinco milhas pouco mais ou menos do arido rochedo anguloso, «no reconcavo da bahia que se encurva a oeste do Calpe». Com o advento dos mouros guerreiros, começou nma nova era; e Tarik, o primeiro dos conquistadores sarracenos de Hespanha, foi quem attentou na importancia militar de Gibraltar, ao qual deve não só o nome actual, Gebel Tarik, monte de Tarik, mas tambem o nucleo das suas fortificações e do seu porto. Encontrou-a um esteril rochedo; e deixou-a uma grande fortaleza, naval e militar. Com uma curiosa ironia, se fôr recordada a historia sanguinolenta do lugar, elle fez inscrever nas ameias do castello que mandou construir: «Para Deus que pacifica e que é de paz; e para Deus que vive eternamente». A historia de Gibraltar

abraça oito seculos de dominio dos sarracenos; o segundo, os quatro seculos e meio que decorreram desde que o crescente mahometano foi substituido pelo estandarte da cruz. Antes de 1462, quando ficou finalmente perdido para os Mouros, o famoso *Peñon* foi sitiado oito vezes, dos quaes seis pelos hespanhoes. A estes pódem accrescentar-se mais dois sitios comprehendidos pela casa de Medina Sidonia, que para si reclamaram a posse do *Leão*. Mas depois de 1504, definitivamente incorporado nos dominios do monarcha hespanhol, gosou de benefica paz por duzentos annos, quebrada apenas por um ultimo e louco esforço dos piratas que pretenderam réstituil-o ao seu antigo dominio. Frustrada esta tentativa, convergiram as attentões para a necessaria construcção das defezas da fortaleza, que foram incumbidas a engenheiros italianos, Calvi e Fratino. Ao primeiro attribue-se a muralha de Carlos V, ao segundo os bastiões do Sol e do Rei.

Foi no decurso da guerra de successão hespanhola que Gibraltar passou ao dominio da Inglaterra, como ficou descripto.

Perdido o magestoso *Leão*, os hespanhoes resolveram recuperal-o a todo o custo, e antes de trez mezes passados começou o decimo terceiro cerco á fortaleza com operações por terra e pelo mar. Não foi bem succedida a empreza, e uma segunda tentativa, vinte annos depois, foi igualmente desastrosa. Nos seguintes cincoenta annos, Gibraltar tornou a gosar de paz; mas na verdade o choque das armas foi apenas substituido pelo embate das discussões diplomaticas.

Pelos annos de 1770 a Inglaterra viu-se em lucta formidavel com as suas colonias revoltadas. A França reconheceu estas como potencia independente; a guerra foi declarada, e a Hespanha, julgando talvez na declinação o sol da sua antiga rival, juntou-se á liga hostil, a qual finalmente concentrou seus esforços contra Gibraltar. Assim principiou o decimo quinto e ultimo sitio, vulgarmente chamado *o grande cerco*. Em principio, o plano das operações consistia n'um bloqueio e tão



P.M., gr.

VISTA DO ROCHEDO E ISTHMO DE TERRA ARENOSA QUE PRENDE GIBRALTAR A HESPANHA

póde dividir-se em dois periodos distinctos. O primeiro todo pleno de romance, por vezes encantador nas lendas e nas aventuras,

strictamente apertado que o almirante Early só conseguiu levar os necessarios auxilios e reforços quando a guarnição da praça ca-

hira em desesperado desalento. O bloqueio foi feito com mais vigor do que nunca, e immensa de dois terços recoberta de montes de arêa que os ventos para alli vão accarre-



VISTA DE GIBRALTAR, TIRADA DO CAMPO HESPAÑHOL DE ALGESIRAS

tão horrorosa e apurada era a situação a que Eliott e os seus homens estavam reduzidos, que os hespanhoes acreditaram firmemente na victoria. Outra vez soffreram reveses que lhes infligiu a esquadra britannica a temida «muralha de madeira». Exasperados com este segundo desastre, os hespanhoes transformaram o bloqueio, que tinha já durado dois annos, em estado de sitio. Em 1782, receberam auxilio dos francezes; um engenheiro ideou dez baterias fluctuantes com previsão de effeitos tão completa e tão habil que foram consideradas invenciveis. Mas os hespanhoes não contaram com a intervenção da armada britannica ou esqueceram-se da lição bem duramente aprendida. Conta-se que em 1727 fora convidado o marquez de Villadarias para o commando superior das tropas que haviam de sitiár Gibraltar, e que aquelle declinou tal honra, objectando que a praça seria inconquistavel em quanto os hespanhoes não fossem soberanos do mar. Certo é porem que entre as baterias de terra e do mar, sitiantes e sitiadas, se travou uma lucha medonha que finalisou pelo destroço completo das celebres baterias fluctuantes. Desde então Gibraltar não tornou a ser disputada pelas armas aos inglezes, e estes tem accumulado n'elle os mais formidaveis meios de defesa.

A enorme massa do *Peñon* divide-se em quatro partes bem distinctas: a occidental ou a do lado da bahia de Algeciras é uma especie de amphitheatro de precipicios que descem gradualmente até ao mar; a face opposta que olha para o Mediterraneo é uma escarpa

tando; a terceira secção que faz frente ás linhas hespanholas está cortada a pique e é verdadeiramente inaccessivel; emfim a extremidade meridional desce em rapido declive formando socalcos ou terraços de que o ultimo é a chamada *Ponta da Europa*. Aqui, a montanha abre-se em espaçosas cavernas, de aspecto phantastico quando as illumina a luz do sol, mercê das caprichosas estalactites que as adornam e diz-se que ellas communicam por mysteriosas galerias naturaes com o mar. A Inglaterra amplia constantemente os trabalhos de fortificação. Tem aberto na rocha viva enormes escavações, onde pode abrigar-se toda a guarnição da praça; essas dilatadas abobadas estão em communicação directa com as baterias construidas na parte mais elevada do *Peñon* por meio de rampas em espiral que podem ser percorridas a cavallo. A montanha de Gibraltar, cortada em todos os sentidos, armada de ferro como um cavalleiro mediévo, erriçada de pilhas de balas, parece desafiar arrogante todo o assalto atrevido. Desde a extremidade norte ou face do continente, circundam o rochedo tres ordens de fortificações que se prolongam até o oeste, dando a volta pelo sul até tocar nos precipicios de este que naturalmente o defendem, e que, com bastiões e casamatas, cruzam os fogos, dominando o litoral hespanhol e as aguas da bahia. As fortificações inferiores unem-se ás do monte por meio de cortinas perpendiculares. As baterias do monte são descobertas ou escavadas na rocha, e estas ultimas são de tres ordens, communicando-se entre si por caminhos e rampas,

com praças d'armas, armazens, depositos de agua, madeiras, ventiladores, tudo numerado e rotulado para que possa alguém entender-se em semelhante labyrintho. Sobre o cume, assenta-se a bateria denominada *Blach Mouth*, bocca negra do famoso *Leão*. A antiga e historica capella de Nossa Senhora da Europa que corôava outr'ora o ponto culminante do promontório foi substituida por uma bateria e por um pharol. Por sobre todas estas baterias e fortificações levanta-se a torre de S. Jorge. Mandou-a construir o general O'Hara no intuito de lhe dar tal altura que d'ella se podessem observar os movimentos operados no

a Inglaterra e a Africa do Norte. Todas as funcções legislativas e executivas são exercidas pelo governador. Seguem-se alli á risca os regulamentos militares d'uma praça forte. As portas são abertas e fechadas precisamente ao tiro de peça de manhã e á noute. Para visitar a cidade tem de se obter um passe especial, e desejando prolongar a estada, procurar o respectivo consul ou um chefe de familia que possa servir de fiador. Os passes não são concedidos por mais de vinte dias, comquanto possam ser renovados.

A curiosa união de colonia e de fortaleza, commercio e militarismo, não é a unica fei-



UMA RUA DE GIBRALTAR

porto de Cadiz; mas, para decepção do general, o governo britannico desapprovou a idea, e a torre ficou sem remate e incompleta, acrescendo ainda para o tal O'Hara o desgosto de ter do seu proprio bolso de reembolsar os gastos da obra. Constitue, porém, tal como está, um ponto de observação capital para o movimento do estreito e da costa d'África, pois abrange um horizonte de 200 kilometros, podendo a vista penetrar em dias de limpida áthmosphera até Sevilha, Granada, Fez, as alturas do Corvo, as montanhas de Hogen e de Sanorra.

Gibraltar não é só uma fortaleza, é uma cidade florescente com uma população urbana de vinte mil almas. Como situação é tambem um entreposto de commercio entre

ção interessante de Gibraltar. A architectura das casas que orlam as ruas estreitas, é uma pittoresca mescla de mourisca, ingleza e hespanhola; telhados baixos, paredes brancas, janellas em fórma chamada de cella. Depois quarteis, hospitaes, armazens de polvora, e todas aquellas vastas officinas peculiares a uma cidade, que é a um tempo naval, militar e commercial.

O antigo convento é a residencia do governador, como na época do dominio hespanhol. A população tambem tem um mixto de pittoresco e de incongruente: *Jack Tars* com as suas fardas brancas, *Tommy Atkins* de escarlata e amarello claro, filhas languidas de Hespanha com graciosas mantilhas, elegantes damas inglezas, e mouros, judeus,

hespanhoes, italianos e alguns portuguezes. Por largos annos Gibraltar foi para o governo inglez mais uma fortaleza do que uma base naval; mas os perigos da situação européa forçaram-o a convencer-se de que a marinha era a sua primeira linha de defesa, portanto emprehendeu vigorosamente os grandes trabalhos publicos na bahia. Projectou-se um porto fechado, tres novas docas e no fim do porto, do lado do norte, um dique construido a expensas do governo imperial e das colonias. Este ultimo só foi principiado em 1897. Divergem as opiniões sobre se as novas peças d'alcance, montadas pelos hespanhoes nas suas fortificações do lado opposto da bahia, podem ou não dominar aquelles trabalhos, inutilizando-os, e por isso

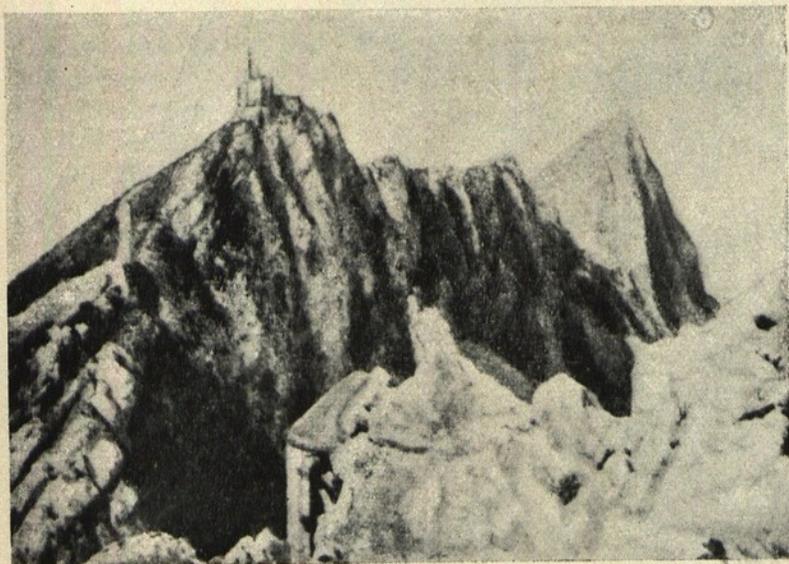
custa annualmente ao thesouro britannico 350.000 libras, em despesas militares.



A PONTA DA EUROPA E AS CASAS DE CAMPO

Na defesa do seu vasto e dilatado imperio e dos seus interesses commerciaes, a Inglaterra precisa ter na mão as chaves que lhe abram livres as estradas do mundo. N'um dos caminhos para a India, atravez do Mediterraneo, foi habilmente ligando os anneis da cadêa com que vae demarcando sobre o dorso da terra o seu dominio nos mares: Gibraltar na entrada, depois Malta, e por ultimo Chypre, com a occupação complementar

do Egypto. Observando, porém, o mappa que encima este artigo, reconhece-se que não é Gibraltar a unica e a mais importante talvez das posições dominadoras do famoso estreito a que dá nome. Além de Gibraltar, as praças de Tanger, de Ceuta e de Tarifa constituem as verdadeiras *chaves do estreito*. Só uma está sob o dominio inglez; duas estão na posse da Hespanha; a quarta pertence ao imperio marroquino. Sobre este exerce a Inglaterra, portanto, a mais cuidadosa vigilancia, e n'elle procura influir directamente, protegelo, aconselhal-o com o mais vivo interesse. Porque a



A TORRE DE VIGIA

differentes modificações e interrupções teem soffrido os primitivos projectos. Gibraltar

poderosa nação maritima e conquistadora bem comprehende ser-lhe indispensavel pos-

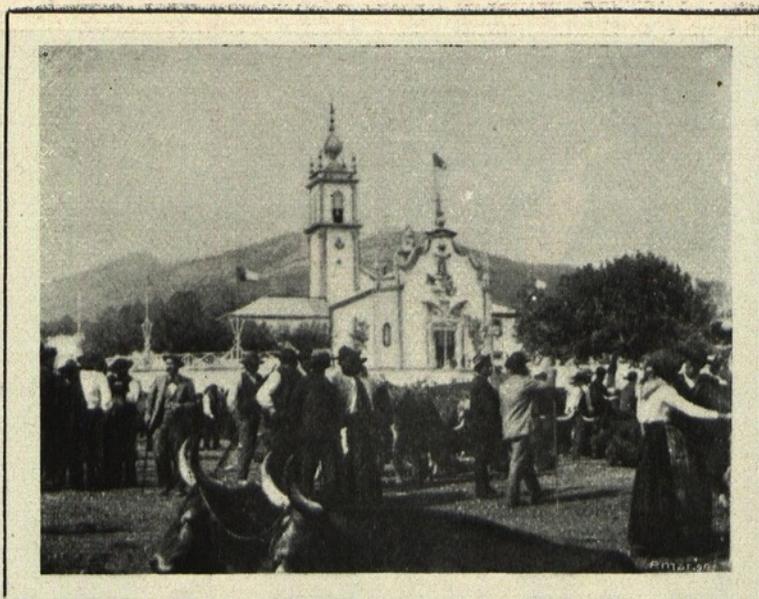
suir Tanger. Ella não se illude, quando ostenta e apregôa a fortaleza de Gibraltar, imaginando ou fazendo suppôr que confia absolutamente na efficacia das baterias do altivo *Leão* para dominar no estreito e no Mediterraneo. Era preciso que ellas assoberbassem uma largura minima de 22 kilometros para prohibir a travessia do estreito a qualquer moderna e bem guarnecida esquadra. Gibraltar é-lhe principalmente necessario para porto de abrigo e de concentração, deposito de carvão e de munições, base segura dos movimentos das suas esquadras. Mas este fim começa a ser duvidoso para a hypothese d'uma defesa energica da Hespanha, reivindicando para si o dominio do estreito; e tanto que aquellas duvidas demoram a realisação de obras projectadas no porto militar inglez, e modificam-lhes os planos primitivos, porque a sua efficacia seria problematica.

Com o moderno alcance das boccas de fogo, se a Hespanha tiver convenientemente

artilhadas as alturas da serra Carbonera, a bahia d'Algeciras é dominada e portanto inutilisada para qualquer das duas nações como fundeadouro seguro. Póde ousar-se para manter a defesa d'uma praça um abastecimento sob o fogo de baterias inimigas, escolhendo barcos e occasião; não se comprehende a loucura de fundear para repouso sob o fogo inimigo. A bahia ficaria inutil, sem fazer falta a Hespanha que tem Tarifa e Ceuta para compensar Algeciras; na verdade, a Inglaterra seria fortemente prejudicada por aquella inutilisação possível. A situação forçada de Hespanha tem-lhe permitido gosar das vantagens de Gibraltar, sem receio de disputas incommodas. A prudencia está-lhe indicando o caminho de Tanger, e a sua diplomacia não despreza o aviso. Dia a dia estreita relações de protectora amizade e de manifesta dependencia para com o decrepito ou atrazado imperio africano; e recebe com deferencia maxima as embaixadas que elle lhe envia.



SEGREDOS DO AMOR — QUADRO DE N. PRESCOTT DAVIES



# A Feira de Vianna do Castello

## Festa da Senhora da Agonia

**T**ODAS as romarias tem aspectos tão semelhantes que quasi as identificam. Motivam-n'as em geral crenças piedosas que a fama de milagres multiplicados vae mantendo sempre redivivas e alongando-se na redondeza, como as ondas sonoras concentricas a repercutir no cavado dos valles. Addicionamse-lhes tambem os mercados, a feira da estação, o inicio de contratos, o debate de interesses terrenos, como se fosse condição fatal alliam-se as cousas do profano calculismo á espontanea ingenuidade da fé simples. Acompanham-n'as os cantares alegres das multidões, como os canticos religiosos acompanham a festa do orago. Enfileiram-se, com mais ou menos pompa, as barracas caracteristicas de todas as romarias, como em todas estralejam a miude os foguetes, e como tambem se ouvem as musicas que o desenvolver da civilização tem transformado em phylarmonicas uniformisadas e pomposas, arredando lá para os alcantis d'uma serra, ainda não espartilhada pelas fitas de ferro dos carris, o antigo trio do tambor, da gaita de folles e do bombo. Quando apparecem agora entre a multidão, parece que são revindos do passado, a penar saudades como os lobis-homens dos solares arruinados. Os sons estridulos dos metaes das bandas, fortemente assoprados, apagam quasi os accordes dolentes das violas d'arame.

Perdida com a facilidade de comunicações

a restricção caracteristica do local, mesclada a multidão que d'antes seleccionava o incommodo dos transportes e dos caminhos, as romarias tendem a transformar-se em ostentosas festas, com programma determinado pre-



viamente em combinações calculistas e largamente anunciado em cartazes vistosos, per-



O ANDOR DA SENHORA DA ASSUMPÇÃO  
*Padroeira da Igreja Matriz de Vianna do Castello*

mittindo preços reduzidos nas passagens de caminho de ferro, satisfazendo todos os gostos e predilecções para attrahir gente de toda

comparar intuitos, por contrapôr fórmulas diversas, não quero diminuir o presente para avultar o passado n'uma desconsolada e sys-



a parte e de todas as classes. Ganham em extensão, estimulam progressos locais, fundem n'uma esbatida uniformidade costumes e tradições próprias. São outros os aspectos.

Todavia, tudo isto é assim, tudo isto mudou, se transformou, n'uma evolução progressiva, e apesar de ser assim, romarias ha que conservam uma popularidade excepcional, e prodigalisam encantos a quem de longe as visita. Porque todas ellas teem, como festas d'ar livre, o grande tablado da natureza para dispôr a scena, teem ao seu dispôr para panno de bocca e para panno de fundo a paisagem, que a vida moderna, activa, commercial, utilitaria, não transmuda; e por isso a romaria e feira de Vianna do Castello em commemoração religiosa da Senhora d'Agonia attrahe annualmente numerosos visitantes e deixa-lhes impressão suavemente agradável.

Por accentuar diferenças entre as festas de hoje e as dos tempos que passaram, por

tematica rejeição do novo; apenas accordo na memoria lembranças que me ficaram do tempo em que nas romarias predominava a feição sentimental, pittoresca e singela, em que havia n'ellas uma intuição mais pantheista, menos convencional e artificiosa, uma rusticidade aprazível, como quem se recorda do caldo verde fumegante na malga onde en-sopava a brôa negra, sem que lhe anteponha preferencias ao *consommé* apurado onde se molhe pequeninos cubos de pão alvo, dourado pelo calor brando da fomalha quasi extincta, ou como quem revê com saudade na imaginação as aguarellas e as miniaturas que se pintam nas primeiras folhas do *block* da vida. São talvez mais illusões do sentir apagado do que confrontos cotejados pela observação ou contrastados pela critica. É vulgar o phenomeno psychologico. Perde-se a nitidez da recordação, mas fica engrandecida a idéa ou o valor da sensação que se experimentou; e, quando tomada para medida, introduz no

resultado critico uma inexactidão involuntaria.

Assim deve ser n'este caso restricto e especial. Que importa entrar em Vianna do Castello, na formosa cidade da região d'entre Minho e Lima, por sobre uma ponte engenhosa, ampla, levado em wagon pela força da locomotiva, e depois mais tarde subir pelos commodos lacetes d'uma bella estrada larga até ao monte de Santa Luzia, acompanhando as peregrinações arranjadas em insinuante propaganda, para bem apreciar a magnifica visão da paisagem encantadora que d'aquella elevação se disfructa, á medida que o sol nascente vae desfazendo a neblina densa e característica do clima humido do Minho.

Não era mais pittoresco o panorama, com os seus affloramentos de granito sobrepostos em socalcos de amphitheatro, com as espessas manchas de arvoredo de indefinido contorno, com os valles todos aproveitados e divididos pelos renques dos pequenos carvalhos onde se enroscam as cepas e donde se penduram os cachos de uvas verdes, não era com certeza mais emocionante o quadro rural, se horas antes o visitante curioso se houvera apeado da imperial da mala posta, entorpecido, defronte da estalagem das mudas, annunciada a chegada pela trombeta do conductor e arrematada a paragem pelos estalos repetidos do comprido chicote do cocheiro,

porte para modificar a intensa sensação esthetica que do cimo d'aquelle monte entra pela alma a dentro, enebriando os olhos, como um suave perfume deleita o olfacto; sem duvida vê-se a mesma casaria da cidade que o nevoeiro vae descobrindo, a mesma fita prateada do rio a serpear sereno por entre os campos; a vastidão do horisonte, que é limitado pela curva do oceano, não diminue. Aquella paizagem é sempre encantadora. Os romeiros vão chegando pouco a pouco e do fundo do valle vem um confuso murmurio de vozes, entoando canticos. E' uma peregrinação de dois mil ou mais devotos, de irmãos de varias irmandades que vem com os seus estandartes desfraldados á visitação da capella. Depois sobre um altar levantado n'uma rocha junto da ermida diz-se uma missa campal. Estas festas realisam-se com maior ou menor pompa conforme o espirito da época. Mais tarde, pelo adro, pelo campo organisam-se as danças populares; canta-se ao desafio; banqueteiavam-se sobre a relva, ou sobre os penhascos que servem de mesa.

A feira de Vianna do Castello coincide com as festas á Senhora da Agonia, virgem que congrega a piedosa devoção de muitas leguas em redor. Como ao Senhor dos Passos em Lisboa, á Senhora da Agonia recorre com fervor e coragem a desventura que busca conforto, a angustia que pede lenitivo, nas

horas amargas das supremas desesperanças. E por isso as offertas são valiosas á dilecta devoção; e os sacrificios com promessas são numerosos.

Descalças, contractas, ou de joelhos, arrastando-se, muitas mulheres dão voltas e voltas em torno da ermida; outras levam kilos de cêra; estas carretêm moios de trigo ou de milho: aquellas acompanham e amparam, desbotadas pela doença, emmagrecidas, pobres victimas de morbidez fatal que



a animar o trote final dos cinco cavallos posantes.

Não influe sem duvida o meio de trans-

vão n'um supremo esforço de vida apegar-se com a santa para que lhes dê saude e ventura perdidas, talvez para sempre. Na

simplicidade convicta com que procedem infundem respeito aos que perderam a consolação ineffavel da crença; na humildade com que cumprem a promessa, deixam adivinhar a amargura funda que soffreram para confiar sómente na prova dolorosa.

A igreja levanta-se ao fundo do vasto campo da Agonia, onde se alinha a feira e onde circula ao longo das barracas ou serpentêa em largas fitas multicolôres a multidão das freguezias ruraes que de toda a parte accorrem ao grande mercado annual. Um grupo excêntrico corta e recorta aquellas correntes humanas, abre facil passagem, arrasta comsigo o rapazio alegre, desperta o animo folgazão dos romeiros. São os *gigantones e cabeçudos*, de tradição pagã, quatro burlescos bonecões, manobrados por homens que interiormente os levam em disfarce para os fazer suppôr animados elles proprios. Dois são de estatura descommunal, um casal; elle, vestindo a sua sobrecasaca cinzenta, chapéu alto da mesma côr, altos collarinhos ridiculos; ella, vestido verde e toucado; mascarar risonhas, caras de Paschoa. Para que os homens transportadores possam vêr de dentro para fóra, arranjaram um engenhoso estratagema.

No homem, a certa altura abriam um grande oculo, similhando um monoculo pendente; na mulher as janellas de observação, figuram um *lorgnon*. Os *cabeçudos* são os outros dois figurantes, em contraste com os *gigantones*:

pequena estatura, cabeças enormes desproporcionadas, enroupados com vestuario de vento, dançando ao som d'uma gaita de folles, tocada por um ultimo figurante que vem completar o cabalístico numero de *sete*. E' vulgar esta tendencia popular a adoptar typos gigantescos ou disformes para accentuar excêntridade tradicional; não raro apparecem nas procissões; representam até mesmo santos a confundir folguedos de tradição pagã com severidade christã; são admittidos pela escrupulosa orthodoxia como transacção com antigos costumes, ou com symbolos arreigados na

imaginação dos simples com os quaes ella prefere transigir a combater.

Em quanto o grupo burlesco vae atravessando a feira, prepassam em ranchos graciosos as minhotas gentis. D'ellas escreve o sr. Raimalho Ortigão: «... entre



Vianna do Castello e Ponte de Lima, ha ainda algumas das mulheres mais lindas e

entre Vianna do Castello e Ponte de Lima, ha ainda algumas das mulheres mais lindas e

das mais bem educadas de todas as mulheres portuguezas, que fiam e tecem em suas

ça de se distinguir bem a proveniencia d'aquelles ranchos, da região d'além Tamega,



casas o linho, a lã, o algodão e se vestem completamente, da maneira mais elegante, com os tecidos mais consistentes e mais bellos de sua fabricação exclusiva em todas as phases porque passa a materia prima, desde que é cegada no campo ou tosqueada no carneiro até se converter em vestido.»

Na verdade, encontram-se, a cada passo, nos arruamentos da feira, os mais gentis costumes de camponesas a adornar esculturas animadas, com os seus vistosos aventaes em barras de riscas a cobrir saias rodadas tambem de barras em côres garridas, com os seus colletes decotados a modelar a turgidez de seios exuberantes, com as suas camisas de linho muito alvo, como as meias, com os seus pequenos sóccos de salto curto, talhados em cabedal de polimento com ornamentadas bordaduras. Depois muitas deslumbram tambem pela riqueza dos cordões enlaçados em volta do pescoço com volumosos corações pendentes em filigrana d'ouro, com pesadas e duplicadas arrecadas lavradas a oscillar dos pequenos lobulos das orelhas.

Á primeira inspecção superficial confundem-se os vestuarios de todas e parece haver uniformidade no talhe e na composição; depois e á medida que a formosura d'umas, o oval gracioso dos rostos d'outras, o louro dourado d'estas, o azul claro dos olhos d'aquellas, a brancura da pelle ao pé do moreno tismado, a estatura desempenada junto a gracilidade de formas esbeltas, vae fixando a vista curiosa, come-

ou das margens do Douro, ou da propria localidade, e começa de se differençar pela forma dos chapéus, pelo atado dos lenços, pelo corte dos coletinhos em espartilho, pelo gosto das riscas fortemente coloridas das saias e dos aventaes a moda de cada freguezia, a industria predominante, o trabalho caseiro em que são fabricados os tecidos.

E n'este capitulo dos vestuarios tambem o meu espirito, teimoso no reviver de cousas passadas, sente a tristeza indefinida de ver apagadas muitas differenças que outr'ora eram essenciaes,

amalgamadas muitas modas onde um modernismo esmagador tem successivamente



imposto character, onde um barateamento de grande industria, a irradiar dos centros de

produção, promove a substituição dos antigos padrões, tão originaes, tão filhos da imaginação, côres combinadas por quem as estuda nas campinas floridas, sobre o verde suave dos linhos, ou sobre o fundo escuro das terras d'alluvião que vão formando os valles sempre arrodeados.

Havia em todos aquelles vestuarios, em todas aquellas combinações de côres e de gostos uma graça propria, talvez amaneirada, bonita e não bella, miniaturista, mas tão expontaneamente derivada da paisagem, do clima, da vida local, que encantava pela harmonia. Hoje conserva-se ainda muito do passado; as differenças não transmudam as impressões geraes, que ainda são suavemente agradaveis, caracteristicas para definir usanças, e extranhas para os que do sul vão encontrar tudo diverso n'aquelle abençoado torrão que se encrava e se limita entre o Douro e o Minho, d'aquem das montanhas, n'uma doce espalda sobre o mar que nas suas praias gentis, como a d'Ancora, como a

de Vianna, vem brincar na areia loura e reluzente. Examinar a multidão que accorre á



feira é só por si distracção compensadora de quem a visita; porem mais rapidamente do que esta descripção dá completa e fiel idéa dos aspectos da feira, da romaria e da festa da Senhora d'Agonia a collecção de photographias que deixamos reproduzidas.



# FEITICEIRA — VALSA

POR

EDUARDO BOËYÉ DE PASCAL

*Tempo de Valzer*

Piano

The first system of music consists of two staves. The right-hand staff begins with a treble clef, a key signature of two flats (B-flat and E-flat), and a 3/4 time signature. It contains a series of chords and a melodic line starting with a forte (*f*) dynamic. The left-hand staff starts with a bass clef and provides a harmonic accompaniment with chords and a simple bass line.

The second system continues the piece. The right-hand staff features a melodic line with a *cresc.* (crescendo) marking. The left-hand staff has a bass line with some chords and rests.

The third system shows a melodic line in the right hand with a *poco rit.* (poco ritardando) marking. The left hand continues with a bass line and chords.

The fourth system features a melodic line in the right hand with a crescendo hairpin. The left hand has a bass line with chords.

The fifth system concludes the piece. The right-hand staff has a melodic line with a crescendo hairpin. The left-hand staff has a bass line with chords. The piece ends with a final chord in both hands.

First system of a musical score. The right hand features a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the left hand provides a steady accompaniment of chords. The key signature has two flats, and the time signature is 4/4.

Second system of the musical score. The right hand continues with a melodic line, and the left hand maintains the chordal accompaniment. A dynamic marking of *f* (forte) is present in the right hand.

Third system of the musical score. The right hand has a melodic line with some rests. The left hand continues with chords. A dynamic marking of *p* (piano) is present in the right hand.

Fourth system of the musical score. The right hand features a melodic line with a dynamic marking of *p* (piano). The left hand continues with the chordal accompaniment.

Fifth system of the musical score. The right hand has a melodic line with a dynamic marking of *cresc.* (crescendo). The left hand continues with chords. The system concludes with a first and second ending bracket.

Sixth system of the musical score. The right hand features a melodic line with a dynamic marking of *cresc.* (crescendo). The left hand continues with the chordal accompaniment.

First system of musical notation, consisting of a treble and bass staff. The treble staff features a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the bass staff provides a harmonic accompaniment with chords and moving lines.

Second system of musical notation, continuing the piece. The treble staff has a more active melodic line with some slurs, and the bass staff continues with a steady accompaniment.

Third system of musical notation. The treble staff shows a melodic line with a crescendo leading to a dynamic change. The bass staff has a dynamic marking of *f* (forte) and later *p* (piano). The system ends with a double bar line and a key signature change to two flats.

*com 8.<sup>a</sup>*

Fourth system of musical notation, starting with a treble staff marked *cresc.* (crescendo). The bass staff continues with a rhythmic accompaniment. A dashed line above the treble staff indicates the continuation of the *com 8.<sup>a</sup>* section.

*com 8.<sup>a</sup>*

Fifth system of musical notation. The treble staff features a melodic line with a crescendo. The bass staff continues with a rhythmic accompaniment. A dashed line above the treble staff indicates the continuation of the *com 8.<sup>a</sup>* section.

*com 8.<sup>a</sup>*

Sixth system of musical notation. The treble staff has a melodic line with a crescendo. The bass staff continues with a rhythmic accompaniment. A dashed line above the treble staff indicates the continuation of the *com 8.<sup>a</sup>* section.

*cresc.*

*cresc.*

com 8<sup>a</sup>

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and contains a melodic line with a fermata over the first two measures. The lower staff is in bass clef and contains a harmonic accompaniment. The key signature has two flats, and the time signature is 2/4.

The second system of musical notation continues the piece. The upper staff features a melodic line with a fermata and a slur over the final two measures. The lower staff provides a steady harmonic accompaniment.

The third system of musical notation shows the continuation of the melodic and harmonic lines. The upper staff has a fermata and a slur, while the lower staff maintains the accompaniment.

The fourth system of musical notation continues the composition. The upper staff features a melodic line with a fermata and a slur. The lower staff provides a consistent harmonic accompaniment.

The fifth system of musical notation includes a dynamic marking of *f* (forte) in the upper staff. The melodic line has a fermata and a slur. The lower staff continues the accompaniment.

The sixth system of musical notation concludes the piece. The upper staff begins with a dynamic marking of *f* and features a melodic line with a fermata and a slur. The lower staff provides the final accompaniment.



QUEREIS CEREJAS? — QUADRO DE JOHN RUSSETT

# MODAS

**D**URANTE este mez d'agosto quente e ventoso, as elegantes refugiam-se nas suas casas de campo á espera de que o mez de setembro as leve para as praias, segundo a liturgia mundana a que se submettem resignadas; porque, em toda a parte, nas recepções improvisadas do campo, nas quintas e nas herdades ou nos circulos das praias em voga, ellas têm sempre ensejo de dominar pelos seus encantos, impôr a admiração da sua belleza classica e esculptural ou captivar pela gentileza graciosa da sua affabilidade. Abandonam-se os vestidos compridos e os corpos justos; predominam as blusas de cambraia, de mil formas variadas, ao gosto proprio, escolhidas com intenção, para dar relevo appetitoso a encantos exuberantes ou para disfarçar em promessas indefinidas gracilidades não menos feiticieras. Ora se recortam em pregas no peito, muito juntas e muito fôfas, ora se sobrepõem em cruzamento para abrir na gola, traçando o angulo do decote mais ou menos ousado; sortidas em côres que façam realçar o moreno quente da pelle amouriscada, ou divinistem a brancura rosea, ou enquadrem a pallida morbidez nevrotica. Assim, conforme as curvas do busto, as blusas são mais ou menos simples, mais ou menos enfeitadas

de intermeios de rendas. Os chapéus de palha, enfeitados de flores ou de largas fitas, acabam as *toilettes* campezinias. As saias levemente rodadas na bainha, lisas na frente, são muito usadas em linhos e em sarja.

Como uso racional, o vestido inteiro para o campo seria muito mais conveniente, porque se evitava a separação entre a blusa e o cóz da cintura que é immediatamente accusada por movimentos necessariamente mais violentos no campo, em passeios longos, em ascensões divertidas e onde a relva é muitas vezes divan obrigado. E' comtudo muito difficil fazer bem um vestido inteiro, e extremamente difficil acabal-o com perfeição. São modelos de uso exclusivo das elegantes ricas bastantes para ter a seu serviço uma thesoura de primeira ordem; são sem duvida *toilettes* mais distinctas, talvez menos graciosas ou menineiras. Em todo o caso, a idade, embora disfarçada nos arrebiques e denunciada na ferrugem dos movimentos, deveria cohibir-se do abuso da blusa garrida. A vida de luxo, propriamente mundana, tem exigencias de vestua-



rio que, faltando, desharmonizam e ferem o bom gosto que deve presidir a todos os actos da sociedade. Que desagradavel impressão produz ver, como temos visto, subir

uma gentil mundana para a almofada alta d'um phaeton e tomar as guias em doce enlevo de *sport* elegante, vestida de blusa leve, clara, muito fofa de pregas! E' como se um homem do mundo tomasse o governo do break ou do mail, não dizemos em mangas de camisa, mas em casaco de linho de cocheiro. Por Deus, vista ao menos um *bolero*, uma jaqueta, que lembre a terra onde estamos ou a vizinha Andaluza.

Os fatos de *sport* para senhora são delineados n'este mez de agosto. Alteram pouco de anno para anno e n'este muito pouco em relação ao passado. Fazem-se em panno grosso felpudo, acabamento *acheviotado*, genero inglez, saias e casacos curtos, em tons heliotrope ou azues, de intensidade varia, sem caudas de amazona, chegando apenas aos pés, calçados em caprichosas botas altas de bello couro russo escuro.

Os casacos são ajustados ao corpo por um cinto tambem de couro. O feltro claro é o melhor material para o *toque* e como enfeite uma roseta de fita de setim. Para aquellas que se recreâm nas praias, remando ou jogando, aconselham os auctorizados no assumpto o perenne encanto da flanela branca, ou com um fio preto no tecido, ou em riscas muito estreitas, como se fabricaram este anno.

Nos chapéus, continuam os modelos *cano-tiers* e os de cambraia muito fofa, como se fossem feitos da espuma branca das vagas, como principiaram a apparecer nas regatas. Os fatos de bordo affectam o feitio *marinheiro* com simplicidade, quasi sem enfeites, coroados pelo *bonet* de commando.

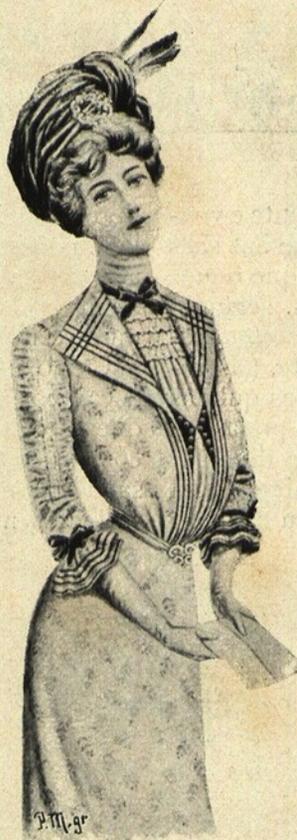
No mundo parisiense da moda, todos os annos apparece um vestido pratico, imaginado por qualquer modista principal, que pela sua harmonia no gracioso cóрте, e na côr propria ganha ascendencia sobre os outros da esta-

ção. O vestido predilecto d'este verão, para uso diario, é feito em *mohair* azul; a saia é estreita nos quadris, alargando até á bainha, com uma préga nas costas que se alarga junto ao chão e acaba estreitando na cintura.

O bolero é cortado baixo no pescoço, curto nas costas e comprido na frente. Tem largas mangas e não tem punhos. A camisinha que se usa por baixo do bolero é de renda grossa, sobre o branco, e por entre os buracos da renda passam fitinhas de velludo em desenho circular ou ondeado conforme o lavor da renda. Tanto o bolero como a saia são enfeitados de bandas de tafetá azul com bainhas ou debruns estreitos.

O primeiro modelo que reproduzimos constitue uma deliciosa e fresca *toilette* da estação em blusa *priscilla*, aberta no collo, muito usada, de fazenda clara, com fiadas de botões dourados, préguas na frente apanhadas na cintura, as costas lisas na parte superior e ligeiramente franzidas junto do cinto, cabeção *puritano*, sahindo da parte interior da gola, aconchegando ao pescoço o decote, punhos fechados a terminar as mangas que são tambem em préguas condizendo com a frente da blusa; um cinto ajusta o corpo.

O segundo modelo exemplifica a vogã que ainda conservam os corpos separados: *toilette* em seda da India combinada com seda lisa e para enfeite fitas estreitas de velludo; as frentes abertas sobre uma camisa em préguas, reversos de seda, as costas franzidas junto da cintura são ajustadas ao corpo por um cinto, as mangas de fórmula *mosqueteiro*, em tres quartos de comprimento, acabadas em folhos enfeitados de velludo; na gola uma fita de velludo. Podem variar-se os materiaes empregados, com *foulard* e crepe branco, com enfeites de applicações de renda ou de bandas persas, muito usadas.

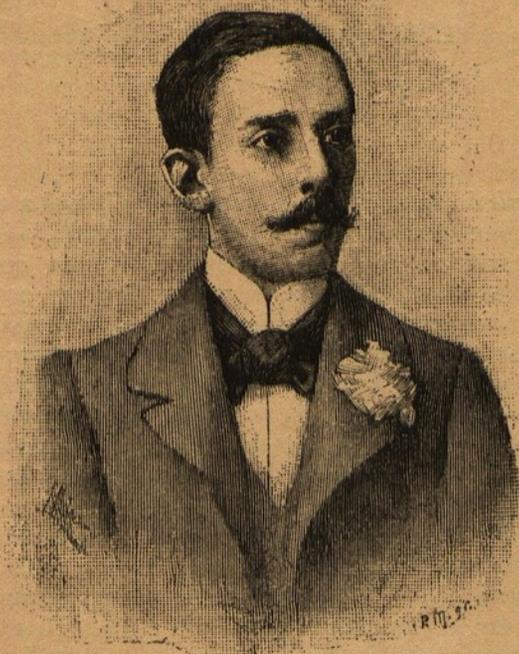


# VARIEDADES

*D'uma forma succinta, compativel com a indole e espaço d'esta revista. continuamos a dar noticia, acompanhada quanto possivel de illustração, dos principaes acontecimentos que vão dia a dia prendendo a attenção publica, na politica de cada paiz, nas sciencias e nas artes, na vida mundana, e que reflectem as modalidades da opinião, constituem as tendencias d'um dado momento, attestam o trabalho investigador e progressivo da humanidade, e memoram a existencia dos que representaram um papel proeminente ou exerceram uma influencia util nos destinos da sociedade.*

## O BALÃO DIRIGIVEL

**A**s experiencias a que procedeu em meado do mez findo em Paris, o sr. Santos Dumont, no seu quinto balão dirigivel, foram concludentes sem ser definitivas, como em 1884 tinham sido as realisadas pelos irmãos Renard. Sobre sete ascensões, elles voltaram cinco vezes ao seu ponto de partida, como quem entra em casa depois d'um passeio na sua caruagem. Foram tambem concludentes; estavam longe de ser definitivas. Egual sorte esperava as do moço e intelligente engenheiro que presentemente as renova com uma tenacidade convicta e um arrojo deliberado que lhe illustram e popularisam justamente o nome, bem conhecido no Porto. O sr. Santos Dumont é filho d'um opulento e instruido fazendeiro de café em S. Paulo do Brazil, engenheiro de pontes e

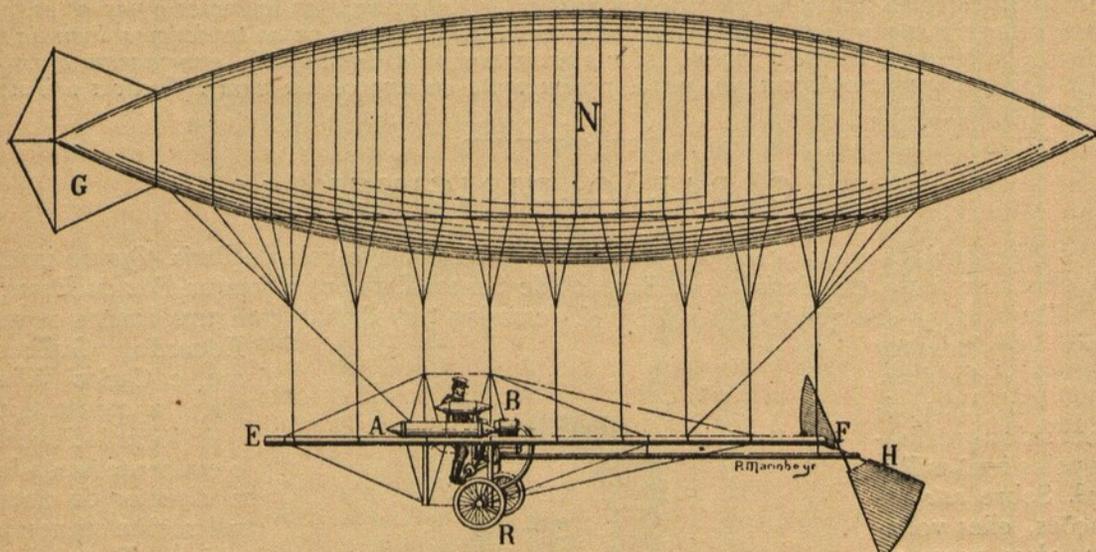


Santos-Dumont

calçadas pela escola de Paris. Quatro irmãos de Santos Dumont vivem na Foz do Douro, casadas tres d'ellas com tres irmãos os srs. Eduardo, Guilherme, e Carlos Villares, e a quarta com o sr. Ricardo Severo, o eminente fundador e director da notavel revista ethnographica «Portugalia». São todos engenheiros civis, os tres primeiros pela escola de Syracuse nos Estados Unidos, e o ultimo pela Academia polytechnica do Porto. O sr. Santos Dumont, espirito culto e dotado de qualidades engenhosas e precisistas notaveis, preoccupa-se desde longos annos com o problema da navegação aerea e á sua resolução tem consagrado toda a força do seu talento e toda a energia do seu animo. A theoria do balão dirigivel, ou mais propriamente a cadeia de deducções scientificas, que permittem es-

tabelecer a possibilidade de um aerostato evolucionar livremente em pleno azul, pode resumir-se em alguns factos e principios, cuja vulgarisação opportuna vamos tentar. Convem rectificar desde já a expressão usual, que nós mesmo já empregámos, de navegação aerea, que pode induzir a erro de apreciação. A assimilação do aerostato a um navio é inexacta, porque desliga o espirito da consideração de que o navio evoluciona á superficie de separação de dois meios, a agua e o ar, aproveitando-se do apoio que encontra n'um para vencer a resistencia que o outro lhe oppõe. O aerostato mergulha n'um só meio, o ar; e poderia a comparação rhetorica assimilar-o mais propriamente a um barco submarino, se ainda não os differencasse pro-

depois escolher a forma do balão. Claro está que teria de se abandonar a espherica dos balões normaes ou ordinarios. A forma *alongada* estava naturalmente indicada. Provinha das observações mais comensinhas sobre as formas dos barcos mais rudimentares, dos insectos alados, das aves ou das especies submarinas. A forma de charuto ou de peixe impunha-se como simples regra de bom senso. O sentido das costuras, o processo de assemblagem das differentes porções do estofado escolhido, processo derivado a um tempo do esforço do gaz sobre o tecido e do trabalho das prisões que lhe suspendem a barquinha, daria ao balão por vezes o aspecto caracteristico d'um longo abdomen anelado de insecto. Notemos agora uma particularidade



fundamente a *homogeneidade* da agua, incompressivel quasi, de densidade sensivelmente constante a todas as profundidades, enquanto que o ar, onde mergulha o balão, é de sua natureza compressivel e de densidades variaveis com a altitude. Na descripção da viagem em balão que se publica n'este mesmo numero da revista, exemplificou-se a theoria do balão normal, com a sua força ascensional modificada a cada momento pelas variações da atmospheria, provocando subitas e repetidas subidas e descidas, combatidas habilmente pelos gastos graduados, minimos e alternados do gaz e do lastro.

Para o balão dirigivel, em contraposição do outro que é apenas governavel no sentido vertical, procurou-se, primeiro, combater a *instabilidade* em altitude, adoptando motores leves e poderosos que actuassem helices horizontaes para determinar impulsos ascendentes ou descendentes com o fim de conservar o aerostato n'um equilibrio quasi constante;

capital applicavel a todos os aerostatos. Perfeitamente cheio, o balão que se eleva no ar, conserva a sua convexidade perfeita até a sua primeira zona d'equilibrio. Desde que faça uma descida parcial, forma-se na parte inferior do apparelho uma bolsa mais ou menos accentuada. Esta deformação subsiste mesmo quando o aerostato manobra em regiões mais baixas do que as maximas d'altitude anteriormente attingidas. Comprehende-se portanto que no balão de forma alongada o caso seja grave, porque bastaria um movimento mais brusco do aeronauta para deslocar para qualquer das estremidades a bolsa e consequentemente em sentido contrario o gaz e estabelecer-se-hia uma oscillação ameaçadora. Evita-se a difficuldade, introduzindo no balão uma especie de bexiga natatoria que pode ser, exteriormente e á vontade, mais ou menos cheia d'ar, de maneira a substituir exactamente em volume a perda de hydrogenio do balão. Consegue-se por este

meio a forma invariavel e tensa do aerostato; augmenta-se-lhe a estabilidade horizontal, a qual não seria ainda sufficiente, se não fôra completada por uma disposição engenhosa no modo de suspensão da barquinha ou estado que a substitua.

Este novo artificio foi devido a Dupuy de Lôme e consiste em ligar a barquinha ao balão por quatro linhas geraes de suspensão, lados e diagonaes d'um trapezio que reparte o peso da barquinha pelas quatro ligações qualquer que seja a inclinação do systema. Resolvidas assim as principaes difficuldades para dotar o navio aereo das qualidades necessarias á sua navegação especial, resta-nos considerar a acção do vento, não como *violencia* ou *força*, tal qual é considerado em relação ao solo, porque para o aeronauta o vento não existe; tudo se passa no navio aereo, quer seja ou não dirigivel, como se o ar fosse immovel, porque elle está mergulhado e livre no ar. E' esta uma das raras sensações das viagens athmosphericas; parece vogar-se no azul mais calmo e vê-se em baixo as arvores curvarem-se sob o impulso do vento. Como é sabido, o envolvero gazoso que rodeia a terra move-se caprichosamente, ou, se preferirmos considerar immovel a athmosphera, a terra gira sobre si propria em todos os sentidos possiveis e sem descanso dentro do envolvero, como se fôra o caroço d'um pêcego no seio da polpa saborosa, para empregar uma comparação pueril, elementar. Em conclusão, diz o celebre aeronauta Renard, «para um balão dirigivel o conjuncto de pontos abordaveis (portos de chegada) no fim d'uma hora fórma uma circumferencia descripta d'um ponto situado, sob o vento dado, a uma distancia do porto de partida igual á velocidade d'aquelle vento, sendo o raio da circumferencia igual á velocidade do balão no ar, velocidade propria, independente da do vento, e apenas dependente da energia do motor e das condições geraes de fórma e de structura do aerostato». D'estes principios deduzem-se tres proposições geraes, conforme a velocidade do vento é maior, igual ou menor do que a do balão, para que

este possa abordar qualquer ponto do horizonte, e conclue-se finalmente que para um aerostato merecer o nome de *dirigivel* será necessario e bastará — realizadas todas as outras condições — que o seu propulsor possa desenvolver uma velocidade superior á dos ventos habituaes da região onde pretende manobrar. Chegados a esta altura do problema, e depois das successivas experiencias realizadas desde Dupuy de Lôme até Renard, a grande difficuldade era obter o motor, e no dominio das combustões integraes; um motor thermico e não electrico, visto que este dera resultados desfavoraveis. Depois das experiencias de 1884-85, o problema circumcreveu-se a tres dados numericos: — *a*) obter uma velocidade de 12<sup>m</sup>,50 por segundo (pelo menos); — *b*) limitar o consumo de combustivel a 1 kilo por hora (no maximo); — *c*) concentrar n'um peso de 10 kilos a parte de material e de mecanismo correspondente á unidade de força produzida que é o *cavallo-vapor*. Foi á realisação d'estas condições que se dedicou o sr. Santos Dumont, e dirigiu a sua investigação para os motores de petroleo, que no automobilismo realisaram já 20 kilos e até 17 kilos por *cavallo-vapor*, o terceiro ponto do intrincado problema. As experiencias continuam, e parece terem sido concludentes para certos *limites*. visto que a questão ainda hoje é relativa, na construcção d'essas maravilhas mecanicas de pequenos motores ruzelentes no frio pollido dos aços e no vermelho quente do cobre, brinquedos extraordinarios, de minusculos corpos de bomba, de manometros de boneca, delicadezas de construcção que reduzem os monstros de metal com entranhas de fogo a mover cidades fluctuantes nas travessias dos oceanos, a rugir nas fabricas collossaes ou a devorar kilometros nos expressos relampagos. O problema caminhou; se não foi definitiva a resolução, é licito esperal-a para breve, embora ainda seja phantasia arrojada suppôr desde já praticavel um serviço-expresso de balões internacional, como o *sud-express*, viagens de luxo, ou ascensões circulatorias a preços reduzi-dos...

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

**JUNHO — 5 Portugal** — Inauguração do dispensario anti-tuberculoso de Lisboa sob a direcção de Sua Magestade a Rainha D. Amelia.

**6 Allemanha** — Abertura do congresso internacional dos bombeiros em Berlim, comparecendo 1:500 delegados das diversas nações. Portugal fez-se representar por delegados especiaes.

**7 França** — Batem-se em duello á espada Max Regis com Laberdesque, havendo 19 assaltos sem resultado e Lautier, redactor do *Temps*, com Bles-Gana, ficando o ultimo ferido no baixo ventre com um tiro de pistola. — *Estados-Unidos* — Organisa-se uma liga colossal de sociedades operarias com o fim de influir na politica geral.

**8 Inglaterra** — A censura theatral prohibe a representação em Londres da comedia de Dumas, *Visita de nupcias*. — **França** — Continua o duello entre Max Régis e Laberdesque, ficando o primeiro ferido com alguma gravidade no ante-braço. — **Hespanha** — E' assignado o decreto nomeando presidente do senado o sr. Montero Rios. — Aggravam-se em Barcelona as questões operarias, receiando-se que a grêve se generalise. — **China** — O ministro americano em Pekin pede que se submeta á arbitragem do tribunal internacional de Haya a questão da indemnisação que a China deve pagar ás potencias. — **Portugal** — Cerca de 200 homens que trabalhavam n'uns telhaes em Alhandra, abandonam o trabalho, exigindo maior salario.

**10 Russia** — Os tribunaes militares condemnam á morte doze pessoas detidas por causa das desordens em Moscow e Kiew. — **Italia** — E' preso em Milão o auctor do roubo de joias no valor de 250:000 francos subtraídas em Monte-Carlo a uma princeza russa, viuva do general Hanveneff. — **Hungria** — Declaram-se em grêve 9:000 operarios do caminho de ferro em Restilza. As mulheres dos grévistas apdrejaram os escriptorios da companhia.

**11 Republica Argentina** — E' apresentado ao congresso argentino em Buenos-Ayres um projecto de lei auctorizando o governo a emittir 435 milhões de pesos de ouro em titulos consolidados com o juro de 4 % amortisaveis em 50 annos e destinados a converter parcial ou totalmente as dividas actuaes. Para assegurar o serviço dos consolidados a alfandega depositará diariamente no Banco Nacional oito por mil das suas receitas por cada cinco milhões de titulos emittidos. — **Estados-Unidos** — O presidente Mac-Kinley faz lêr na Casa Branca uma declaração desmentindo o boato de que elle trabalhe na sua terceira eleição, e affirmando que não aceitará ser reeleito, ainda que tal se lhe proponha. — **China** — As autoridades provinciaes convencionam na indemnisação de 35 milhões de francos aos missionarios catholicos. — **Hespanha** — Abertura solemne das côrtes com a assistencia da rainha regente. — **Inglaterra** — A camara dos commons approva a proposta que modifica os direitos sobre o assucar. — **Brazil** — Comemoração da victoria do Riachuelo, assistindo á formatura da marinha o presidente do conselho, almirantes, generaes e membros do congresso.

**12 Inglaterra** — O rei Eduardo VII distribue uma medalha commemorativa da campanha a 3:000 repatriados da guerra do sul d'África, com a assistencia da embaixada marroquina.

**13 Inglaterra** — A camara dos commons rejeita por 201 votos contra 167 a proposta em que os operarios mineiros pediam que o dia de trabalho fosse de 8 horas. — **Persia** — O Schah auctorisa o governo russo a estabelecer na Persia seis succursaes do banco imperial. — **França** — Bate-se novamente em duello ao florete Max-Régis com Cerault-Richard, redactor principal da *Petite République*,

ficando o primeiro ligeiramente ferido n'um dos pulsos.

**14 França** — Dá-se uma terrivel explosão na fabrica de explosivos de Moulineaux, matando 15 pessoas e ferindo mais de 20. — **Allemanha** — Desencadeia-se sobre Berlim uma terrivel tempestade acompanhada de um violentissimo furacão.

**15 Russia** — Um grande incendio destroe parte dos estaleiros de marinha na ilha da Palera. As chammas atravessam o rio Neva e reduzem a cinzas varios armazens militares. Os prejuizos são avaliados em 10 milhões de rublos. — **França** — A commissão do orçamento decide por 16 votos contra 15 substituir no orçamento de 1902 por um imposto sobre o rendimento, as quatro principaes contribuições directas. — Produz-se uma enorme explosão na fabrica de munições para caça, de Gevelat, em Yssy, ficando 188 operarios mortos e 18 feridos, na maior parte mulheres.

**16 Allemanha** — E' inaugurado em Berlim o monumento do principe Bismarck, em presenca do imperador Guilherme, da imperatriz, ministros e corpo diplomatico.

**17 Portugal** — Declaram-se em grêve os estalajadeiros de Lisboa em consequencia de não serem attendidos na representação entregue ao governo contra o § 1.º do artigo 10.º do decreto de setembro de 1900 sobre obrigações hygienicas das estalagens. — **America do Sul** — Constitue-se no Rio de Janeiro o syndicato allemão com o capital de 25 milhões de marcos para o desenvolvimento da colonisação nos estados do Rio Grande, S. Paulo e Minas Geraes, e para iniciar a construcção de um caminho de ferro que deverá alargar e tornar mais faceis as communicações entre aquelles tres estados e o Rio de Janeiro. — **Canada** — Declaram-se em grêve 3:000 operarios do *Canadian Pacific Railway*, reclamando augmento de salario.

**18 Hespanha** — O ministro dos estrangeiros desmente que exista qualquer nota ou reclamação entre a Inglaterra e Hespanha á cerca de Gibraltar. — **Republica Argentina** — O senado argentino approva sem modificações o projecto de lei da unificação das dividas publicas.

**19 França** — Celebra-se em Paris a primeira reunião da Associação das mulheres a favor da paz geral e desarmamento dos exercitos europeus. — **Carolinas** — Um grande incendio destroe o bairro do Commercio em Greenwille. — **Allemanha** — O escriptor dr. Wagner é ferido mortalmente n'um duello com o director de um periodico anti-semita.

**20 Portugal** — Partida de Suas Magestades a bordo do cruzador *D. Carlos* para a Madeira e Açôres. — **França** — A commissão do orçamento de 1902 depois de ter ouvido o ministro da fazenda, annulla a precedente votação e mantem as quatro contribuições directas, que haviam sido substituidas pelo imposto de rendimento.

**23 Hespanha** — Celebra-se em Madrid um *meeting* anti-clerical, organizado por elemen-

tos republicanos e fazem-se manifestações nas principaes ruas de Madrid. — *França* — Reune sob a presidencia do sr. Bourgeois o congresso do partido radical, o qual approva uma moção convidando o governo a demittir antes das eleições legislativas de 1902 todos os funcionarios publicos que fôrem clericas inimigos da republica. — *Estados Unidos* — Uma terrivel explosão na fabrica de fogos de artificio de Patherson mata 15 pessoas e causa numerosos ferimentos.

**24** *Virginia* — Em consequencia da ruptura de um dique em Raonok, uma violenta inundação destroe grande numero de predios em varias localidades, entre as quaes Keystone, Elktone e Vivian, tendo feito 500 victimas em Pocahoutas. — *Canadá* — Declaram-se em grève as associações dos operarios cigarreiros de Montréal, tornando-se solidarios com as da linha ferrea *Canadian Pacific*, tambem em grève. — *Filippinas* — O general Cailles, successor de Aguinaldo, submette-se em Laguna ao general americano Lamur. Em vista d'este facto considera-se virtualmente concluida a insurreiçãõ.

**25** *Estados Unidos* — O chanceller allemão em Washington notifica aos representantes americanos em Berlim que a Allemanha reconhece a importancia da doutrina de Monroe e que se não opporá á construcção do canal de Nicaragua. — *França* — O Alto Tribunal condemna o conde Lur-Saluces a ser banido do territorio francez por cinco annos levando em conta as circumstancias attenuantes apresentadas. A condemnação foi pronunciada por 72 votos contra 22, tendo havido 58 abstenções. — *Australia* — A assembléa legislativa de Melbourne vota a expulsão do deputado Findley, editor do *Jornal dos Trabalhadores* por ter publicado um artigo diffamatorio contra o rei Eduardo VII, o ministro da fazenda e obras publicas e contra a memoria da rainha Victoria.

**26** *Ingllaterra* — A camara dos communs rejeita por 206 votos contra 148 a emenda que isenta de direitos aduaneiros o carvão, cuja compra fosse contractada antes da apresentação do orçamento. — *Estados-Unidos* — Na via ferrea de Wabash, em Indianopolis, precipita-se de uma ponte, que as aguas arrebataram, um comboio de passageiros, morrendo 16 immigrants italianos e ficando feridos 50 passageiros. — Um enorme incendio destroe os armazens nacionaes de Jersey, ardendo o vapor *Jupiter*. — *Hespanha* — Em Madrid e nas Asturias, aggrava-se a questão religiosa, partindo as provocações dos elementos clericas e fanaticos, e havendo desordens em varios templos. — *Coréa* — Rebenta uma insurreiçãõ. Muitos missionarios são mortos pelos insurrectos. — *Chili* — E' eleito presidente da Republica chilena o sr. Biesco.

**27** *Allemanha* — O panico financeiro excita a multidão que invade o banco de Dresden, reclamando os depositos; o banco declara que reembolsará immediatamente os depositos a longo praso. — *Italia* — Rebentam gréves em Genova, Ferrara e outras cidades. — *França*

— Effectua-se ás 3 horas da manhã a partida dos automoveis que disputam a corrida entre Paris e Berlim. — *Portugal* — Realisa-se a assembléa geral da Camara do Commercio e Industria para lhe ser presente a demissão do conselho director, propondo a liquidação da mesma Camara por falta de recursos para cumprir os deveres sociaes.

**28** *França* — Em consequencia dos incidentes occorridos nas sessões do Alto Tribunal, motivados pelo processo Lur-Saluce, batem-se em duello á pistola os senadores Aucoin e Leprevost, trocando-se duas balas sem consequencias. — *Ingllaterra* — E' definitivamente assegurada a construcção de um caminho de ferro electrico que atravessará o sub-solo de Londres. Os trabalhos durarão sete annos e custarão 600 mil libras e o percurso será de 71 1/2 milhas. — *Chili* — Produzem-se graves desordens em Concepcion e em Autofagasta por occasião da eleição presidencial. A policia de Autofagasta dissolve a manifestação a tiro, resultando tres mortes e muitos ferimentos. O povo tentou lynchar o chefe de policia que foi internado na prisão. — *Hollanda* — Concluem-se em Amsterdam as eleições de desempate para os estados geraes. — O gabinete liberal dá a sua demissão depois de conhecidos os resultados definitivos das eleições. — *Russia* — Manifesta-se um violento incendio em Tzassitzyn, causando numerosas victimas. Os prejuizos são avaliados em cinco milhões de rublos.

**JULHO 1** — *Portugal* — Entra em vigor o novo imposto sobre o consumo da cerveja. — *Estados-Unidos* — Declaram-se em grève 20:000 operarios da companhia americana de aço em laminas, de Pittsburgh. — *Italia* — Realisa-se em Roma um *meeting* socialista para protestar contra os successos de Ferrara a que assistiu numerosa multidão. Os deputados Ferry, Costa e Ciacotti, organisam uma *quête* para soccorrer as familias dos operarios mortos. — *Ingllaterra* — Realisa-se em Londres um comicio a favor da paz entre a Inglaterra e o Transwaal. Os oradores não conseguiram falar, sendo maltratados por muitas pessoas que se oppunham a que se proferissem discursos. — *Estados-Unidos* — Morrem 280 pessoas pelo excessivo calor, havendo numerosos casos de loucura e suicidios.

**2** *Hespanha* — Constitue-se definitivamente o congresso, sendo reeleito presidente por 160 votos o marquez Vega d'Armijo. — *Portugal* — Declara-se grève no Porto motivada pela crise algodoeira. — *Estados-Unidos* — Fôrma-se um novo syndicato de açambarcamento, um novo *trust*, com o capital de 30 milhões de dollars para a exploração de minas de chumbo nos districtos do sueste do Missouri.

**3** *Republica Argentina* — Os estudantes de Buenos-Ayres fazem uma ruidosa manifestação contra o projecto da unificação das dividas argentinas, apedrejando as imprensas de dois jornaes favoraveis ao projecto. — *França* — O senado approva sem debate o credito suplementar de 80 milhões de francos para a expedição militar da China.

**4 Republica Argenttna.**—O governo argentino pede ao parlamento que vote o estado de sitio por seis mezes. O ministro da fazenda pede a sua demissão. — *Russia* — A sociedade anonyma para a seccagem dos pantanos em Cassel, declara-se fallida. O director geral desaparece e foi preso o presidente do conselho de administração. — *Africa* — Os tribunaes de Tunis condemnna a 10 annos de trabalhos forçados o cheik de Rabak por falso testemunho n'um processo de assassinio. — *Roumania* — O senado approva o projecto de adiantamento ao governo de quinze milhões de francos concedido pelo Banco Nacional.

**5 França** — A camara dos deputados approva o projecto de lei das contribuições directas. — *Hespanha* — O presidente do congresso, marquez de Vegá d'Armijo, pede a demissão por escripto, a qual não é admittida por 201 votos. — *Allemanha* — O sr. Schæffer, membro do conselho de administração do Leipzig-Bank, suicida-se a tiros de revólver. — *Russia* — Em consequencia da quebra do Banco Commercial de Kharhoff, cujo deficit é avaliado em 5 milhões de rublos, suspende pagamentos o Banco Commercial de Jekaterinoslaw, com o passivo de 1 milhão e 250 mil rublos.

**6 Filipinas** — O general filippino Belarmino submete-se aos americanos com cêrca de 1:000 homens.

**7 Allemanha** — O imperador recusa-se a sancionar a eleição de Gustavo Kaufman para novo burgomestre de Berlim. — *Italia* — E' encontrado em Spezzia o retrato de Philippe v pintado por Velasques. — *Estados-Unidos* — O millionario Rogers de Patterson lega quasi toda a sua fortuna, cêrca de 33 milhões de dollars, ao museu de arte de New-York.

**8 Inglaterra** — A camara dos lords discute as modificações feitas pela commissão á formula de declaração d'accessão ao throno. O marquez de Salisbury defende as modificações dizendo que a maioria do paiz é favoravel á declaração e assegurando que o throno tem reis protestantes. — O visconde de Cranbone, secretario particular do ministerio dos negocios estrangeiros, declara á camara dos Communs que o governo não está decidido a fazer á França a cessão da Gambia ou qualquer outra em troca dos seus direitos sobre a Terra Nova. — *Italia* — Os socialistas celebram *meetings* em Turin, Milão e Napoles afim de protestar contra o procedimento das auctoridade nos casos de Ferrara. — *França* — Max Regis é eleito conselheiro geral da Argelia.

**9 Allemanha** — A policia de Leipzig detem o consul da Austria e o presidente da administração do Banco de Leipzig, de regresso de New-York. — *Haiti* — Um violento ciclone que durou tres dias, causou muitos estragos e numerosos naufragios. — *Inglaterra* — Um incendio destroe grande parte da exposição nacional em Glasgow do que resultou perdas consideraveis. — *França* — Batem-se em duello ao florete os conselheiros municipaes Cally e Evain, tendo ficado o primeiro ligeiramente

ferido no ante-braço direito. — *Hespanha* — O congresso recebe nova comunicação do marquez Vega d'Armijo renunciando a presidencia. A camara aceita-a, votando uma mensagem de sentimento por aquella deliberação do marquez.

**10 Hespanha** — Reproduzem-se em Sevilha os disturbios dos operarios metallurgicos em grêve, apedrejando as fabricas e casas dos fabricantes. As auctoridades declaram a cidade em estado de sitio. — O governo ordena ao Banco de Hespanha que suspenda em absoluto a aquisição de papel estrangeiro. — *França* — O congresso dos mineiros, com a assistencia das corporações de operarios, consigna o perfeito accordo de todos os trabalhadores a respeito da utilidade e dos resultados da grêve geral dos mineiros. — Declaram-se em grêve os operarios do porto de Rochefort.

**11 China** A imperatriz ordena aos representantes da China no estrangeiro que organisem listas de chinezes, residentes nos diversos paizes, que se distingam n'alguma profissão. Parece que o fim da imperatriz é chamar esses chinezes ao seu paiz para lhes confiar cargos officiaes. — *America do Sul* — O sr. Seru, deputado da republica Argentina, é nomeado ministro de instrução publica, da justiça e da agricultura.

**12 Russia** — Recrudescer em Pistburg a grêve dos operarios. Os patrões negam-se resolutamente a aceitar determinadas reclamações dos trabalhadores. — *Inglaterra* — Manifesta-se um violento incendio nas docas de West-India, causando estragos avaliados em 250.000 libras esterlinas.

**13 Inglaterra** — Reunem-se em Dublin 15.000 anti-catholicos para protestar contra a politica de Balfour por ter favorecido a influencia dos catholicos nas universidades da Irlanda.

**14 Portugal.** — Regressam da sua viagem ás Ilhas dos Açores Suas Magestades El-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia. — *França* — Realisa-se em Paris a experiencia official do balão dirigivel do sr. Santos Dumont perante a commissão do «Aero-Club».

**15 Hespanha** — O sr. Moret é eleito presidente do Congresso. — O ministro das obras publicas ficou encarregado interinamente da pasta do reino. — *China* — O rio lang-Tsé sae fóra de seu leito perto de Hang-Koc, afogando-se centenas de pessoas. — *Austria*. — E' inaugurado o monumento da imperatriz Iza-bel assistindo á cerimonia o imperador Francisco José e a familia imperial.

**16 Russia** — O antigo ministro Gozenykin emprehende uma energica campanha a favor do estabelecimento do regimen constitucional na Russia, campanha apoiada pela maioria do elemento liberal. O czar mostra-se resolutamente contrario ao novo movimento da opinião. — *França* — E' assignado um tratado entre Marrocos e a França. — *America do Norte* — Declaram-se em grêve 700 fogueiros na região de Wikesbarfe, Pensylvania. Em consequencia da ordem dada pelo presidente

da associação dos fogueiros para se declarar a grève, estão sem trabalho 120.000 operarios metallurgistas. — *Italia* — Declaram-se em grève os empregados do caminho de ferro em Cardema. — *Africa* — Max Regis é ferido com uma facada na nuca na occasião que se dirigia para o Casino de Oran, rebentando por essa occasião uma grande desordem sendo presas umas 100 pessoas. — *França* — O ministro das obras publicas, sr. Baudin é victima de um attentado de assassinato, tendo lhe sido disparado um tiro de revolver que não lhe acertou.

17 — *Austria* — Os operarios sem trabalho levantam barricadas nas ruas de Lamberg tendo de ser tomadas á viva força pelas tropas de infantaria e cavallaria resultando centenaes de mortos e feridos. — *Inglaterra* — O conde de Rosebery declara n'um manifesto que jamais voltará voluntariamente á arena politica. — *Belgica* — A camara dos representantes approva por 71 votos contra 31 o projecto de lei que proroga por 10 annos o praso da opção para annexação ou abandono do Estado do Congo.

18 *Republica Argentina* — E' nomeado ministro da agricultura o sr. Wenceslau Escalante. — *Inglaterra* — A camara dos commons rejeita por 203 a moção relativa ao augmento dos impostos na Irlanda.

19 *America do Norte* — O governo dos Estados Unidos compra á Hespanha a doca fluctuante do porto da Havana. — *Inglaterra* — A camara dos lords condemna lord Russel, como reu de bigamia, em trez mezes de prisão. — *China* — Os ministros das potencias approvam formalmente o pedido de indemnisação de 460 milhões de taéis a 4%. — A policia de Pekin é entregue ás auctoridades chinezas de-

vendo a evacuação da capital terminar antes de um mez. — Estão terminadas as negociações sobre a elevação dos direitos da alfandega.

20 *America do Norte* — Naufraga em Longisland o yacht *Vinitzia* propriedade do millionario Colburn morrendo afogados, este e duas suas filhas, bem como o capitão e todos os marinheiros. Só conseguiram salvar-se o irmão de Colburn, sua esposa e Spakle secretario do trust do aço.

22 *Hespanha* — E' nomeado ministro do interior o sr. Affonso Gonzalez. — *Allemanha* — Suicida-se o banqueiro Rawiez por causa das perdas que soffreu com a fallencia do Banco de Leipzig.

23 *Estados-Unidos* — E' critica a situação da região agricola por causa dos trigos, temendo-se uma perda muito avultada na colheita. — *Russia* — A Russia pede formalmente á Turquia auctorisação para estabelecer no golfo persico dois depositos de carvão.

24 *Italia* — Na provincia de Genova desencadea se um violentissimo cyclone fazendo numerosas victimas. — *Allemanha* — São convidados os armeiros da artilharia allemã a reunirem em Spandau afim de examinarem o canhão de tiro nacional destinado a combater os globos aerostaticos. — *China* — Os rebeldes chinezes infligem uma grave derrota ás tropas russas e chinezas a noroeste da Madchuria. — *Austria* — E' assignado um convenio militar entre a Austria e a Roumania para em caso de guerra entre a Russia e a Austria, esta disputar a supremacia dos Balkans e apoiar as reclamações dos romaicos.

25 *Estados-Unidos* — E' declarado o livre cambio entre os Estados-Unidos, Cuba e Porto Rico.



## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e tradncções durante o mez de Julho*

JUNHO — 28 VOLTA DA INDIA, pantomima original do sr. Augusto de Mello, musica do sr. Philippe Duarte (Theatro do Infante).

JULHO — 4 DONA MECIA, opera portugueza original do sr. Oscar da Silva e libretto do

poeta e dramaturgo sr. Julio Dantas (Colyseu dos Recreios).

13 O BONECO, parodia á BONECA, pelo sr. Eduardo Fernandes, *Esculapio*, com musica do sr. Dias da Costa (Th. da Rua dos Condes).



## NECROLOGIA

JUNHO 25 — DEVUYOD, em Moscow, barytono celebre, morreu em scena no theatro Ermitage na occasião em que recebia os applausos do publico

26 — ADOLPHO GRENO, 46 annos, em Lisboa, pintor, assassinado por sua mulher.

JULHO — 6 PRINCIPE DE HOHENLOHE, 82 annos, em Ragatz, ex-chancellor do imperio germanico.

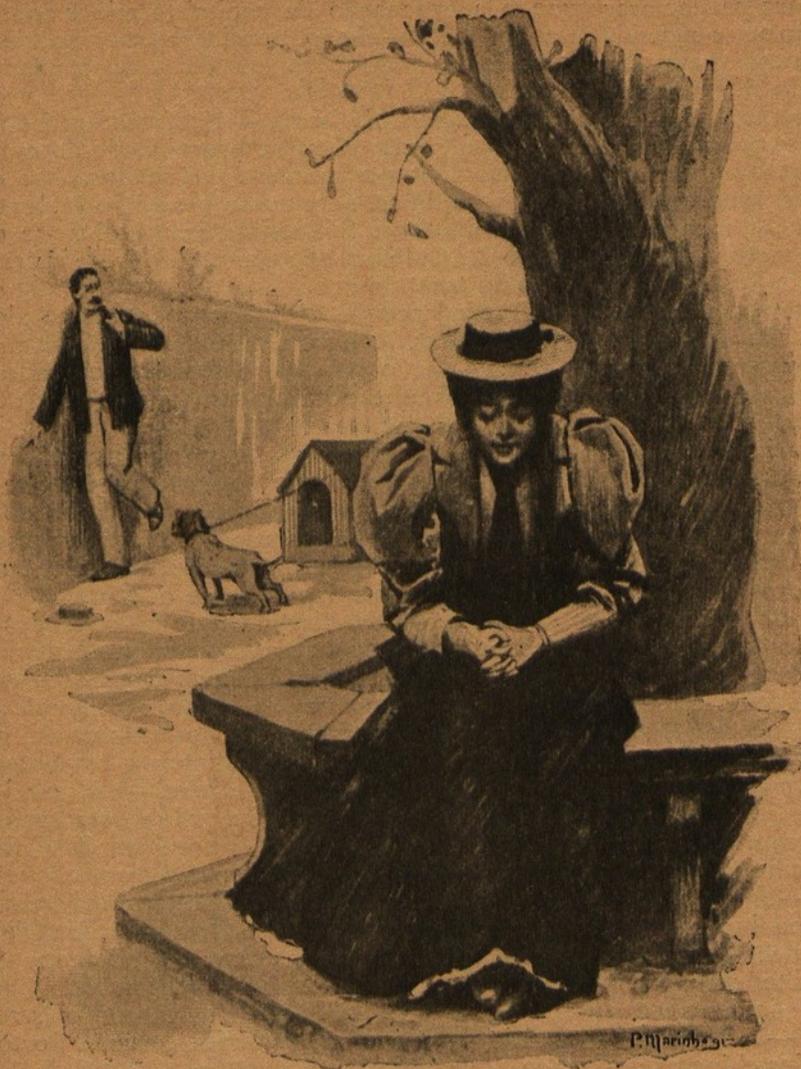
10 Principe Galitzin, em New York, morre em extrema miseria.

12 ERRAGUREZ, em Buenos Ayres, ministro da justiça da republica Argentina.

18 TOM LANE em Londres, celebre jockey, victima de uma congestão pulmonar.

21 MADAME KRUGER, esposa de Paulo Kruger, presidente da Republica do Transwaal.





MOMENTOS DE DUVIDA

ELLA — *Porque motivo não veio «elle» ainda?...*

### Resoluções dos problemas do numero anterior

N.º 6 — A viagem durou 18 dias e percorreu em cada dia 35 kilometros.

N.º 7 — *Xadrez* — Tendo sahido errada a composição do problema de xadrez do numero anterior, do que pedimos desculpa aos leitores, damos agora a collocação das peças e a solução respectiva:

**PROBLEMA.**—PRETOS, 4 peças (em cima)—P. 2 C. R.—P. 3 B. R.—R. 4 R.—P. 6 B. R.—BRANCOS, 6 peças (em baixo)—P. 2 R.—T. 2 B. R.—P. 3 C. R.—B. 4 R.—P. 5 Ra.—P. 5 Ra.—R. 5 B. Kai—Os Brancos jogam e dão mate em 4 lanços.

**RESOLUÇÃO.**—1. B 2 B Ra                    1. P 3 C R.  
2. T 5 B R                                    2. P. come P.  
3. P 3 R.                                        3. P. joga  
4. P come P xeque e mate.

### PROBLEMA

Num. 8

Uma dama entrega ao seu joalheiro 18 brilhantes para montar n'uma cruz latina, de maneira que, partindo do pé da cruz e contando de baixo para cima, assim como de

da cruz para cada braço transversal se conte sempre 10 brilhantes. O joalheiro resolve-lhe o problema, mas acrescenta que poderá satisfazer-lhe o mesmo desejo com 16 brilhantes, ficando assim para a dama 2 que montará em brincos, o que é mais vantajoso para a dama e para elle, que tem mais obra a fazer. Como se dispõem os brilhantes nas duas hypotheses?

Num. 9

Um lojista que vende café possui 8 qualidades distintas de que quer fazer misturas para venda, entrando em cada uma tres d'aquellas qualidades. Quantas misturas diferentes poderá elle fazer?

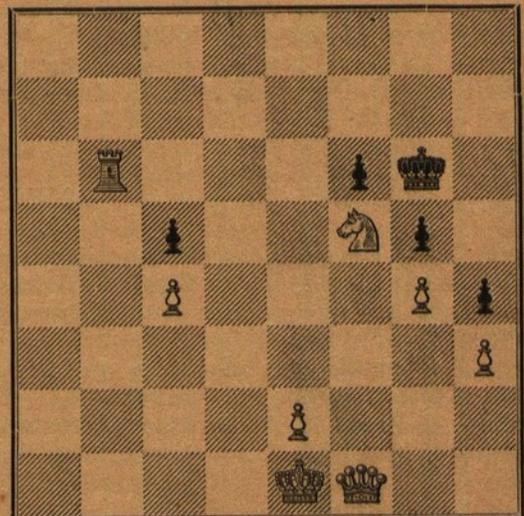
Num. 10

Um regimento forma em quadrado, de 4 filas de homens, ficando o centro livre. Se o regimento tivesse menos 23 soldados, poder-se hia formar com os restantes um quadrado cheio, tal que o numero de soldados por cada lado fosse igual aos  $\frac{4}{11}$ , menos 1 soldado, do numero de homens que formavam o lado do primeiro quadrado. Quantos soldados tem o regimento?

### PROBLEMA DE XADREZ

Num. 11

PRETOS (5 peças)



BRANCOS (8 peças)

Os brancos jogam, e dão mate em tres lanços